A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • AGOSTO DE 1994



A LIAHONA

AGOSTO DE 1994



Na capa:
Há quatro anos, Irene Gozzi esteve entre as 130 participantes de um acampamento multiestaca da Organização das Moças, na Itália. O acampamento ainda hoje influencia as participantes. Ver "Lembranças da Luz", página 34. Fotografia da capa de Don Thorpe.

Capa da *Seção Infantil*:
Embora viva em uma ilha conhecida por seus mitos e lendas, Illiam Jones sabe onde está a verdade. Ver "Illiam Jones, da Ilha de Man", página 14. Fotografia de Richard M. Romney.

ÍNDICE

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: E SAINDO PEDRO . . . CHOROU AMARGAMENTE 2

"SABIA QUE ELA ESTARIA AQUI HOJE" OLE M.SMITH 8

DÁDIVAS DA ANTIGA ISRAEL LYNETTE H. KELLEY 14

QUANDO TODOS HOUVEREM FALADO BRENT A. BARLOW 18

FOLHETO NA ÁGUA GAMALIEL ALCIDES VÁSQUEZ 22

AJUDAR AS CRIANÇAS A OUVIREM A VOZ MANSA E DELICADA C. TERRY E SUSAN L. WARNER 26

NOSSO DIA DE SEMEADURA NETZAHUALCOYOTL SAKUBAS V. 32

MINHA ROSEIRA 40

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

ALVIN MARTINEZ: TORNAR-SE GRANDE COMO UM ARRANHA-CÉU MILES TUASON 10

LEMBRANÇAS DA LUZ DON E CATHERINE THORPE 34

DE TODO O CORAÇÃO SETH H. BOYLE 44

ERGA-SE E DEFENDA SUA CRENÇA ÉLDER JAMES E. FAUST 46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: FREQÜENTAR O TEMPLO: DESAFIOS E BÊNÇÃOS 25

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: ALMA ACONSELHA SEUS FILHOS 2

SÓ PARA DIVERTIR 5

FICÇÃO: BARRA DE CHOCOLATE JANE MCBRIDE CHOATE 6

TEMPO DE COMPARTILHAR: EXAMINAI AS ESCRITURAS JUDY EDWARDS 10

FICÇÃO PARA OS AMIGUINHOS: O DIA DA BIGA MICHELLE BRUMM OLIVER 12

FAZER AMIGOS: ILLIAN JONES, DA ILHA DE MAN RICHARD M. ROMNEY 14

AGOSTO de 1994, Vol. 18, nº 8
A LIAHONA, 94988 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Howard W. Hunter, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quórum dos Doze: Gordon B. Hinckley, Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales

Editor: Rex D. Pinegar, Joe J. Christensen

Consultores: William R. Bradford, Spencer J. Condie, John H. Groberg

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

International Magazines:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: MaryAnn Martindale
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler, Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Equipe de Subscrições:
Diretor de Circulação: Thomas L. Peterson
Gerente de Circulação: Joyce Hansen
Gerente de Marketing: Kent H. Sorensen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes
REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:
Departamento de Assinaturas,
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP.
Preço da assinatura anual para o Brasil: **R$ 7,80**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples US$ 5,00, aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **R$ 0,65**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1,00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

UM GUIA IMPORTANTE

Leio todos os números de A *Liahona* (português) desde que fui batizado em dezembro de 1965. Penso que a revista é um importante guia espiritual para as famílias SUD.

Gosto especialmente de ler sobre nossos irmãos e irmãs no evangelho de todas as partes do mundo.

Sou grato a todos aqueles que colaboram com a revista. Sua leitura tem-me ajudado a crescer espiritualmente e a tornar-me uma pessoa melhor.

João Guarnirri
São Paulo, Brasil

LINDAS MENSAGENS

Tive o primeiro contato com os missionários em 1992. Durante a primeira palestra, senti algo especial no coração. Nas palestras seguintes, aprendi princípios do evangelho que nem sabia existirem. A primeira vez que assisti a uma reunião da Igreja, os membros me receberam calorosamente, como se já me conhecessem.

Fui o primeiro membro de minha família a ser batizado. Agora, minhas duas irmãs também são membros e meu pai está lendo o Livro de Mórmon.

Já faz alguns meses que tenho recebido a *Liahona* (espanhol) e estou muito contente com seu conteúdo.

No exemplar de fevereiro de 1993, o Presidente Thomas S. Monson escreveu o artigo: "Os Caminhos por Onde Jesus Andou". Foi uma linda Mensagem da Primeira Presidência. Fui profundamente tocada por seu conselho: "Num sentido muito real, todos podemos andar por onde Jesus andou—tendo nos lábios suas palavras, no coração seu espírito e em nossa vida seus pensamentos—enquanto passamos pela mortalidade".

A revista contém mensagens que ensinam tanto! Os artigos a respeito dos santos e seu testemunho não só ajudam a mim, mas também podem ajudar a outros que ainda não são membros da Igreja.

Wanda Rivera
Ramo Isabela
Estaca Mayaguez Porto Rico

ESPIRITUALMENTE REVIGORANTE

L'Etoile (francês) é uma revista que aprecio muito.

Gosto de ler as Mensagens da Primeira Presidência e as experiências dos santos dos últimos dias de todo o mundo.

A revista me revigora espiritualmente todo mês. Fico à espera de cada nova edição.

Grato por seu trabalho.

Léonard Heo-Moun
Ala Hitiaa
Estaca Paea Taiti

NOTA DO EDITOR

Agradecemos imensamente a nossos fiéis leitores e os convidamos a nos mandar cartas, artigos e histórias. Idioma não é problema. Inclua o nome e endereço completos e a ala e estaca (ramo e distrito). Nosso endereço é: International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, USA.

DETALHE DE *A NEGAÇÃO DE PEDRO* DE CARL BLOCH. O ORIGINAL ENCONTRA-SE NA CAPELA DO CASTELO DE FREDERIKSBORG, NA DINAMARCA. USADO COM PERMISSÃO DO MUSEU DE FREDERIKSBORG.

E Saindo Pedro . . . Chorou Amargamente

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Gostaria de relembrar-vos aquela medonha noite em Jerusalém e suas cercanias, após concluir-se a Última Ceia. Jesus e seus discípulos deixaram a cidade e foram ao Monte das Oliveiras. Sabendo que Sua imensa provação se aproximava, Jesus falou àqueles a quem amava, dizendo-lhes: "Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim [ou seja, me abandonareis] . . .

Mas Pedro respondendo, disse-lhe: Ainda que todos se escandalizem em ti, nunca me escandalizarei.

Disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, três vezes me negarás.

Disse-lhe Pedro: Ainda que me seja mister morrer contigo, não te negarei" (Mateus 26:31, 33–35).

Seguiram-se, logo após, a terrível agonia no Jardim do Getsêmani e a traição. Ao se aproximarem da corte de Caifás, "Pedro o seguiu . . . ao pátio do sumo sacerdote e, entrando, assentou-se entre os criados, para ver o fim" (Mateus 26:58).

Pedro declarou que nunca negaria o Senhor, mas a fraqueza da carne dominou-o e, sob a pressão acusadora, sua determinação fraquejou. Reconhecendo, porém, sua fraqueza e seu erro, saiu dali e chorou.

DETALHE DE *A NEGAÇÃO DE PEDRO* DE CARL BLOCH. O ORIGINAL ENCONTRA-SE NA CAPELA DO CASTELO DE FREDERIKSBORG, NA DINAMARCA. USADO COM PERMISSÃO DO MUSEU DE FREDERIKSBORG.

No desenrolar daquele simulacro de julgamento, enquanto os acusadores de Jesus lhe cuspiam no rosto, esbofeteavam-no e agrediam-no com socos, uma criada, vendo Pedro, disse:

"Tu também estavas com Jesus, o galileu.

Mas ele negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes.

E, saindo para o vestíbulo, outra criada o viu, e disse aos que ali estavam: Este também estava com Jesus, o nazareno.

E ele negou outra vez com juramento: Não conheço tal homem.

E daí a pouco, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Verdadeiramente também tu és deles, pois a tua fala te denuncia.

Então começou ele a praguejar e a jurar dizendo: Não conheço esse homem. E imediatamente o galo cantou.

E lembrou-se Pedro das palavras de Jesus, que lhe dissera: Antes que o galo cante, três vezes me negarás. *E, saindo dali, chorou amargamente*" (Mateus 26:69–75; grifo nosso).

Quão dramáticas são essas palavras! Pedro, afirmando lealdade, determinação, resolução, disse que nunca o negaria, mas a fraqueza da carne dominou-o e, sob a pressão acusadora, sua determinação fraquejou. Reconhecendo, porém, sua debilidade e seu erro, saiu dali e chorou.

A TRAGÉDIA DE GRANDES OBJETIVOS MAS PEQUENAS REALIZAÇÕES

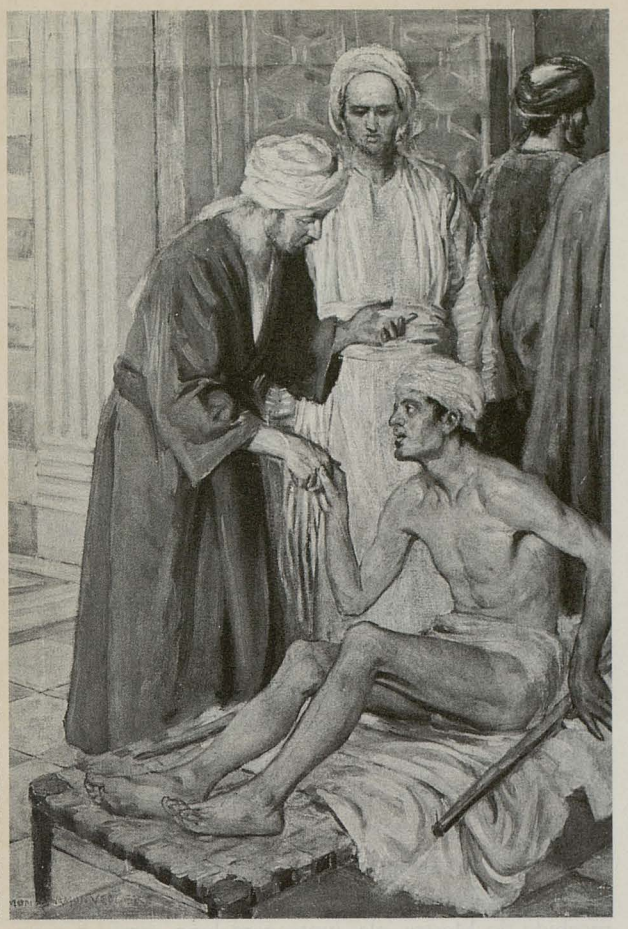
Ao ler esse relato, compadeço-me de Pedro. Muitos de nós somos semelhantes a ele. Garantimos nossa lealdade; expressamos nossa determinação de sermos corajosos; declaramos, algumas vezes publicamente, que, aconteça o que acontecer, faremos o que é certo, apoiaremos as causas certas e seremos verdadeiros para com nós mesmos e para com os outros.

Sobrevêm, porém, as pressões. Algumas são de natureza social, outras são apetites pessoais e, algumas vezes, manifestam-se na forma de falsas ambições. A força de vontade se enfraquece, a disciplina esmorece e vem a capitulação. Seguem-se o remorso, a auto-acusação e as lágrimas amargas do arrependimento.

Vemos freqüentemente um outro tipo de tragédia: pessoas que têm grandes objetivos mas que realizam pouco. Os motivos são nobres, suas intenções são dignas de louvores, sua capacidade é grande, mas sua disciplina é fraca. Tais pessoas sucumbem à indolência e sua falta de esforços rouba-lhes a vontade.

Lembro-me de um homem que conheci e que não era membro da Igreja. Era formado por uma grande universidade e tinha um potencial ilimitado. Um rapaz com excelente nível de instrução e muitas perspectivas, ele sonhava com as estrelas e parecia dirigir-se a elas. Na companhia onde trabalhava enquanto jovem, foi promovido de uma função a outra, cada uma com melhores oportunidades que a anterior. Em poucos anos, estava nos mais altos escalões da empresa. Devido a suas funções, ia a muitos coquetéis. Como muitos outros, não conseguiu controlar-se, tornando-se um alcoólatra, vítima de um apetite que não conseguia dominar. Ele buscou ajuda mas era orgulhoso demais para submeter-se ao regime que lhe fora imposto por aqueles que tentavam auxiliá-lo.

Desmoronou como uma estrela cadente, sucumbindo tragicamente e desaparecendo na noite. Perguntei a diversos amigos e finalmente fiquei sabendo a verdade a respeito de seu trágico fim. Ele, que começara com



PEDRO CURA O COXO DE SIMON VEDDER

Pedro disse ao coxo: "Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou: Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda. (. . .) E, saltando ele, pôs-se em pé, e andou, . . . louvando a Deus" (Atos 3:6,8).

objetivos dos mais elevados e com um talento impressionante, morrera na sarjeta em uma de nossas grandes cidades. Ele tinha certeza de sua força e capacidade de atingir seu potencial. No entanto, negou-se essa capacidade. Tenho certeza de que, ao ver seu mundo desmoronar-se, ele deve ter chorado amargamente.

Lembro-me do exemplo de outro homem que conheci bem. Ele entrou para a Igreja há muito tempo, quando eu era missionário nas Ilhas Britânicas. Ele fumava e, logo após tornar-se membro da Igreja, orou para que tivesse forças e o Senhor respondeu a suas orações, dando-lhe força para vencer o hábito. Ele buscava a Deus e vivia num estado de felicidade que jamais conhecera anteriormente, mas algo aconteceu: as pressões sociais e familiares apoderaram-se dele e sucumbiu a seus apetites. O cheiro do tabaco seduziu-o. Encontrei-me com ele alguns anos mais tarde e conversamos a respeito dos velhos e melhores dias que conhecera. Ele chorou amargamente. Culpou isso e aquilo e, ao fazê-lo, tive o desejo de repetir-lhe as palavras de Cássio:

A culpa, caro Brutus, não está nas estrelas,
Mas em nós, que somos subordinados a elas.

(William Shakespeare, *Júlio César*, Ato I, Cena 2, versos 140–141.)

Poderia continuar a falar-vos a respeito daqueles que começam com objetivos nobres mas reduzem seu ritmo ou daqueles que começam com toda força mas chegam fracos ao final. Há muitos no jogo da vida que saem bem na largada não conseguindo, no entanto, marcar pontos e classificar-se no final. Essas pessoas tendem a viver para si mesmas, negando seus instintos de generosidade, apegando-se às coisas materiais e, em seu modo de viver egoísta e insípido, não compartilham os talentos ou a fé com os outros. Disse o Senhor a respeito delas: "E esta será a vossa lamentação no dia da visitação, do julgamento e da indignação: Passada é a colheita, findo é o verão, e a minha alma não está salva!" (D&C 56:16.)

Desejo também falar a respeito daqueles que professam amor ao Senhor e Seu trabalho e a seguir O negam, seja pela palavra ou pelo silêncio.

A TRAGÉDIA DA PERDA DA FÉ

Lembro-me de um rapaz de grande fé e devoção. Ele foi meu amigo e mentor durante um período muito melindroso de minha vida. Seu modo de viver e o entusiasmo com que trabalhava evidenciavam seu amor pelo Senhor e pelo serviço da Igreja. Entretanto, foi

vagarosamente desviado do caminho pelos elogios das pessoas com quem se associava e que viam nele uma maneira de terem sucesso nos empreendimentos dos quais participavam juntos. Em vez de conduzi-los em direção à fé e a seu modo de comportar-se, ele foi, aos poucos, sucumbindo aos atrativos do lado oposto.

Ele nunca falou contra a fé pela qual vivera. Não havia necessidade. Seu novo modo de vida era evidência suficiente de que a abandonara. Os anos passaram-se e encontrei-me com ele novamente. Falou-me de modo desiludido. Com voz baixa e olhando para o chão, contou-me a respeito de como vagara ao léu ao separar-se da âncora que era sua tão amada fé. Então, ao concluir seu relato, como Pedro, ele chorou.

Há alguns anos, conversei com um amigo sobre um conhecido que tínhamos em comum, um homem muito respeitado em sua carreira: "Mas o que me diz de sua atividade na Igreja?" perguntei. Meu amigo respondeu: "Em seu coração, ele sabe que é verdadeira, mas tem medo dela. Ele teme que, caso dê a conhecer sua associação com a Igreja e viva seus padrões, seja excluído do meio social em que vive".

Refleti: "Chegará o dia, talvez em sua velhice, quando, em momentos de reflexão, este homem descobrirá que trocou sua primogenitura por um prato de lentilhas (ver Gênesis 25:34); e haverá remorso, sofrimento e lágrimas, pois ele perceberá que negou não somente o Senhor em sua própria vida, mas também O negou a seus filhos que terão crescido sem uma fé que lhes sirva de apoio".

O próprio Senhor disse: "Porquanto, qualquer que, entre esta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e de minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos" (Marcos 8:38).

PEDRO ARREPENDE-SE E PROVA SUA FIDELIDADE

Voltemos a Pedro, que negou Cristo e chorou. Reconhecendo o erro e arrependendo-se de sua fraqueza, ele se transformou e tornou-se uma potente voz a prestar testemunho do Senhor ressuscitado. Ele, o apóstolo mais antigo, dedicou o restante da vida a testificar a respeito da missão, da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, o Filho vivo do Deus vivo. Pregou o comovente sermão do dia de Pentecostes, quando a multidão foi tocada pelo poder do Espírito Santo. Pela autoridade do sacerdócio recebido do Mestre, ele, junto com João, curou o coxo, milagre esse que lhe trouxe perseguição. Sem temor, falou por seus irmãos ao serem levados diante do Sinédrio. Foi dele a visão que fez com que o evangelho fosse levado aos gentios. (Ver Atos 2–4, 10.)

Conta a tradição que ele foi acorrentado e aprisionado e sofreu uma horrível morte ao ser martirizado como uma testemunha daquele que o chamara a deixar suas redes e tornar-se pescador de homens. (Ver Mateus 4:19.) Manteve-se fiel e verdadeiro à grande e imperiosa responsabilidade dada quando o Senhor ressuscitado, na instrução final aos onze apóstolos, encarregou-os de irem e ensinarem "todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mateus 28:19). E foi ele que, junto com Tiago e João, voltou à Terra nesta dispensação para conferir o santo sacerdócio ao Profeta Joseph Smith, sob cuja autoridade divina a Igreja de Jesus Cristo foi organizada nestes últimos dias e sob cuja mesma autoridade ela funciona atualmente. Pedro realizou esses e muitos outros trabalhos significativos, o mesmo Pedro que negara Cristo e sofrera, e que sobrepujou seu erro para levar avante o trabalho do Senhor após Sua ascensão e participar da restauração de tal trabalho na dispensação atual.



PEDRO E JOÃO DIANTE DOS GOVERNANTES DE JERUSALÉM, DE SIMON VEDDER

Acusado de haver curado o coxo, Pedro destemidamente falou por seus irmãos diante do Sinédrio. Prestando testemunho de Jesus Cristo, declarou: "Porque também debaixo do céu nenhum outro nome há . . . pelo qual devamos ser salvos" (Atos 4:12).

DECISÃO DE VOLTAR À VERDADE

Se houver na Igreja aqueles que, por palavras ou ações, tenham negado a fé, oro para que encontrem conforto e decisão no exemplo de Pedro, que, apesar de caminhar diariamente ao lado de Cristo, num momento extremo, ainda que breve, negou o Senhor e o testemunho que tinha em seu próprio coração, mas conseguiu sobrepujar seu erro e tornou-se um grande defensor e um incansável protetor. Portanto, qualquer pessoa pode transformar-se e somar sua força e sua fé à força e fé de outros para construírem o reino de Deus.

Conheço um homem excelente que cresceu amando a Igreja, mas ao envolver-se no mundo dos negócios, ficou obcecado pela ambição e começou a negar a fé. Seu modo de vida tornou-se quase um repúdio à sua lealdade. Então, felizmente, antes que tivesse ido muito longe, ouviu os sussurros da voz mansa e suave e sentiu o remorso que o salvou. Mudou de direção e tornou-se o presidente de uma grande estaca de Sião.

Meus amados irmãos, vós que talvez vos tenhais desviado do caminho, a Igreja precisa de vós e vós precisais da Igreja. Encontrareis muitos ouvidos prontos a escutar e entender. Haverá muitas mãos para ajudar-vos a encontrar o caminho de volta. Haverá corações para acalentar os vossos. Haverá lágrimas, não de amargura, mas de alegria.

Que o Senhor vos toque pelo poder de Seu Espírito, a fim de aumentar vosso desejo. Que Ele possa fortalecer vosso poder de decisão. Que vosso gozo seja pleno e vossa paz seja doce e satisfatória ao retornardes ao que, em vossos corações, sabeis ser verdadeiro. □

SUGESTÕES PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. No princípio, Pedro afirmou sua lealdade, mas, sob pressão, sua determinação fraquejou.

2. A mensagem da história de Pedro é que, uma vez reconhecido seu erro, se arrependeu e se tornou um grande servo do Senhor.

3. Como Pedro, muitos de nós afirmamos lealdade e garantimos que seremos fiéis, mas as pressões sobrevêm, nossa força de vontade esmorece e capitulamos. Lágrimas de arrependimento virão depois.

4. A menos que apliquemos o exemplo do arrependimento de Pedro, um dia lamentaremos: "Passada é a colheita, findo é o verão, e a minha alma não está salva!" (D&C 56:16.)

5. Qualquer pessoa pode sobrepujar a fraqueza e somar sua força à de outros para construírem o reino de Deus.

"Sabia que Ela Estaria Aqui Hoje"

Ole M. Smith

Quando eu morava em Porto Rico, há vários anos, tinha um companheiro de visitas de mestre familiar que, como eu, havia nascido na Igreja e era ex-missionário. Nós dois confiávamos em nosso conhecimento do evangelho. Aprendemos, porém, uma grande lição com um menino de oito anos de idade que não fez mais do que exercitar a fé simples pela qual todos nós somos aconselhados a viver.

Bill e eu fôramos designados para visitar a irmã Lambert, senhora idosa, um dos primeiros membros de Porto Rico. Ela, porém, começara a dedicar mais tempo a seu negócio de plantas e sementes, depois que o marido a deixou. Nós a víamos cada vez menos nas reuniões e atividades da Igreja.

Ficara também mais difícil encontrá-la em casa. Bill e eu, contudo, conseguíamos visitá-la regularmente. Todo mês, aparecíamos com lições especialmente preparadas e fazíamos o melhor que podíamos. Nada, porém, parecia funcionar. Ela dizia que tinha um forte testemunho do evangelho, mas, ainda assim, não comparecia à Igreja.

Um domingo, telefonei à irmã Lambert para saber se já havia chegado em casa. Quando ela atendeu ao telefone, percebi que Bill e eu devíamos visitá-la de imediato. Infelizmente, porém, Bill estava fora, em uma designação do sumo conselho.

Minha cabeça rapidamente se pôs a trabalhar em busca de idéias e, após descartar muitas, a melhor me veio à mente: Levar meu filho recém-batizado, Trent, comigo.

"Ponha uma gravata, Trent", disse-lhe eu. "Nós dois vamos fazer uma visita de mestre familiar."

Ele ficou surpreso, mas orgulhosamente apanhou a gravata, enrolou-a no pescoço e lá fomos nós.

No caminho para a casa da irmã Lambert, senti-me inspirado a deixar que Trent desse a mensagem. Assim, enquanto dirigia, discuti o tema com ele. Quando chegamos, ele estava pronto.

Ainda me lembro do sorriso da irmã Lambert ao cumprimentar meu jovem filho. Depois de conversarmos um pouco, Trent deu uma bela aula. Fomos embora satisfeitos com nossa visita.

Após algumas semanas, na noite anterior ao domingo de jejum, lembrei a Trent a meta que ele próprio estabelecera, de jejuar nos dias de jejum. Falei das bênçãos que provêm do jejum e expliquei que devemos jejuar com um propósito. "Se for um desejo justo", eu disse, "o Senhor nos ajudará a torná-lo realidade".

"Eu sei, pai", ele respondeu. "Já tenho um propósito especial para meu jejum."

Quando entramos na capela naquela tarde, eu mal pude acreditar. Havia muito tempo que ela não ia à Igreja, mas lá estava ela—irmã Lambert!

Levou algum tempo, pensei, mas Bill e eu finalmente conseguimos. Ela afinal ouviu nossas mensagens e sentiu o quanto nos importávamos com ela.

Então, para que Trent também participasse da emoção daquele momento, inclinei-me para ele e sussurrei: "Não está feliz e surpreso que a irmã Lambert esteja aqui hoje? Você ajudou, sabia?"

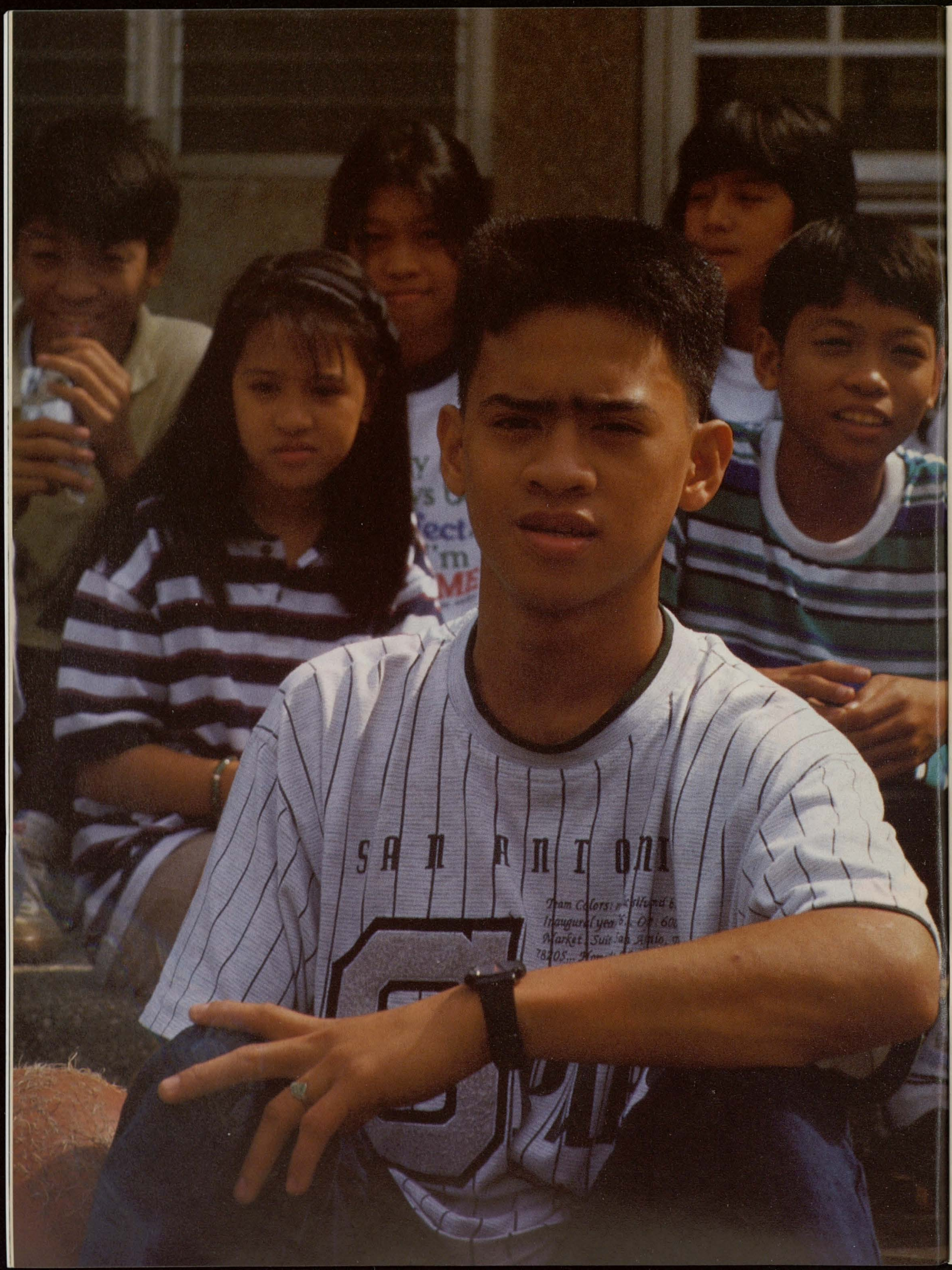
Sua resposta deixou-me sem voz. "Estou muito feliz, pai", ele disse, "mas não estou surpreso. Eu jejuei para que ela voltasse para a Igreja. Sabia que ela estaria aqui hoje".

Agradeci pela oportunidade de ver vidas—a da irmã Lambert e a minha própria—serem tocadas pela fé que uma criança teve no jejum. □

FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE



FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE



FOTOGRAFÍA DE MILES TUASON

ALVIN MARTINEZ: TORNAR-SE GRANDE COMO UM ARRANHA-CÉU

Miles Tuason

A capela simples da Avenida Buendia em Manila, capital das Filipinas, parece meio deslocada em contraste com os vizinhos nada simples. A capela, que também é a sede da Estaca Makati, está cercada por alguns dos arranha-céus mais altos de Manila e situa-se em uma área anteriormente ocupada por um pântano sem valor imobiliário.

Em sua quadra, as atividades comuns, como uma competição esportiva entre os jovens da estaca, tornam-se extraordinárias. Por exemplo, observe a equipe de basquete da Ala III de Mandaluyong. Repentinamente, seus olhos se concentram num rapaz cambaleando e mancando a caminho da quadra.

Um ferimento no joelho, talvez? Um pulso torcido?



Sobrepujando a timidez causada pela deficiência física, Alvin Martinez gosta de fazer parte da Igreja. Ele diz que aprecia muito estar com seus amigos da Igreja.

FOTOGRAFIA DE MILES TUASON

Não é bem isso, descobre-se logo. O rapaz é parcialmente paralítico.

DE PÂNTANOS A ARRANHA-CÉUS

Para Alvin Martinez, os desafios diários são como transformar pântanos em arranha-céus. Alvin nasceu saudável e, como todos os recém-nascidos, nas Filipinas, foi vacinado contra a poliomielite. De algum modo, porém, a vacina atacou-lhe os nervos. Sua perna e braço direitos começaram a ficar imóveis. Ao final, a vacina contra a pólio deixou todo o seu lado direito paralisado.

Seus colegas freqüentemente caçoavam dele na escola ao vê-lo mancando para chegar à sala de aula.

"É o Alvin", gritava um.

"Se o caminho é reto, por que você anda torto?", caçoava outro.

"Alvin, Alvin, *pilay*!" *Pilay* significa "manco". Essa era mais uma das zombarias que ele suportava de seus colegas normais.



Alvin é um dos rapazes mais ativos na ala, quer seja para jogar basquete, trabalhar num projeto de serviço ou freqüentar o seminário regularmente.

As galhofas, porém, não eram a única provação. Seu pai morreu repentinamente de derrame. Sofrendo com a perda na família e com os comentários maldosos dos colegas, Alvin foi se afastando da escola e das atividades da Igreja e acabou por encontrar uma outra *barkada*, ou grupo de amigos.

Em Manila, uma *barkada* é o nome dado a um grupo de amigos que edificam ou destroem. A *barkada* de Alvin era do tipo negativo. Ainda assim ele tentava manter seus padrões de membro da Igreja. "Meus amigos convidavam-me para fumar, mas eu dizia-lhes que era mórmon", lembra-se ele.

COMO DAVI E GOLIAS

Finalmente, Alvin decidiu-se pelo sucesso a despeito de suas limitações e, como Davi na antigüidade, partiu para derrotar seus próprios "Golias". Tomou a firme decisão de continuar os estudos. Sua mãe viúva, que era costureira, ficou muito feliz. Ela sempre lhe dizia que seu futuro seria melhor se tivesse um bom nível de instrução.

Na escola, Alvin encontrou uma

nova *barkada* formada de colegas que o tratavam com respeito. "Todos os meus colegas são gentis e amistosos", diz ele com alegria.

Um pouco acanhado no princípio, mas sendo espirituoso e gostando de divertir-se, Alvin começou a descobrir que a Igreja era como se fosse sua própria casa. "Gostava de ir à Igreja e de ficar com meus amigos", diz Alvin. Devido à influência de bons amigos na Igreja e dos membros do quórum do sacerdócio, seu testemunho fortaleceu-se e, com a ajuda dos líderes da juventude, acabou por voltar à atividade. Ao visitá-lo, seus amigos e líderes diziam-lhe que não devia envergonhar-se de sua deficiência. "Queríamos que ele conhecesse seu valor", lembra um dos líderes "e, ao final, ele acabou sentindo que era reconhecido". Alvin é grato pelos missionários que ensinaram sua família e ainda mais grato pelos líderes dos jovens que o ajudaram a voltar para a Igreja depois de enfrentar seus problemas.

CONTAMOS COM ELE

Alvin é hoje um dos jovens mais ativos na ala. Ele aprecia muito estar com os líderes da Igreja. "Eles não se envergonham de estar comigo", diz com alegria. "Eles nem mesmo zombam de mim". Em vez disso, é Alvin que faz brincadeiras com eles.

Sua dedicação é exemplar. Num domingo, ele conversava animadamente com outros rapazes.

"Pediram-nos que limpássemos as áreas externas da capela no próximo sábado", disse um.

"Temos outra atividade mais interessante", replicou outro.

"Vamos fazer primeiro o que nos mandaram", disse Alvin.

Chegou o sábado e, antes que os outros rapazes tivessem chegado, Alvin já estava lá com as roupas de trabalho, tendo levado consigo um primo que não era membro da Igreja.

Não se pode evitar fazer uma ligação entre Alvin e sua escritura predileta: "Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor" (1 Néfi 3:7).

Alvin foi recentemente premiado pela freqüência ao seminário, que, para os jovens de Manila, se realiza normalmente à tarde ou no princípio da noite, quando os congestionamentos de tráfego atingem o máximo. Mas Alvin chega na hora. "No que diz respeito à aplicação da lição à vida diária, Alvin tenta fazer sempre o melhor", comenta o irmão Nolan Caceres, professor do seminário.

Observa-se a mesma atitude em outras atividades. A equipe de basquete da qual ele participa ficou em segundo lugar na competição esportiva da estaca. Quando há atividades noturnas na capela, "ele jamais falta", comenta o irmão Caceres. "Contamos com ele".

GRANDES SONHOS

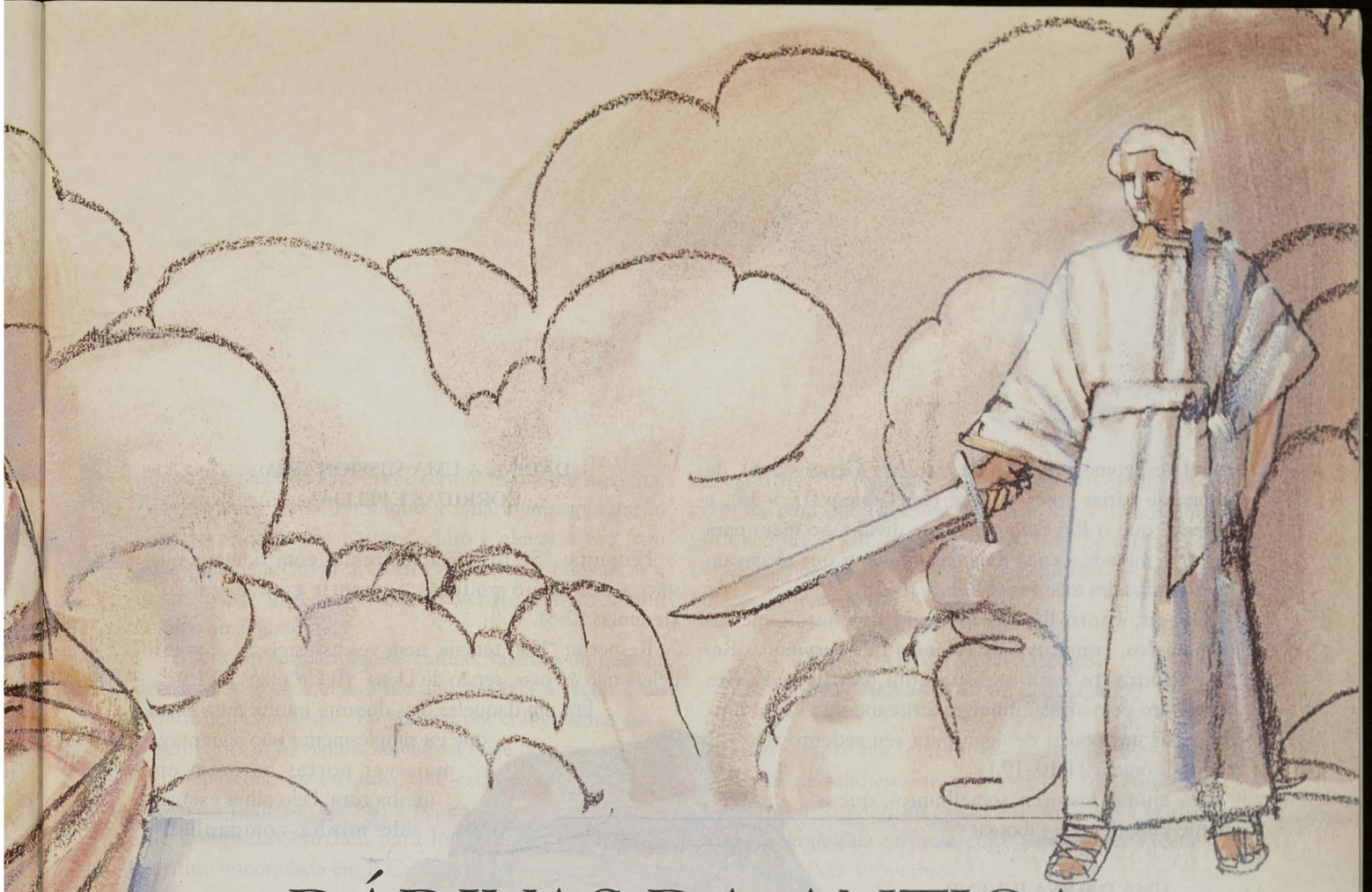
Do mesmo modo que os arranha-céus que se erguem próximos à capela, as esperanças de Alvin são bem altas. Ele sonha ter seus próprios negócios, mas sua primeira meta agora é cumprir missão. Na escola, Alvin, com sua maneira peculiar, já despertou a atenção de outros para a Igreja por seus exemplos simples, porém dedicados.

Ao ser solicitado a mencionar seu personagem predileto das escrituras, ele pensa um instante e responde: "Acho que é Moisés". Parece mesmo uma escolha adequada. Antes de aceitar o chamado do Senhor, Moisés achava que não poderia atendê-lo porque era "pesado de língua". (Ver Êxodo 4:10.) Apesar da falta de aptidão inicial, Moisés fez o que o Senhor esperava que fizesse, um exemplo que Alvin está seguindo.

Muitos filipinos com deficiências acabam internados e alguns tornam-se párias da sociedade. Alvin é uma exceção. "Ele aprendeu a fazer coisas úteis, ainda que os outros achassem que ele não seria capaz", acrescenta o irmão Caceres.

Sim, coisas úteis como jogar basquete, ir à escola e partilhar o evangelho. Alvin Martinez sabe que é possível destacar-se e, como os arranha-céus de Manila, tornar-se grande. □





DÁDIVAS DA ANTIGA ISRAEL

Lynette H. Kelley
ILUSTRADO POR LARRY WINBORG

O Velho Testamento contém muitos ensinamentos inspirados da antiga Israel, que são aplicáveis aos santos dos últimos dias do Senhor. Embora a vida nos dias de hoje seja, de muitas maneiras, diferente da dos tempos do Velho Testamento, verdades eternas são as mesmas para os filhos de Deus em todas as eras. Ao longo de minha vida, o Velho Testamento tem-me guiado. Seus muitos tesouros eu chamo "dádivas da antiga Israel".

UMA DÁDIVA DE INFÂNCIA: A JUMENTA DE BALAÃO

Balaão viajava com homens mal intencionados em relação a Israel. O Senhor enviou um anjo para detê-lo. A jumenta de Balaão viu o anjo bloqueando a passagem, mas ele não o viu. Por três vezes o animal recusou-se a seguir em frente e três vezes Balaão espancou-o. "Então o Senhor abriu a boca da jumenta, a qual disse a Balaão: Que te fiz eu, que me espancaste estas três vezes?" O Senhor abriu os olhos de Balaão e ele viu o anjo, o qual lhe disse que a jumenta lhe salvara a vida. (Ver Números 22:5–35.)

Quando eu era criança, esta espetacular história e muitas outras parecidas, emocionavam-me. Imaginem —uma jumenta falante! O Pai Celestial podia fazer maravilhosos milagres como esse.

Já como mãe, lembro-me de uma rara manhã em que me levantei da cama antes das crianças, conseguindo tempo bastante para sentar-me na ensolarada sala de estar e calmamente ler as escrituras. Não demorou muito para que um filhinho de pijama aparecesse. Esfregando os olhos sonolentos, aninhou-se em meu colo. "O que está lendo, mãe?", perguntou.

Nessas horas, passo a meus filhos as dádivas do Velho Testamento. Primeiro, conto-lhes as histórias mais

populares, como a da arca de Noé (ver Gênesis 6–8), da túnica de várias cores de José (ver Gênesis 37:3–36), e do bebê que o Rei Salomão *quase* dividiu ao meio para dar uma metade a cada uma das mulheres que alegavam ser a verdadeira mãe (ver I Reis 3:16–28).

Depois, conto-lhes as histórias dos heróis menos conhecidos, como os três valentes que serviam o Rei Davi. Durante uma batalha com os filisteus, eles romperam pelo arraial inimigo, arriscando a vida, a fim de pegar um pouco de água para seu sedento rei. (Ver I Crônicas 11:10–19.)

Há muitas histórias semelhantes, que a mente infantil pode saborear.

UMA DÁDIVA JUVENIL: A LIÇÃO DA SAÚDE DE ASA

Em meus anos de faculdade, fui atacada de pequenas doenças, uma após a outra. Cada tentativa de melhorar, com novos medicamentos receitados, parecia apenas aumentar a confusão dos sintomas. Foi então que li a respeito de Asa.

"E caiu Asa doente de seus pés no ano trinta e nove do seu reinado: grande por extremo era sua enfermidade, e contudo na sua enfermidade não buscou ao Senhor, mas antes aos médicos.

E Asa dormiu com seus pais; e morreu no ano quarenta e um do seu reinado" (II Crônicas 16:12–13).

Como Asa, eu também havia "[buscado] aos médicos" somente. Ao ler essa escritura, porém, o Espírito fez-me ver nas mãos de quem estava a minha cura. Após ter feito tudo o que a ciência médica prescrevera, eu orei, e o Senhor guiou-me e abençoou-me. Há anos estou livre daqueles problemas.

DÁDIVA A UMA MISSIONÁRIA: CORRIDAS E PELEJAS

Pergunta: "Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com cavalos?" (Jeremias 12:5).

Resposta: "Não temais, nem vos assusteis . . . ; pois a peleja não é vossa, senão de Deus" (II Crônicas 20:15).

Era um daqueles dias durante minha missão em que eu simplesmente não agüentava mais ver portas baterem em minha cara. Pelo olhar exausto de minha companheira



júnior, era fácil ver que ela se sentia da mesma maneira. Atravessamos a rua, chegando a uma imensa plantação de grãos. Subi a um barranco alto e elevei a voz para uma audiência cativa de torrões de terra e talos altos e amarelos de grãos que, com o vento, concordavam comigo amavelmente.

Proferi um sermão àquele campo, falando do quanto desejava ensinar a ceifa viva da qual fala a seção 4 de Doutrina e Convênios. Eu ansiava por colher almas para o Senhor. Não havíamos lançado a foice com toda nossa força? Parecia, no entanto, que estávamos no mesmo passo dos homens que vão a pé, enquanto nossas metas não cumpridas corriam para longe como cavalos. A escritura encontrada em II Crônicas deu-nos uma nova e confortante perspectiva, ao fazer-nos lembrar de quem era a batalha. A colheita do Senhor está para acontecer em breve, e os vencedores das pelejas e corridas da mortalidade não são determinados por julgamentos mortais.

UMA DÁDIVA DE PAI: "QUEM DERA QUE ELES TIVESSEM TAL CORAÇÃO"

Logo após nosso casamento, eu e meu marido estávamos hospedados em casa de amigos; todos se haviam recolhido tarde, após uma agitada noite de conversas e atividades. Eu e meu marido estávamos quase adormecidos quando nos lembramos de que não havíamos cumprido nossa meta diária de leitura das escrituras. Em vez de acender as luzes e começar a vasculhar nossas malas em busca das obras-padrão, decidimos que, um por vez, citaríamos nossas passagens prediletas.

Foi a primeira vez que ouvi a escritura: "Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem, e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos para sempre!" (Deuteronômio 5:29).

Pude distinguir, pela voz pausada e abafada de meu marido, com que sinceridade ele desejava que as palavras da escritura se realizassem—que *nós* tivéssemos tal coração, para que bem nos fosse a nós e a nossos filhos para sempre. Hoje, esse versículo está pendurado na parede de nossa sala de estar. É a receita familiar para um lar eternamente feliz.

UMA DÁDIVA ÀS MULHERES: "MULHERES SÁBIAS DE CORAÇÃO"

Tento sempre me lembrar do contraste entre duas descrições de mulheres encontradas em Provérbios. Há vinte e dois versículos exaltando louváveis feitos e atributos da mulher virtuosa cujo "valor muito excede o de rubins". (Ver Provérbios 31:10–31.) Comparar com Provérbios 21:19: "Melhor é morar numa terra deserta do que com a mulher rixosa e iracunda".

O Velho Testamento é repleto de exemplos de mulheres fiéis e justas. Eu reverencio as mulheres "sábias de coração" da antiga Israel. (Ver Êxodo 35:25.) Louvo Rebeca pela revelação recebida do Senhor, de que duas nações surgiriam dos gêmeos ainda em seu ventre. (Ver Gênesis 25:21–23.) Suspiro com a corte de sete anos a Raquel, com seu inesperado final. (Ver Gênesis 29: 18–28.) Maravilho-me com a obediência de Sara à lei (ver D&C 132:34) e, com Ana, choro por um filho (ver Samuel 1:4–16). Fico admirada com a liderança de Débora (ver Juízes 4–5) e com a fé da mãe de Sansão, quando conversou com um anjo (ver Juízes 13). Oro para que eu aprenda e siga o exemplo da abnegação de Eva (ver Moisés 5:11), da coragem de Ester (ver Ester 4–5) e da devoção de Rute (ver Rute 1). Espero viver como Abigail e ser citada como uma "mulher de bom entendimento e formosa" (ver I Samuel 25:3).

Tenho recebido dádivas do Velho Testamento, nos momentos certos, ao longo de minha vida: uma jumenta falante, os pés de Asa, corridas e pelejas, um coração obediente e mulheres exemplares. Essas dádivas de Deus, miraculosamente preservadas, estão ao nosso dispor e poderiam muito bem levar o título: "Para: Moderna Israel. De: Antiga Israel. Preste Muita Atenção". □

Quando Todos

Brent A. Barlow
FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON



Melhore suas aulas com debates animados e instrutivos.

Você foi chamado para dar aula de Doutrina do Evangelho na ala. Passou horas pesquisando o tema e examinando a lição. No domingo, confiante, você começa a aula. Após meia hora citando escrituras e falando à classe sobre os assuntos sugeridos pelo manual, porém, você percebe alguns bocejos disfarçados e olhares vazios. O que está errado?

O Senhor delineou um modelo para o ensino em sala de aula: "Dentre vós designai um mestre, e que não falem todos ao mesmo tempo; mas que cada um fale a seu tempo, e que todos ouçam as palavras do que fala, para que quando todos houverem falado, todos se achem edificados, e que todos tenham privilégios iguais" (D&C 88:122).

O debate em classe é um eficiente método de ensino. Pode criar entre os alunos um processo de descoberta que animará qualquer aula.

Quando o Salvador esteve na Terra, freqüentemente usou esse método, fazendo perguntas para ensinar o evangelho. Por exemplo, quando Simão, o fariseu, censurou Jesus por permitir que a mulher "pecadora" lhe tocasse os pés e os lavasse com lágrimas, Jesus contou a parábola dos dois devedores (ver Lucas 7:36–50): Um deles devia a certo credor cinqüenta dinheiros, o outro, quinhentos. Como nenhum dos devedores tinha dinheiro, o credor perdoou a ambos. Então, Jesus fez a Simão a seguinte pergunta: "Dize pois: qual deles o amará mais?" (Versículo 42.)

A participação da classe nas aulas da Igreja tem sido cada vez mais

os Houverem Falado



incentivada. Por exemplo, no manual do professor de Doutrina do Evangelho do ano de 1990 encontramos as seguintes sugestões: "Como professor, você deve preocupar-se mais em ajudar os alunos a participarem, do que fazer uma palestra. Tendo estudado as escrituras em espírito de oração, os alunos devem ensinar e edificar uns aos outros (ver D&C 88:118, 122). A participação ajuda a ter o Espírito na classe e motiva os alunos a aplicarem e viverem os princípios das escrituras" (página vii).

Podemos mais eficazmente envolver toda a classe no processo de aprendizagem, usando as seguintes sugestões:

TÉCNICAS DE DEBATE EM CLASSE

Antes de iniciar o debate em classe, determine qual, especificamente, deve ser o resultado. Que informação quer transmitir? Que conceitos quer que os alunos desenvolvam? A que ponto deseja chegar? Fazer antecipadamente uma lista destes itens irá ajudá-lo a mantê-los em mente e a concentrar a aula no objetivo de extrair dos alunos opiniões sobre os tópicos da aula.

O método mais usado de criar um debate em classe é o de fazer perguntas. Há muitas maneiras diferentes de utilizá-lo:

1. Faça uma pergunta genérica que tenha várias respostas, por exemplo: "O que o incentiva a ler as escrituras regularmente?"

A pergunta genérica leva os alunos a pensarem, pois não sabem se serão chamados a dar uma resposta. Após fazer a pergunta, você pode escolher dentre os alunos aquele que parecer disposto a fazer um comentário.

2. Faça uma pergunta genérica e, após uma pausa, peça a alguém que responda. Por exemplo: "Que passagem das escrituras tem sido de grande auxílio para vocês em seu casamento?" . . . (pausa) . . . "João, alguma escritura lhe vem à mente?"

Antes de fazer esse tipo de pergunta, você pode dar a entender que chamará alguém para responder. Praticamente todos começarão a pensar em algo a dizer.

3. Faça uma pergunta específica a um membro da classe. Use seu melhor discernimento a fim de não causar conflito ou embaraçar alguém sem querer. Por exemplo: "Irmão Carlos, o que poderia fazer se seu filho de dezessete anos quisesse ir ao cinema com amigos em vez de participar da noite familiar?"

Um modo de envolver alunos que hesitam em responder a perguntas individuais é fazer-lhes perguntas



cuja resposta seja "sim" ou "não". Por exemplo: "Irmã Silvia, acha que o período da manhã é o melhor para estudar as escrituras?"

Após o "sim" ou o "não", você pode verificar se a pessoa tem qualquer comentário adicional. Se não, prossiga com a lição.

4. Divida a classe em grupos de três a cinco para que debatam alguma pergunta ou tópico específico. Procure fazer com que cada grupo tenha componentes masculinos e femininos. A pergunta ou tópico deve ser claramente compreendido e deve relacionar-se com o tema da lição. Peça que cada grupo designe um porta-voz das conclusões e pensamentos do grupo. Por exemplo: "Debatam três maneiras de melhorar a noite familiar".

Deve-se fazer debate em grupos pequenos somente quando o tempo da aula for apropriadamente longo. Tenha o cuidado de reservar tempo para que após o debate os relatórios dos grupos sejam ouvidos. Termine a aula ligando os comentários dos grupos por meio de um pensamento conclusivo, uma citação, ou uma escritura.

PRECAUÇÕES

Quando um professor passa da palestra para o debate, perde um pouco do controle não só da classe, mas também do processo de aprendizagem. Alguns estudantes podem oferecer-se constantemente a dar respostas, por serem mais atirados que os outros ou por terem grande necessidade de participar.

Ademais, alguns dos pontos levantados pelos alunos nos debates podem não se relacionar à aula, não estar corretos, ou mesmo ser contrários aos princípios e ensinamentos do evangelho. Quando isso acontece, às vezes o tempo de aula é gasto na correção ou mesmo discussão de um tópico que tem pouca importância para a lição.

Às vezes, ainda, o professor, os alunos ou ambos permitem que o debate se desvie por assuntos paralelos e logo se encontram discutindo questões que têm pouco ou nada a ver com o tópico original. Quando há muita discussão, ou quando uns poucos membros dominam o debate, os outros podem sentir-se desgostosos.

A chave para resolver qualquer desses problemas é ater-se ao ponto do debate e não deixar que os membros da classe se desviem dele.

VANTAGENS

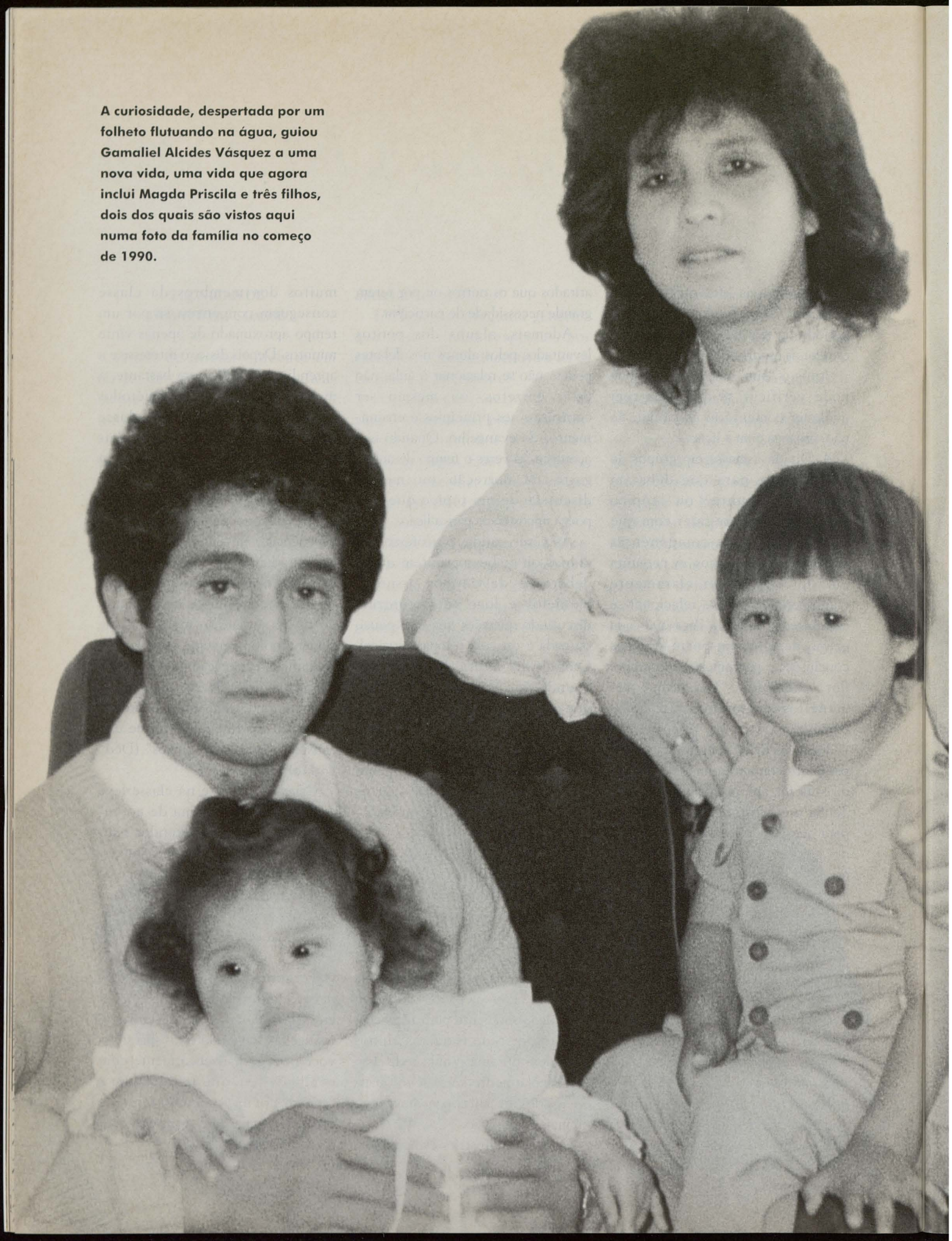
A principal vantagem dos debates é que envolvem tanto o professor quanto os alunos no processo de aprendizagem, e fazem isso de maneira mais eficaz do que as palestras. Poucos professores têm habilidade suficiente para receber o crédito por tudo o que os alunos aprendem durante a aula toda. Isto é particularmente verdadeiro quando se trata de aulas com uma hora ou mais de duração.

Durante palestras e discursos, muitos dos membros da classe conseguem concentrar-se por um tempo aproximado de apenas vinte minutos. Depois disso, o interesse e a aprendizagem diminuem bastante, a menos que sejam usados métodos adicionais. Debates em classe mantêm o interesse no ar, pois permitem aos alunos compartilharem o que aprenderam por experiência própria.

Às vezes, ao dar idéias ou relatar experiências, um aluno pode fazer um comentário ou uma pergunta que se aproxime mais do âmago da questão do que os comentários ou perguntas do professor ou do manual. Esse comentário ou pergunta pode levar a aula a uma exploração mais profunda da questão debatida. Ao criarmos um ambiente onde isso ocorra, estaremos seguindo a admoestação que diz: "ensinai-vos uns aos outros" (D&C 88:118).

Criar um debate na classe leva também a outra forma de aprendizagem—pode-se aprender mais sobre os próprios alunos, seus interesses e as dúvidas que têm a respeito de um assunto. Os professores fazem um trabalho melhor quando tratam das necessidades e interesses reais dos alunos.

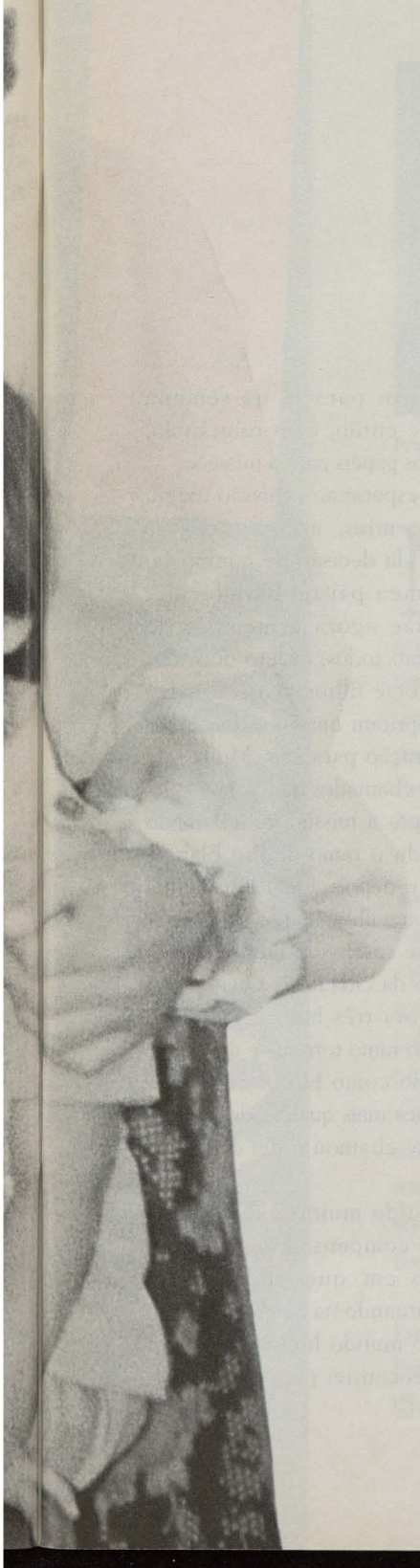
Perguntas bem planejadas e debates apropriados são essenciais em salas de aula onde se ensina o evangelho. Seguindo estas sugestões, você poderá mais eficazmente criar condições em que todos falem e tenham privilégios iguais, tanto de ensinar quanto de aprender (ver D&C 88:122). □



A curiosidade, despertada por um folheto flutuando na água, guiou Gamaliel Alcides Vásquez a uma nova vida, uma vida que agora inclui Magda Priscila e três filhos, dois dos quais são vistos aqui numa foto da família no começo de 1990.

Folheto na Água

Gamaliel Alcides Vásquez



Em setembro de 1977, eu tinha dezenove anos e estudava em Quetzaltenango, Guatemala, para me tornar professor. Uma tarde, enquanto caminhava para casa, notei um filete de água da chuva descendo a rua em direção ao meu apartamento. Ele levava um pedaço de papel. Para distrair-me, decidi seguir aquele pedaço de papel. Quando cheguei a meu apartamento, peguei-o.

Era um folheto e nunca irei esquecer o título: "A Igreja Conforme Organizada por Jesus Cristo". Em certa época, estivera interessado em encontrar a igreja que Jesus Cristo havia organizado. Investiguei muitas igrejas, mas não me filiei a qualquer delas. Finalmente resolvi desistir de procurar, mas agora, ao ler o título do folheto, de alguma forma percebi que tinha encontrado a igreja verdadeira. Atrás do folheto havia um nome: *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. Decidi-me a encontrar aquela igreja.

Quando o semestre escolar terminou, em outubro, fui para minha cidade, Rio Blanco, para três meses de férias. Enquanto estava lá, ajudava a colher o milho. Um dia subia uma montanha num velho caminhão, quando os freios falharam. O caminhão saiu da estrada e jogou-me dentro de uma vala, quase passando em cima de minha cabeça. Fiquei muito abalado e perguntei-me o que me teria acontecido se tivesse morrido.

As aulas recomeçaram em janeiro e voltei para Quetzaltenango. Embora já morasse havia três anos naquela cidade, nunca vira uma igreja dos santos do últimos dias lá. Num domingo, decidi que, se ela existisse, iria encontrá-la. Acordei cedo e comecei a perguntar a todos os que encontrava se eles sabiam onde ficava a igreja. A princípio ninguém sabia. Outros me indicavam a direção errada. Após três horas, porém, localizei a capela e literalmente corri em sua direção.

O prédio era lindo. Fiquei imaginando se aquela igreja era para os ricos. Por ser tímido, sentei-me no fundo da capela. Não conhecia pessoa alguma lá e ninguém falou comigo, mas adorei a reunião. Tive um sentimento no coração, diferente de qualquer outro já experimentado.

Voltei no domingo seguinte, pensando que se o pastor pedisse às pessoas que fossem à frente e aceitassem Cristo, eu seria o primeiro a ir, mas ninguém foi chamado, apenas três membros deram breves mensagens. Como essa igreja é diferente, pensei, mas gostei dela. Infelizmente, os membros ainda não

Recém-batizado, eu era o único membro da Igreja em Rio Blanco e sentia-me solitário. Se a Igreja é verdadeira, pensei, talvez devesse falar dela às pessoas. Comecei a visitar meus amigos e parentes a cada dia depois do trabalho, para ensinar-lhes o evangelho. Logo tínhamos oito pessoas prontas para o batismo.

me haviam notado e decidi voltar só mais uma vez. Não poderia continuar a freqüentar, se não tivesse alguém para conversar. Pelo menos, teria belas lembranças para acalentar-me.

No terceiro domingo as reuniões estavam igualmente agradáveis e quando eles terminaram, todos conversavam alegremente. Sentei-me na entrada e estava quase a ponto de chorar, pensando que não iria voltar. Então um jovem de cabelos louros, bem vestido, sentou-se perto de mim. Em um espanhol mal falado, perguntou-me há quanto tempo eu era membro da Igreja.

"Não sou membro", disse, "estou só visitando". Ele imediatamente pegou uma caderneta e pediu meu endereço.

"Para que precisa de meu endereço?"

"Gostaríamos de conhecê-lo e ensinar-lhe mais a respeito da Igreja", explicou.

Aceitei seu convite com muito prazer e os missionários começaram a ensinar-me o evangelho. Fiz muitas perguntas que eles nem sempre puderam responder, mas invariavelmente voltavam com as respostas no dia seguinte. As pessoas na escola ridicularizaram-me quando souberam o que eu estava fazendo e meus familiares que pertenciam a outras igrejas insistiam em discutir comigo. Continuei, porém, a aprender e no momento certo fui batizado.

Logo após, o bispo chamou-me a seu escritório e pediu-me que me preparasse para sair em missão. Sendo muito tímido, a idéia me assustou. Não sabia o que dizer.

Outro ano escolar terminou e voltei para Rio Blanco, mas era o único membro lá e sentia-me solitário. Se a Igreja é realmente verdadeira, pensei, talvez devesse falar a respeito dela às pessoas. Comecei a visitar meus amigos e parentes todos os dias após o trabalho para ensinar-lhes o evangelho. Muitos deles desejaram filiar-se à Igreja. Liguei para o presidente da missão, John F. O'Donnal, e disse-lhe que tínhamos oito pessoas em Rio Blanco prontas para o batismo. Ele ficou muito feliz em ir fazer os preparativos.

Como meu bispo, o Presidente O'Donnal pediu-me que saísse em missão. Desculpando-me, expliquei que não havia líderes do sacerdócio em Rio Blanco. Disse-lhe que sairia em missão depois que ele enviasse alguém. Ele transferiu dois missionários para lá na semana seguinte e então, com relutância, preenchi os papéis para a missão.

Como esperava, a missão exigiu muito de mim, mas nunca me arrependi da decisão de cumpri-la. Embora meu pai tenha falecido, minha mãe agora é membro da Igreja, como todos, exceto dois, dos seus quatorze filhos vivos. Quatro deles cumpriram missão e dois estão em preparação para sair. Muitos de nós temos chamados na Igreja.

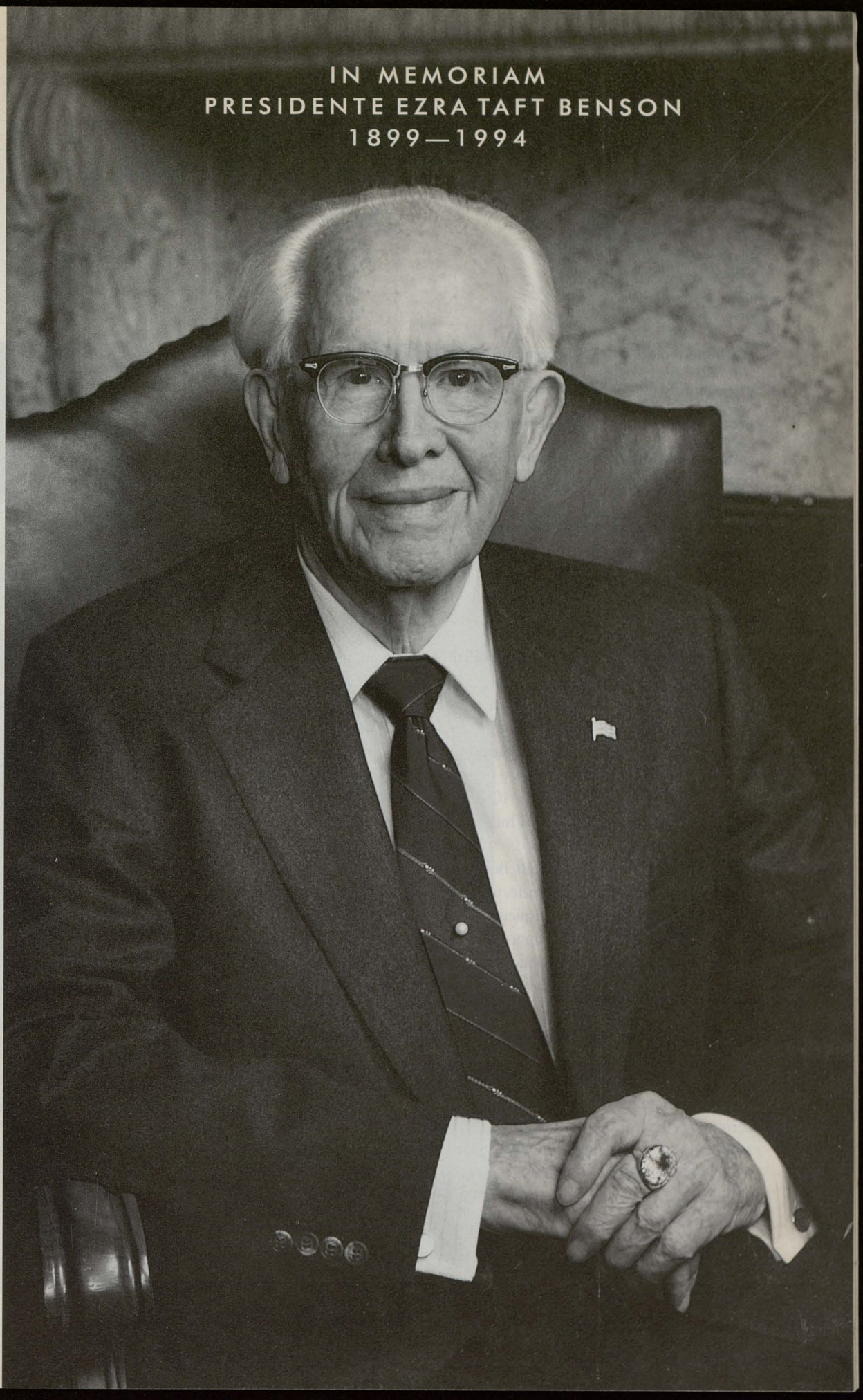
Logo após a missão, fui chamado para presidir o ramo de Rio Blanco. Cinco anos depois, em 1986, minha vida foi maravilhosamente abençoada quando me casei com minha esposa no templo da cidade de Guatemala. Temos agora três belos filhos. Em 1990, nosso ramo tornou-se uma ala e fui apoiado como bispo. Senti que havia irmãos mais qualificados, mas o Senhor me chamou e dei o melhor de mim.

Tenho tido muitas experiências bonitas e compensadoras desde o momento em que encontrei o folheto flutuando na água. Enquanto o resto do mundo luta por poder e riquezas, encontrei paz, segurança e felicidade. □

A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • JULHO DE 1994 • EDIÇÃO ESPECIAL

IN MEMORIAM
PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON
1899—1994



PRESIDENTE EZRA

(1899–1994)

"O homem mais notável, abençoado e feliz é aquele cuja vida mais se aproxima do exemplo de Cristo. Isso não pressupõe riqueza, poder ou prestígio mundano. Pode-se comprovar verdadeiramente a grandeza, santidade e felicidade de uma vida quando esta se torna semelhante à vida do Mestre, Jesus Cristo. Ele é o caminho certo, a verdade plena e a vida abundante" (Ezra Taft Benson, Devocional de Natal da Primeira Presidência, 7 de dezembro de 1986).

Jan U. Pinborough

O PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON, um homem cuja vida demonstrou sua proximidade do Mestre, faleceu de um colapso cardíaco segunda-feira, 30 de maio de 1994, aos noventa e quatro anos de idade. Seu falecimento ocorreu às 14h35m, em seu apartamento na Cidade de Lago Salgado. Ele foi visitado por familiares nos dias que antecederam seu falecimento, tendo eles cantado hinos e canções para ele. O funeral foi realizado sábado, 4 de junho de 1994, às 10h, no Tabernáculo situado na Praça do Templo. Ele foi sepultado em Whitney, Idaho, a pequena comunidade agrícola onde nasceu.

Durante toda a vida Ezra Taft Benson foi um sustentáculo para sua família, para as comunidades onde morou e para a Igreja, servindo como Autoridade Geral durante cinqüenta anos, mais de metade de sua vida. Ele vestiu o manto de profeta numa época em que a convicção não estava na moda. Os valores, como grãos de areia, moviam-se constantemente—desarraigando homens, mulheres e instituições. Com palavras proféticas e pelo exemplo de sua própria vida produtiva, o Presidente Benson mostrou-nos soluções espirituais seguras para a complexidade de nossos dias.

Sua mensagem às nações foi que devemos obedecer a Deus para sermos livres, valorizando a liberdade mais do que a comodidade. Aos pais, disse que a vida familiar é abençoada e digna do sacrifício de qualquer ambição terrena. À Igreja, como um todo, afirmou que ainda não compreendemos completamente o poder do Livro de Mórmon. Desafiou-nos repetidamente a ler o livro e prometeu-nos bênçãos divinas, à medida que o lêssemos.

Desafiou-nos a disciplinarmos nossa vida, aprofundando nossas raízes espirituais ao vivermos o evangelho, e a acalentarmos verdades eternas, amparando-nos nelas. E sempre prestou testemunho do Salvador, guiando-nos para Ele, que prometeu: "Eu sou a videira, vós as varas: quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto" (João 15:5).

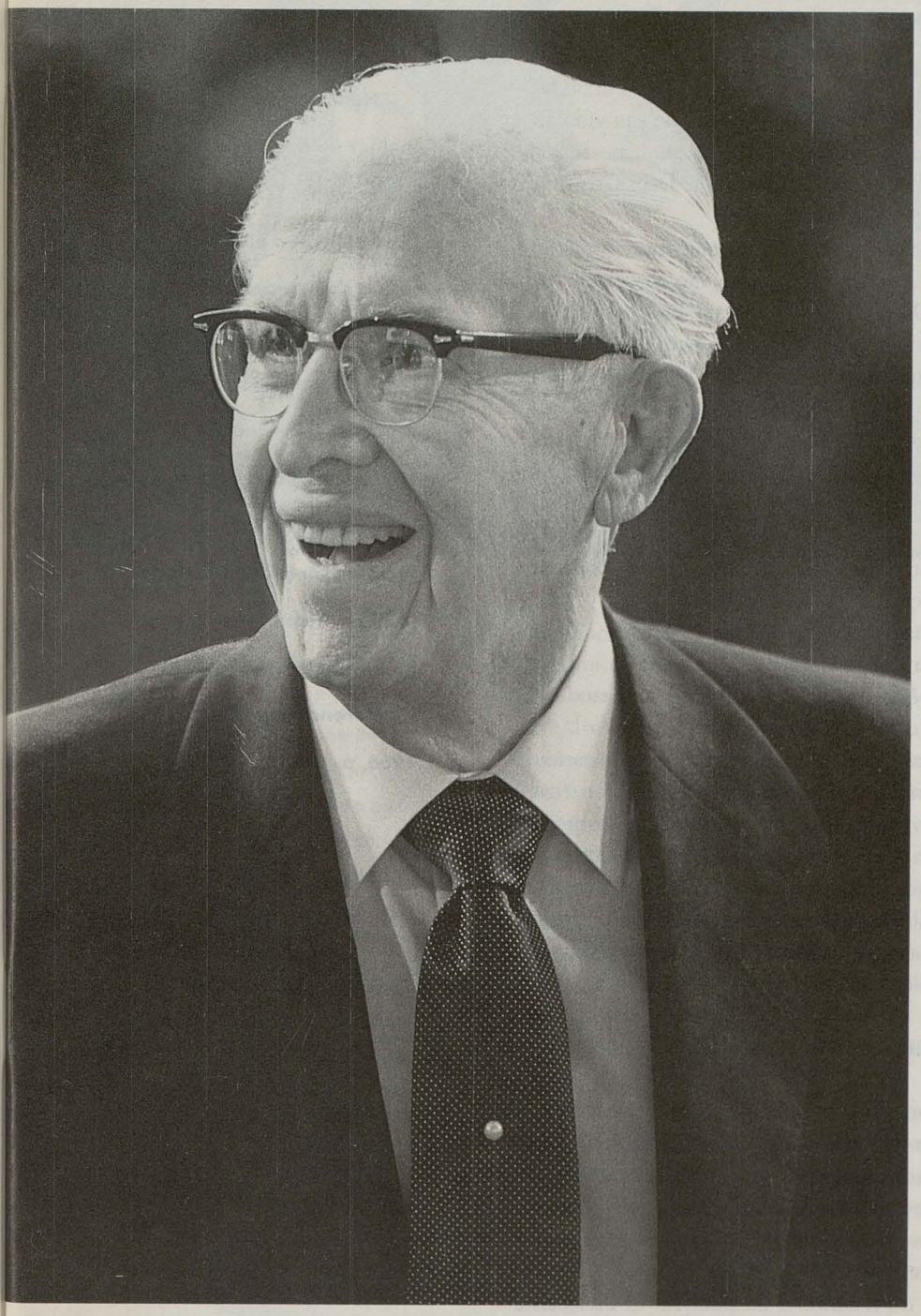


FOTOGRAFIA DE BUSATH PHOTOGRAPHY

Acima: Durante sessenta e seis anos de adorável companheirismo, Ezra Taft Benson e Flora Amussen Benson compartilharam a pobreza dos tempos de estudante, a fama do cargo no governo e a alegria de servir a Deus em tempo integral.

FOTOGRAFIA DE JED CLARK

RA TAFT BENSON



FOTOGRAFIA DE JED CLARK

A BÊNÇÃO DE UM PROFETA

"Invoco minhas bênçãos sobre os santos dos últimos dias e sobre as boas pessoas em todos os lugares. (. . .)

Abençôo-vos com maior poder para realizar o bem e resistir ao mal. Abençôo-vos com maior compreensão do Livro de Mórmon. Prometo-vos que deste momento em diante, se vos banquetear-des diariamente com suas páginas e seguirdes seus preceitos, Deus derramará sobre cada filho de Sião e sobre a Igreja uma bênção até aqui ignorada. (. . .) Disto presto solene testemu-nho" (*Ensign*, maio de 1986, p. 78).

UMA ÁRVORE BEM ENRAIZADA

A imagem de uma árvore bem enraizada, produzindo frutos em abundância, retrata bem o profeta Benson, que passou grande parte de sua vida ajudando coisas a crescerem. Foi criado numa comunidade rural, no seio de uma família que se alimentava diariamente do evangelho de Jesus Cristo. Na verdade, ele literalmente nasceu graças à fé de seus pais.

Nasceu no dia 4 de agosto de 1899, na casa de apenas um cômodo de George T. e Sarah Dunkley Benson, em Whitney, Idaho. Ao nascer não respirava, e o médico desenganou-o. Os pais, porém, oraram, ele recebeu uma bênção do pai e as avós banharam-no alternadamente em água quente e fria.

A criança sobreviveu, sendo o primeiro dos onze filhos da família Benson. Os pais deram-lhe o nome do bisavô, um apóstolo, que estabelecera na família o costume da devoção ao evangelho. O bisavô, Ezra T. Benson, que se filiara à Igreja em Illinois, entrou no Vale do Lago Salgado com a primeira companhia de pioneiros, em 24 de julho de 1847. Construiu uma linda casa perto da atual Praça do Templo e depois a deixou, quando o Presidente Brigham Young lhe pediu que se estabelecesse no Vale Cache, ao longo da fronteira entre Utah e Idaho, onde seu bisneto cresceria.

Aos cinco anos, "T" como era chamado na família esse bisneto, já dirigia uma parelha de cavalos. Desde criança, Ezra Taft Benson desejava ardentemente cumprir missão. Recebeu a bênção patriarcal e ficou feliz quando lhe foi prometido que seria missionário.

Tornou-se um rapaz valente e bem-humorado, que passou grande parte da juventude ordenhando as vacas da fazenda e ajudando o pai a plantar trigo e beterrabas no solo arenoso de Idaho. Conheceu os resultados gratificantes do árduo esforço físico, bombeando água para a família que ficava cada vez maior, cortando e arrastando árvores para servirem de postes telefônicos. Ganhou até certa fama entre os fazendeiros vizinhos por ter desbastado um campo inteiro de beterrabas num dia longo e cansativo. Desenvolveu o dom excepcional de fazer amigos. Também amava os cavalos, preferindo-os aos carros.

UMA COLHEITA ESPIRITUAL

Neste cenário de infância—que mais tarde chamou de "ideal"—Ezra Taft Benson aprendeu como se sacrificar para conseguir uma colheita espiritual. Tinha apenas doze anos quando seu pai, George Benson, foi chamado para cumprir uma missão de dezoito meses no meio-oeste dos Estados Unidos. Havia sete filhos no lar dos Bensons quando o pai partiu para o campo missionário, e o oitavo nasceria em breve. Ezra, como filho mais velho, arcou com quase toda a responsabilidade do rebanho e da fazenda. O Presidente

A IMPORTÂNCIA DE BONS LARES

"Nenhuma nação é melhor do que os lares que a formam (. . .) O bom lar é a base sólida—a pedra angular da civilização. Não pode haver felicidade verdadeira sem um bom lar, com suas virtudes tradicionais servindo-lhe de base. Para que vossa nação se conserve, o lar deve ser protegido, fortalecido e restaurado em sua importância justa."
(Conference Report, abril de 1966, p. 130.)



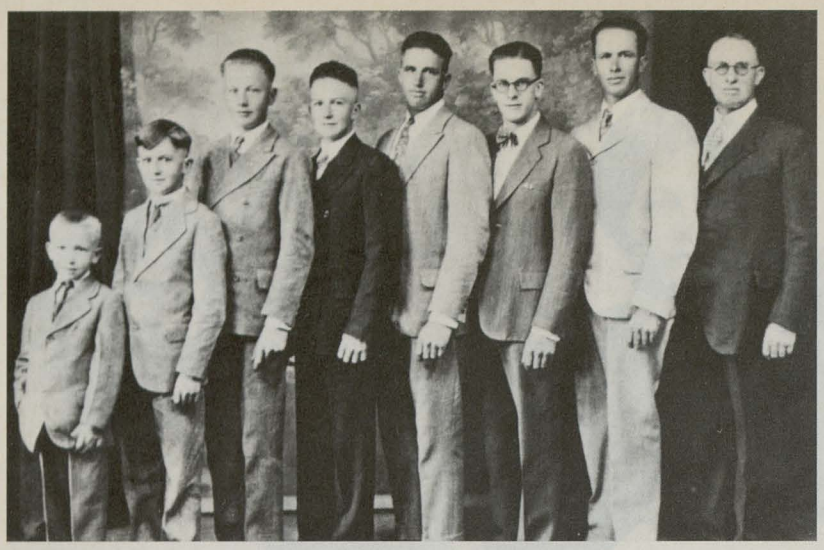


Página ao lado: Nascido em 4 de agosto de 1899, Ezra Taft Benson recebeu o nome de um Apóstolo, seu bisavô. *Acima:* Com o pai servindo como missionário, Ezra, aos doze anos de idade, arcou com grande parte da responsabilidade na fazenda da família. Nessa época, eram sete os filhos do casal. *(A partir da esquerda)* Margaret, Louise, Ezra T., Valdo *(no colo da mãe)*, Lera, Joseph e Orval.

Benson lembra-se claramente de que, quando o pai estava na missão, a família se reunia ao redor da mesa da cozinha para ouvir a mãe ler as cartas semanais do marido. "Com isso, nosso lar encheu-se do espírito da obra missionária, que nunca mais o abandonou," recordava o Presidente Benson. Mais tarde, todos os onze filhos da família Benson cumpriram missão.

Depois que George Benson retornou, cantava hinos missionários enquanto ordenhava as vacas—"Ó Anciãos de Israel" e "Ó Vós, que Sois Chamados"—até que o filho mais velho aprendeu-os de cor. A música, assim como o entusiasmo missionário, acompanhou Ezra Taft Benson por toda a vida. Quando jovem, tocou trombone e piano, e apresentou solos vocais. Como profeta, discursando em conferências regionais por toda a Igreja, o Presidente Benson freqüentemente encantava os jovens de outra geração cantando as três estrofes de "Sou um Jovem Mórmon" com sua clara voz de tenor.

Outra lembrança de infância que jamais o abandonou é a de voltar dos campos e encontrar a mãe debruçada sobre a tábua de passar roupa, passando longos mantos brancos do templo em preparação para uma das muitas excursões de charrete ao Templo de Logan. Naquele dia, ela pôs de lado o ferro de passar e ensinou ao filho a importância e santidade das ordenanças do templo, despertando-lhe o desejo permanente de participar dessas bênçãos.



Acima: Ezra *(segundo a partir da direita)* com seu pai, George T., e os seis irmãos mais jovens: *(a partir da esquerda)* Volco ("Ben"), Ross, George, Valdo, Orval e Joseph. *Abaixo:* Quando missionário na Inglaterra, em 1921–23.

Anos mais tarde, o Presidente Benson ensinou aos santos as bênçãos notáveis do templo: "Eu vos prometo que, com a crescente freqüência ao templo de nosso Deus, recebereis acrescida revelação pessoal para abençoar vossa vida, assim como abençoais aqueles que morreram." (*A Liahona*, julho de 1987, p. 86.) Enquanto era Presidente, ele e a esposa assistiam a uma sessão no Templo de Jordan River todas as sextas-feiras de manhã. Durante sua presidência, foram dedicados nove templos e mais dez foram anunciados.

Depois de se formar no primeiro grau, com quatorze anos, e de cursar a Academia da Estaca Oneida alguns anos mais tarde, Ezra Taft fazia cursos intermitentes na Faculdade Agrícola do Estado de Utah, quando o trabalho na fazenda e o orçamento familiar o permitiam. Lá conheceu Flora Amussen, com quem compartilharia uma vida de serviço ao próximo. Embora Flora fosse a jovem mais popular da cidade e filha de uma família abastada, o rapaz do interior decidiu conhecê-la. Ezra namorava Flora e estudava as escrituras com a mãe viúva da jovem. Por ocasião de seu chamado para a missão na Grã-Bretanha, em 1921, Flora prometeu casar-se com ele quando ele voltasse.

O LIVRO DE MÓRMON: UM TEMA CONSTANTE

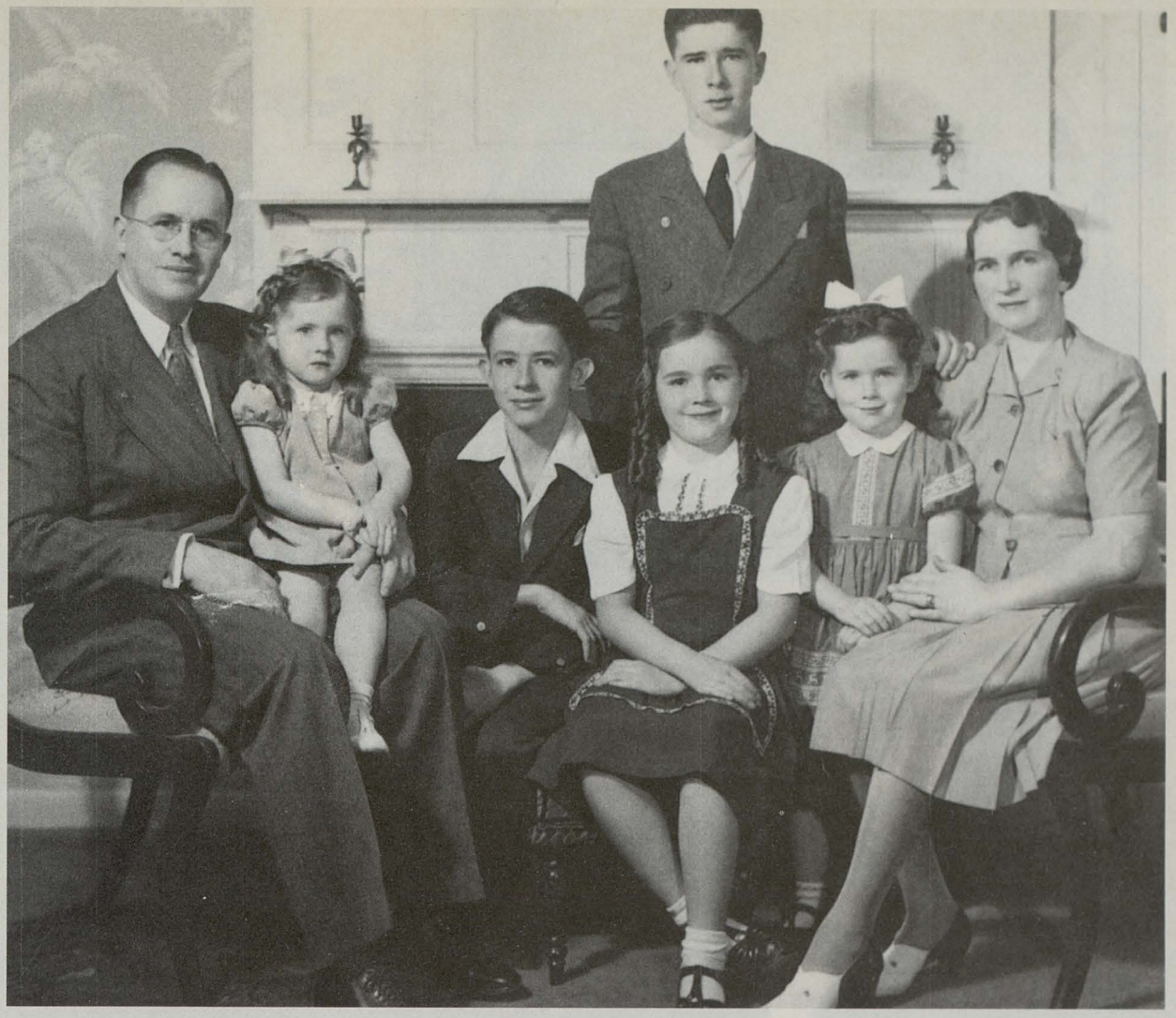
Talvez tenha sido naquela missão na Inglaterra que o jovem Élder Benson vislumbrou pela primeira vez o poder de conversão do Livro de Mórmon—um assunto que ele abordaria pelo resto da vida. A oposição à Igreja era tão intensa no norte da Inglaterra em 1922, que a prática de fazer reuniões de rua e de bater de porta em porta foi descontinuada em algumas áreas. Quando os membros de South Shields pediram ao Élder Benson e seu companheiro que falassem numa reunião onde haveria muitos não-membros,

AOS JOVENS

"Jovens, a unidade familiar é eterna e vós deveis fazer tudo que estiver ao vosso alcance para fortalecer essa unidade. Incentivai a realização de noites familiares em vosso lar e participai delas ativamente. Encorajai as orações familiares. Ajoelhai-vos com vossa família, num círculo sagrado. Fazei vossa parte, a fim de desenvolver verdadeira unidade e solidariedade entre os vossos.

Em lares desse tipo não existe abismo entre as gerações. Essa é uma outra ferramenta de Satanás. Vossas amizades mais sólidas devem ser vossos próprios irmãos e irmãs, vosso pai e vossa mãe. Amai vossa família. Sede leais a vossos familiares. Preocupai-vos genuinamente com vossos irmãos e irmãs. Ajudai a carregar seu fardo." (*A Liahona*, janeiro de 1987, p. 82.)





Acima: Os Bensons na época em que Élder Benson foi chamado para o Quórum dos Doze, em 1943. *(A partir da esquerda)* Élder Benson, Bonnie, Mark, Barbara, Reed *(em pé)*, Beverly e Sister Benson.

os missionários jejuaram e oraram para receber inspiração.

Élder Benson preparou-se para falar sobre apostasia, mas foi somente após discursar e sentar-se que percebeu que não havia sequer mencionado aquele assunto. "Falei sobre o Profeta Joseph Smith, prestei testemunho de sua missão divina e da veracidade do Livro de Mórmon," relembrou mais tarde.

Terminada a reunião, várias pessoas se levantaram e disseram: "Recebemos, esta noite, um testemunho de que o evangelho é verdadeiro da maneira como vocês, élderes, o ensinam. Estamos agora prontos para o batismo." (*A Liahona*, outubro de 1977, p. 34.)

Durante todo o seu ministério, o Presidente Benson procurou convencer os santos de que deveriam usar o Livro de Mórmon para responder às perguntas sobre a Igreja e de que o livro poderia abençoar suas vidas como nenhum outro. "Existe um poder no livro que começa a fluir para nossa vida no momento em que iniciamos um estudo sério de seu conteúdo," prometeu ele. "Descobrireis maior poder para resistir à tentação. Encontrareis poder



COMPROMISSO COM O SENHOR

"Devemos colocar Deus à frente de tudo mais em nossa vida. Ele precisa estar em primeiro lugar, como Ele próprio declara no primeiro de seus Dez Mandamentos: 'Não terás outros deuses diante de mim.' (Êxodo 20:3.)

Quando damos prioridade a Deus, todas as outras coisas passam a ocupar seu devido lugar ou desaparecem de nossa vida. Nosso amor ao Senhor governará os reclamos a nossa afeição, as exigências de nosso tempo, os interesses que perseguimos e a ordem de nossas prioridades." (*A Liahona*, julho de 1988, p. 3.)



Página ao lado: Élder Ezra Taft Benson e Élder Spencer W. Kimball foram ordenados Apóstolos no mesmo dia, em 1943. *Acima*: Descansando com a família, no meio da década de 1950. *Abaixo*: Na Noruega, em 1946, inspecionando os destroços da guerra.

para evitar enganos. Encontrareis poder para permanecer no caminho reto e estreito." (*A Liahona*, janeiro de 1987, p.6.) Milhares de crianças da Primária, bem como jovens e adultos acataram esta orientação profética e muitos escreveram para relatar ao Presidente Benson como o estudo do Livro de Mórmon modificara suas vidas.

"NOSSO BENSON"

Em sua primeira missão, o Élder Benson foi chamado para presidir a Conferência de Newcastle quando David O. McKay era presidente da missão. Para que os membros da Igreja de uma área afetada pela depressão econômica se sentissem mais à vontade, o jovem Élder Benson trajava, algumas vezes, as roupas típicas dos trabalhadores. Por muitos anos, as pessoas daquela parte da Inglaterra referiam-se a ele como "nosso Benson".

Mais tarde, esta mesma bondade induziria o Presidente Benson a amar todos os membros da Igreja, aonde quer que ele fosse. Sua primeira declaração pública como Presidente determinou o estilo de seu serviço profético: "Meu coração transborda de profundo amor e solidariedade a todos os membros da Igreja e a todos os filhos de nosso Pai Celestial, os quais eu amo independentemente de sua cor, religião e inclinações políticas. Meu único desejo é servir ao Senhor de acordo com a sua vontade." (*A Liahona*, maio de 1986, p. 45.)

Depois da missão, Ezra Taft voltou para Whitney, comprou uma fazenda em sociedade com seu irmão Orval e serviu na junta da AMM (hoje Mutual) da Estaca Franklin. Quando Flora voltou de sua missão no Havaí, Ezra Taft já se formara na Universidade Brigham Young e ganhara uma bolsa para





Acima: Ezra Taft Benson prestou juramento como secretário da agricultura do governo do presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, em 1953. *Abaixo:* Com Flora, durante os anos em que serviu no gabinete do Presidente Eisenhower.

MELHORANDO AS PESSOAS

"O Senhor opera de dentro para fora. O mundo opera de fora para dentro. O mundo quer tirar as pessoas das favelas. Cristo tira as favelas de dentro das pessoas e então elas próprias se livram das favelas. O mundo procura moldar os homens modificando seu ambiente. Cristo modifica os homens que, então, modificam seu ambiente. O mundo procura modelar o comportamento humano; Cristo, porém, pode mudar a natureza humana." (*Ensign*, novembro de 1985, p. 6.)

estudar agricultura na Faculdade Estadual de Iowa. No dia 10 de setembro de 1926, Flora Amussen e Ezra Taft Benson casaram-se no Templo de Lago Salgado e partiram para Ames, Iowa, numa velha caminhonete. Ali viveram com um salário escasso, melhorando suas refeições com hortaliças apanhadas na horta experimental da faculdade.

Ezra Taft voltou para Whitney com mestrado em agricultura e muito desejoso de ajudar os outros agricultores a melhorar suas colheitas. Na verdade, foi de tão grande ajuda, que os vizinhos o nomearam agente agrícola do condado.

SUA VERDADEIRA CARREIRA

Nos quinze anos seguintes, seu trabalho na agricultura e o serviço prestado na Igreja cresceram em alcance e influência. Aos trinta e um anos, foi para Boise, Idaho, como economista agrícola e especialista em marketing agrícola da Universidade de Idaho, onde fundou um conselho de cooperativas agrícolas. Em Boise também serviu como superintendente da AMM da estaca, conselheiro na presidência da estaca e presidente da estaca. Aos trinta e nove anos, foi-lhe oferecido o cargo, em Washington, D.C., de secretário executivo de uma organização nacional, representando mais de dois milhões de agricultores e 4.600 grupos de cooperativas agrícolas. Aceitou o trabalho somente após ter a certeza de que não teria que participar de negociatas em coquetéis ou comprometer de alguma forma seus padrões. Aos quarenta anos, tornou-se presidente da recém-formada Estaca de Washington D.C.



Entretanto, o prestígio não exercia atração pessoal sobre Ezra Taft Benson. Sempre teve em mente que sua verdadeira carreira era servir ao Senhor do modo que Ele determinasse, sentindo-se muito honrado pelo privilégio de ser portador do sacerdócio de Deus. Recordava-se sempre com carinho do chamado de chefe de escoteiros na Ala de Whitney, quando sua



Acima: A família Benson visita o Presidente Dwight D. Eisenhower na Casa Branca, em Washington, D.C.

tropa venceu um concurso de coros da região. Desta antiga experiência como chefe de escoteiros nasceu seu compromisso permanente com o escotismo. Mais tarde, serviu no conselho nacional e na junta executiva dos Escoteiros da América, recebendo as três mais altas distinções no escotismo—Castor de Prata, Antílope de Prata e Búfalo de Prata—e também o mundial Lobo de Prata.

Anos mais tarde, depois de servir como chefe de escoteiros, retornou a Whitney e tentou localizar os "seus" vinte e quatro escoteiros. Muitos estavam servindo como líderes de alas ou estacas, mas não soube nada de dois deles. Em viagens posteriores encontrou esses rapazes. Nenhum dos dois se casara no templo. Estreitou novamente a amizade com eles e mais tarde teve o privilégio de realizar o selamento deles e de suas famílias no templo.

BRAÇOS ABERTOS, MÃOS PRONTAS A AJUDAR

O Presidente Benson tinha um espírito expansivo, uma fé generosa. Estava sempre disposto a ajudar alguém a voltar ao rebanho do Mestre. Certa vez, como conselheiro de uma presidência de estaca, desafiou um homem que se desgarrara da fé a modificar sua vida e aceitar o chamado como presidente do quórum de élderes. Depois de alguns anos, este homem



Acima: Ezra Taft Benson amava a terra e reverenciava Deus, que a criou. Aqui, como secretário da agricultura dos Estados Unidos, ele visita uma fazenda atingida pela seca.

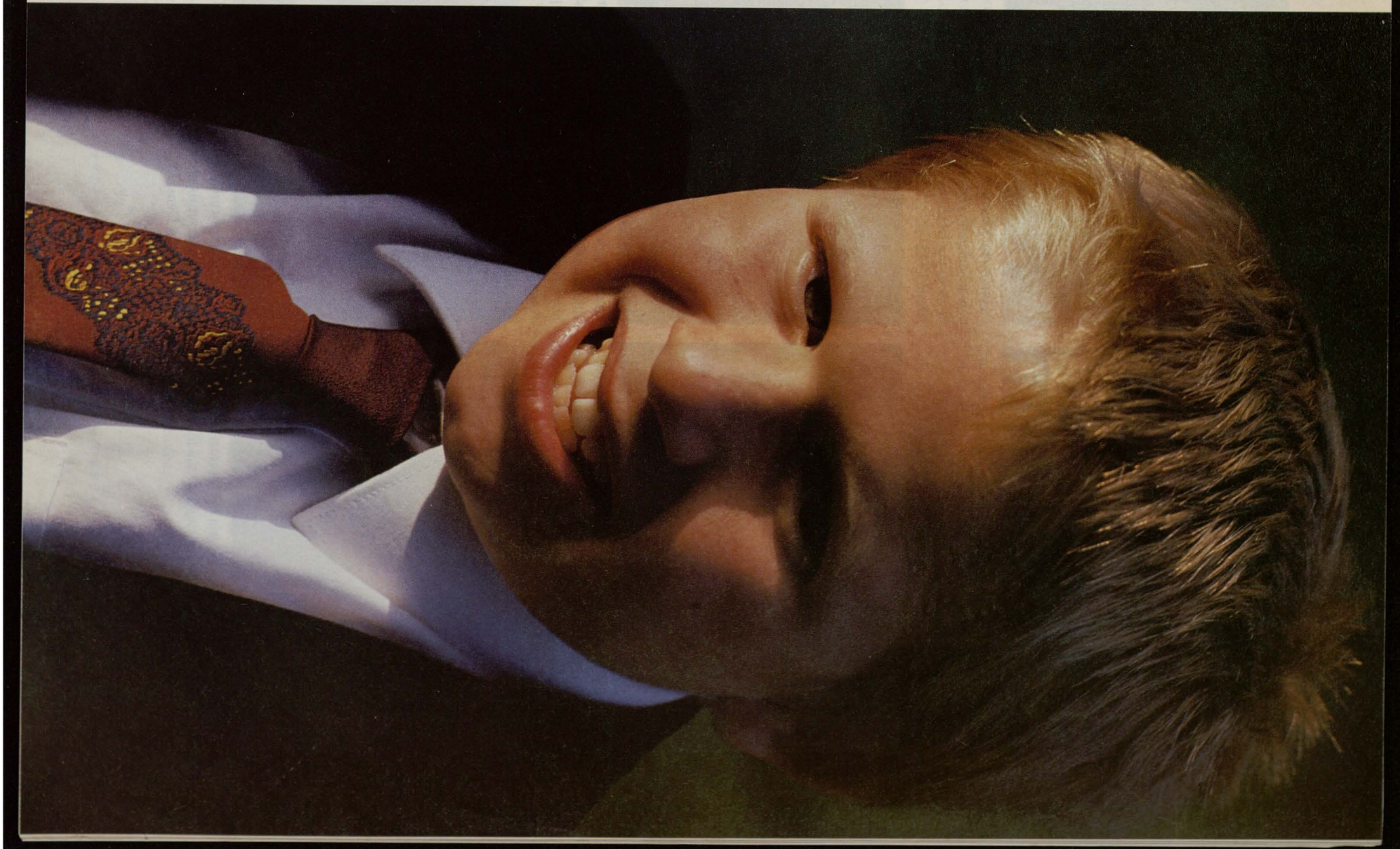
encontrou-se com Élder Benson na Praça do Templo e agradeceu-lhe. Disse ele: "Hoje sou bispo. Achava que era feliz, mas não sabia o que significava ser realmente feliz".

Pai de seis filhos, avô de trinta e quatro netos e bisavô de cinqüenta e um bisnetos, o Presidente Benson freqüentemente manifestava a ardente esperança de que não haveria "nenhuma cadeira vazia" no círculo familiar eterno dos Bensons. Como Presidente da Igreja expressava preocupação semelhante por todos os filhos do Senhor. Logo após tornar-se Presidente, perto do Natal de 1985, a Primeira Presidência fez um convite a todos os que estavam menos ativos na Igreja. Dizia a mensagem: "Temos certeza de que muitos de vós desejais ardentemente voltar, mas vos sentis constrangidos. Asseguramo-vos que encontrareis braços abertos para acolher-vos e mãos dispostas a ajudar-vos." (*Ensign*, março de 1986, p. 88.)

O Presidente Benson sempre procurou envolver outras pessoas, enxertar ramos na árvore vivificante do Salvador. Em fevereiro de 1986, a Primeira Presidência permitiu que as mulheres cujos maridos não haviam recebido a investidura, recebessem a sua. O tema "Vinde a Cristo" tornou-se um marco da sua presidência. Ele sentiu que todos nós precisávamos compreender mais perfeitamente nossa dependência do Salvador, a importância de modificarmos nossa vida e de nos esforçarmos para ajudar os outros a encontrarem Cristo.

SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • AGOSTO DE 1994





HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON

Alma Aconselha Seus Filhos



Alma era infeliz em virtude da iniqüidade dos nefitas. Ele conversava com cada um de seus filhos sobre a importância de viver em retidão.
Alma 35:15–16



Ao aconselhar seu filho mais velho, Helamã, a confiar em Deus, Alma contou-lhe a experiência que teve quando tentou destruir a igreja e Deus enviou um anjo para impedi-lo. Alma 36:3,6



Alma sofreu durante três dias, devido ao sentimento de culpa. Então, ao lembrar-se dos ensinamentos de seu pai a respeito de Jesus Cristo, soube que poderia ser perdoado.
Alma 36:16–17

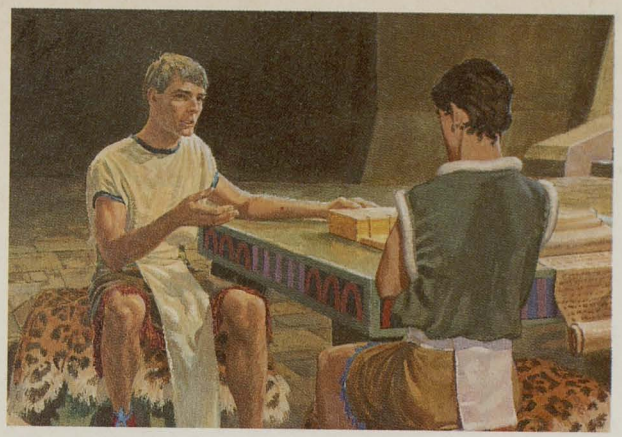


ILUSTRADO POR JERRY THOMPSON

Alma orou por perdão, e a alegria substituiu a dor em sua alma. Havia sido perdoado por causa de sua fé em Jesus Cristo e de seu arrependimento.
Alma 36:18–20



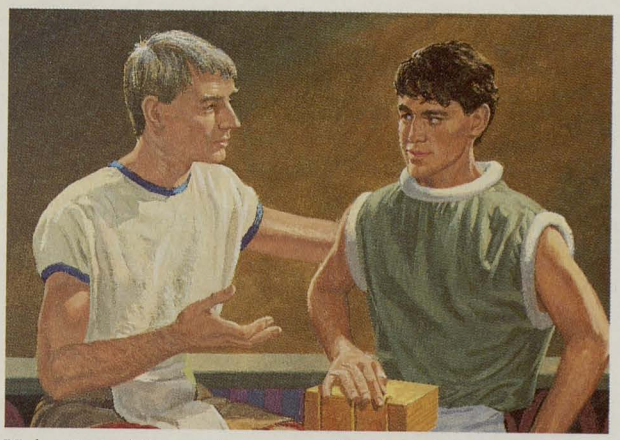
Desde aquela ocasião, Alma ensinou o evangelho às pessoas para que elas sentissem a alegria que ele sentia. Devido a confiança em Deus, Deus abençoou-o.
Alma 36:24, 27



Alma, então, deu os registros sagrados gravados em placas de metal a seu filho Helamã e disse-lhe que continuasse a escrever a história de seu povo.
Alma 37:1–2



Alma disse a Helamã que, se guardasse os mandamentos, Deus o abençoaria e ajudaria a proteger os registros.
Alma 37:13,16,35



Helamã também recebeu o conselho de orar de manhã e à noite, "aconselha-te com o Senhor em tudo quanto tiveres de fazer e ele te dirigirá para o bem".
Alma 37:36–37



Alma estava feliz com seu filho Shiblon, que havia sido um valente missionário entre os Zoramitas. Shiblon permaneceu fiel mesmo quando o apedrejaram.
Alma 38:3–5



Relembrando a Shiblon que o único caminho para a salvação era Jesus Cristo, Alma o encorajou a continuar ensinando o evangelho.
Alma 38:6–10



Coriânton, filho de Alma, não havia guardado os mandamentos, e não havia sido um missionário fiel durante o tempo que ensinara os zoramitas.
Alma 39:1–3



Os zoramitas não acreditavam nos ensinamentos de Alma devido às coisas que Coriânton havia feito.
Alma 39:11



Alma disse a Coriânton que ninguém pode esconder seus pecados de Deus, e que precisava arrepender-se.
Alma 39:8–9



Alma ensinou a seu filho que todos serão ressuscitados. Os justos viverão com Deus, mas os iníquos serão afastados.
Alma 40:1, 9–10, 25–26



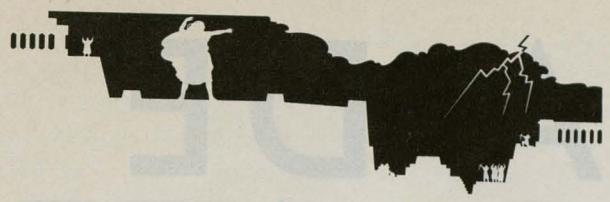
Agora é a hora de todos se arrependerem e servirem a Deus, disse Alma.
Alma 42:4



Relembrando a Coriânton que havia sido chamado como missionário, Alma disse-lhe que voltasse aos zoramitas e pregasse arrependimento.
Alma 42:31



Alma e seus filhos continuaram a pregar o evangelho ao povo. Eles pregaram pelo poder do sacerdócio.
Alma 43:1–2



SAMUEL, O LAMANITA

Rosemary G. Palmer

Numere esses eventos da história de Samuel, o lamanita, em seqüência cronológica. O primeiro acontecimento foi feito como exemplo. (Ver Helamã 13:1–11; 14; 16:1–8.)

_____ A. Samuel foi a Zarahemla para pregar arrependimento; ele pregou durante muitos dias.

_____ B. Samuel disse aos nefitas que, caso não se arrependessem no prazo de quatrocentos anos seriam destruídos por guerras (espada), fome e pestilência.

_____ C. Samuel profetizou a respeito da morte de Cristo, da destruição e de outros acontecimentos que ocorreriam após a crucificação.

__1__ D. Os lamanitas eram justos, mas os nefitas tornaram-se iníquos.

_____ E. O Senhor disse a Samuel que retornasse a Zarahemla e profetizasse o que Ele lhe fizesse sentir no coração.

_____ F. Os nefitas não lhe deram ouvidos e expulsaram Samuel de Zarahemla.

_____ G. Samuel profetizou a respeito do nascimento de Cristo que ocorreria em cinco anos.

_____ H. Samuel fugiu e nunca mais voltou aos nefitas.

_____ I. Os nefitas não permitiram que Samuel entrasse na cidade, então Samuel pregou ao povo de cima das muralhas da cidade.

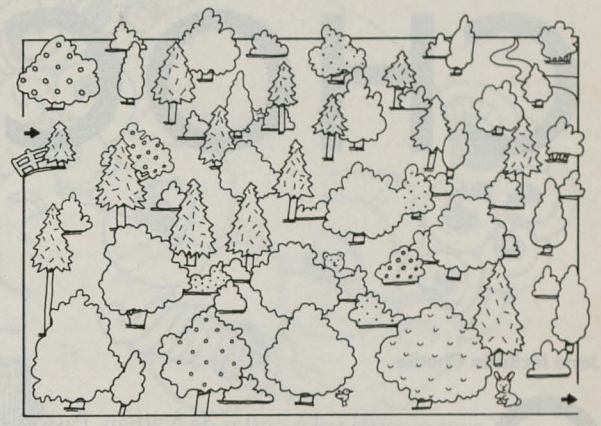
_____ J. O povo continuou não acreditando em Samuel. Tentaram matá-lo com pedras e flechas.

Samuel o Lamanita: 1D, 2A, 3F, 4E, 5I, 6B, 7G, 8C, 9J, 10H

PARA FORA DA FLORESTA

Susan Curtis

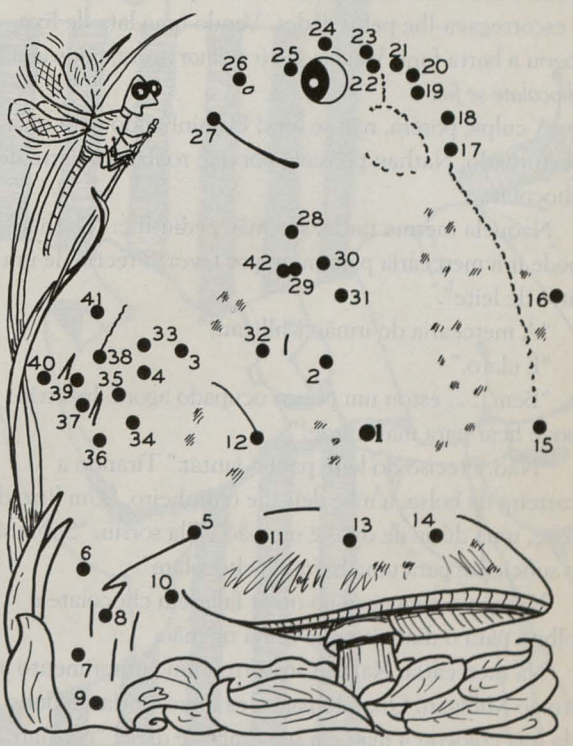
Encontre a saída através da floresta sem cruzar qualquer uma das linhas.



PONTO-A-PONTO

Roberta L.Fairall

Quem está sentado neste cogumelo?



BARRA DE CHOCOLATE

Jane McBride Choate

O suor escorria pelas costas de Nathan. Passou os dedos pela barra de chocolate que trazia no bolso—derreteria se não a comesse logo. Seu desejo de comê-la, porém, desapareceu no momento em que saiu da mercearia com ela—uma barra de chocolate pela qual não pagara.

Estava ficando quente e pegajosa. Nathan tirou-a do bolso e observou-a. O chocolate escapava da embalagem e escorregava-lhe pelos dedos. Vendo uma lata de lixo, jogou a barra fora. *Vou me sentir melhor agora*, pensou. *O chocolate se foi.*

A culpa, porém, não se fora! Caminhando para casa, perturbado, Nathan pensava por que roubara a barra de chocolate.

Naquela mesma tarde, sua mãe pediu-lhe: "Nathan, pode ir à mercearia para mim, por favor? Preciso de um litro de leite".

"À mercearia do irmão Milligan?"

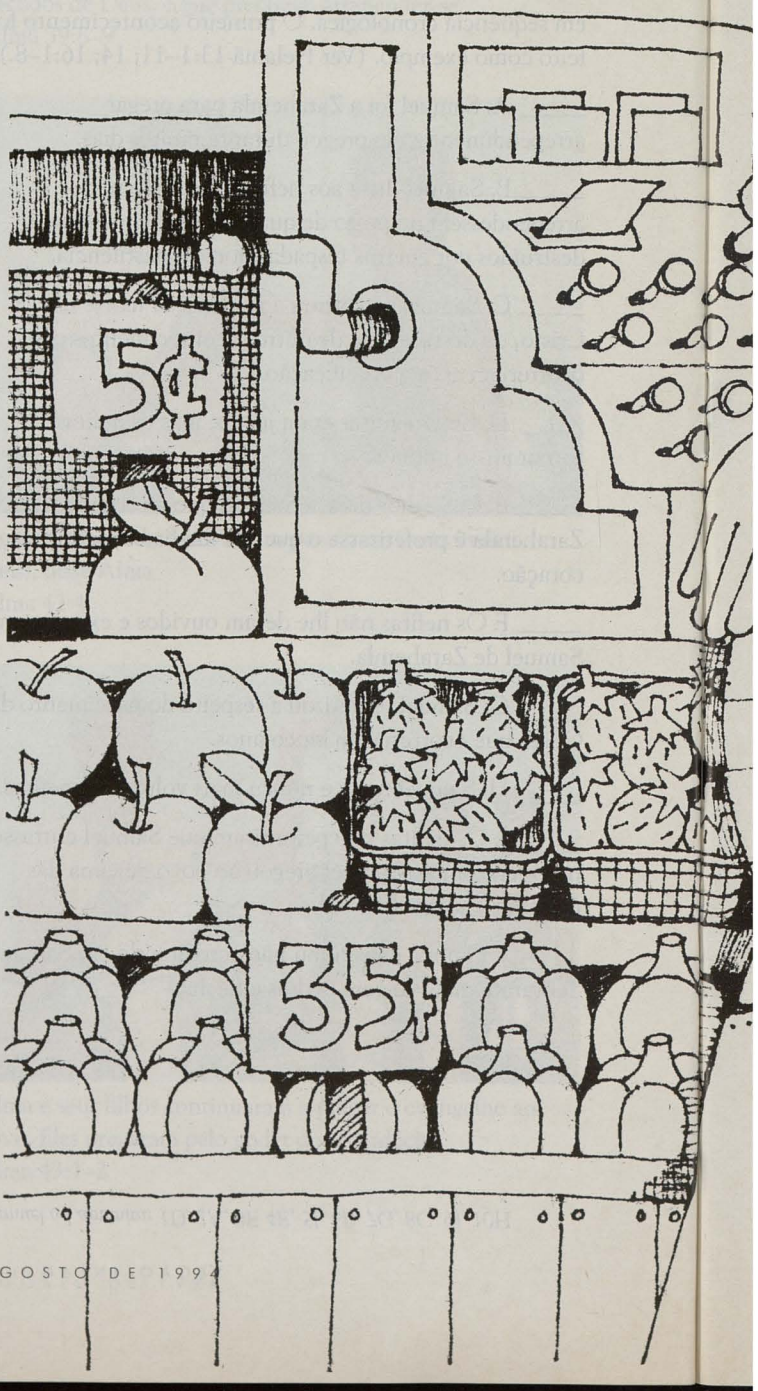
"É claro."

"Bem, . . . estou um pouco ocupado agora. Isso não pode ficar para mais tarde?"

"Não. Preciso do leite para o jantar." Tirando a carteira da bolsa, a mãe deu-lhe o dinheiro. "Um litro de leite, uma dúzia de ovos e um pão". Ela sorriu. "Sobrará o suficiente para uma barra de chocolate".

Nathan estremeceu ao ouvir falar em chocolate e olhou para o dinheiro que tinha na mão.

Na mercearia, Nathan sussurrou um cumprimento ao irmão Milligan. Quando pagou as mercadorias, o dono da loja colocou a mão em seu ombro e disse: "Nathan, parece que você acabou de perder o melhor amigo".



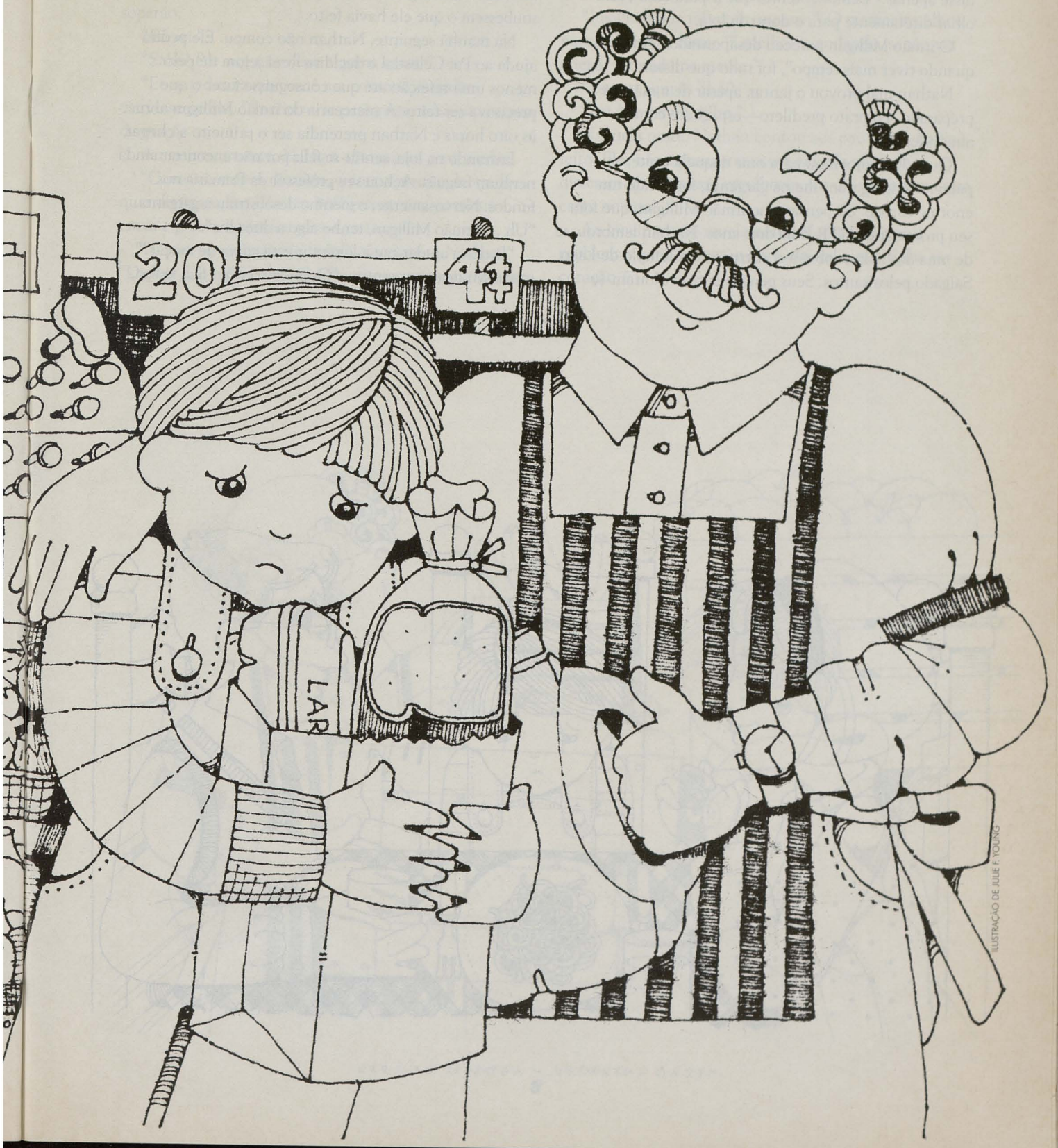


ILUSTRAÇÃO DE JULIE F. YOUNG

Nathan tentou sorrir, mas não conseguiu. *Como pude roubar algo do irmão Milligan? Como pude roubar algo de quem quer que fosse?* perguntou a si mesmo. Em voz alta, disse apenas: "Bem, . . . tenho que ir para casa", sem olhar diretamente para o dono da loja.

O irmão Milligan pareceu desapontado. "Apareça quando tiver mais tempo", foi tudo que disse.

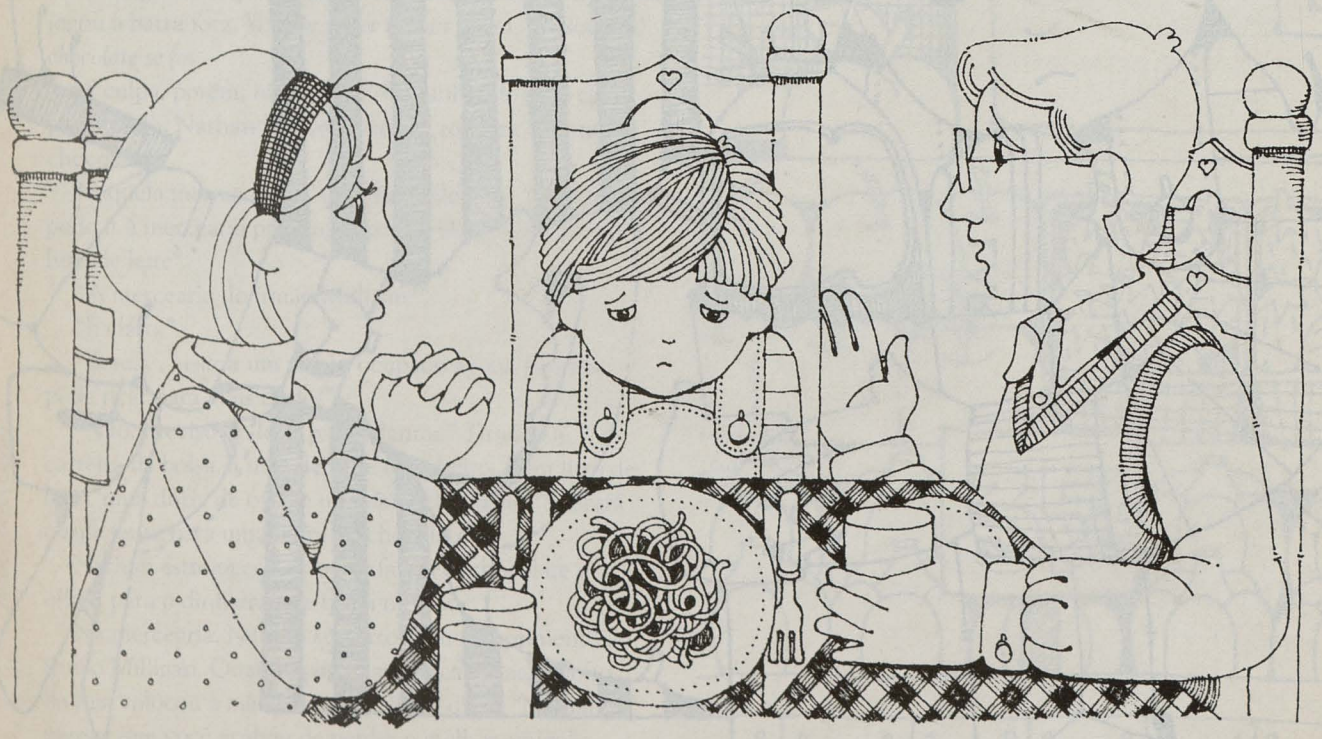
Nathan mal provou o jantar, apesar de a mãe ter preparado seu prato predileto—espaguete com almôndegas.

Quando se ajoelhou para orar naquela noite, as palavras engasgaram-lhe na garganta, formando um enorme caroço. Só pensava no irmão Milligan, que fora seu professor de CTR B há dois anos. Nathan lembrou-se de uma das aulas, sobre a construção do Templo de Lago Salgado pelos santos. Seus pensamentos voltaram-se para o templo. Ele planejava sair em missão quando tivesse dezenove anos e, mais tarde, casar-se no templo. *Como poderei fazer qualquer dessas coisas depois de ter roubado?* Ele imaginou o semblante triste de seus pais, se soubessem o que ele havia feito.

Na manhã seguinte, Nathan não comeu. Ele pedira ajuda ao Pai Celestial e decidira fazer jejum de pelo menos uma refeição até que conseguisse fazer o que precisava ser feito. A mercearia do irmão Milligan abria às oito horas e Nathan pretendia ser o primeiro a chegar.

Entrando na loja, sentiu-se feliz por não encontrar ainda nenhum freguês. Achou seu professor da Primária nos fundos. Nervosamente, o menino desobstruiu a garganta. "Uh . . . irmão Milligan, tenho algo a dizer-lhe".

"Poderia ajudar-me a levantar esta caixa de maçãs?", irmão Milligan perguntou. "Quando o corpo fica velho,



não pode fazer tudo o que outrora fazia."

Nathan ajudou o dono da mercearia a levantar a caixa de maçãs e colocá-la numa prateleira. "Roubei uma barra de chocolate do senhor ontem", falou de sopetão.

"Eu sei."

"Sabe? Por que não disse alguma coisa?"

"Eu acreditava que você me contaria quando estivesse pronto." Inclinou-se para pegar mais uma caixa de maçãs.

Automaticamente, Nathan abaixou-se para ajudar.

"Como eu estava dizendo, o corpo precisa de ajuda quando fica velho." Irmão Milligan sentou-se numa caixa e puxou os óculos para a testa.

"Talvez eu pudesse ajudá-lo", ofereceu-se Nathan. "Depois das aulas e aos sábados. Para compensar por ter pego a barra de chocolate."

"Bem, aí está uma boa idéia, muito boa mesmo." Ele pôs a mão no ombro de Nathan. "Estava gostosa?"

Nathan balançou a cabeça. "Joguei fora".

"Imaginei que talvez fizesse isso." O merceeiro olhou para o relógio e disse: "É melhor ir andando, senão vai chegar atrasado na escola."

"Estarei aqui às 3h30."

"Sei que estará, filho."

Naquela noite, Nathan contou aos pais o que havia feito. Eles não se zangaram com ele. Na verdade, disseram que estavam orgulhosos por ele ter feito a coisa certa no final.

Ao ajoelhar-se naquela noite, Nathan não teve problemas para contar ao Pai Celestial o que tinha no coração. □



EXAMINAI AS ESCRITURAS

Judy Edwards

"Buscai no livro do Senhor, e lede" (Isaías 34:16)



Na conferência de outubro de 1988, a irmã Grassli, Presidente Geral da Primária, relatou: "Matt, de nove anos de idade, falou na igreja sobre algo que aprendeu nas escrituras e que lhe trouxe paz. Ele disse: 'Quando meu pai disse a nossa família que nos mudaríamos (da cidade) de Denver para (o estado de) Wisconsin, minha mãe lembrou-nos da família de Léhi. Como eles, eu estava deixando para trás a única residência que conhecera, todos os amigos, a escola e a ala. Felizmente, pudemos levar conosco tudo o que possuíamos, embora nossos pertences tivessem ficado armazenados durante três meses e sentíssemos muita falta de uma casa e de nossas "coisas preciosas".

Minha mãe lembrou-nos de como Néfi aceitara esse desafio—de bom grado—sabendo que o Senhor iria "preparar um caminho pelo qual suas ordens (poderiam) ser cumpridas". (Ver 1 Néfi 3:7.)

Aprendi que posso passar sem algumas coisas, mas não sem minha família. Meus irmãos, irmãs e eu temos tentado ser como Néfi e não como seus irmãos que tanto reclamavam. Sou grato pelas coisas que o Livro de Mórmon nos ensina'".

Matt foi confortado pela história da família de Léhi no Livro de Mórmon. Ao ler ou ouvir histórias das escrituras, quais delas lhe trazem paz?

Instruções

Começando com o número 1, pinte um espaço numerado cada dia que ler as escrituras. Quando todos os espaços estiverem preenchidos, pinte a gravura e acrescente-a ao seu Livro da Paz.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

*1. Fale sobre a paz que recebemos lendo o Livro de Mórmon. (Ver 2 Néfi 3:12.) O Presidente Benson disse: "O Livro de Mórmon oferece tanto que amplia nosso entendimento das doutrinas de salvação. Sem ele, muito do que é ensinado em outras escrituras não seria, nem de perto, tão claro e precioso". (*A Liahona, *janeiro de 1987.) Ajude as crianças a descobrirem a Bíblia e as escrituras correspondentes no Livro de Mórmon que, juntas, esclarecem os ensinamentos do Senhor. Exemplos: João 10:16 e 3 Néfi 15:16–17,21; Mateus 5:3 e 3 Néfi 12:3; Mateus 5:6 e 3 Néfi 12:6; Deuteronômio 33:4 e Jarom 1:11, Mosiah 13:30,28.*

2. Ajude as crianças a entenderem que, através dos tempos, as pessoas têm encontrado alegria e paz nas escrituras. Exemplos: Néfi (2 Néfi 4:15), discípulos no caminho de Emaús (Lucas 24:27,32), Joseph Smith (Joseph Smith 2:11–12) Presidente Ezra Taft Benson (A Liahona, *julho de 1989.)*

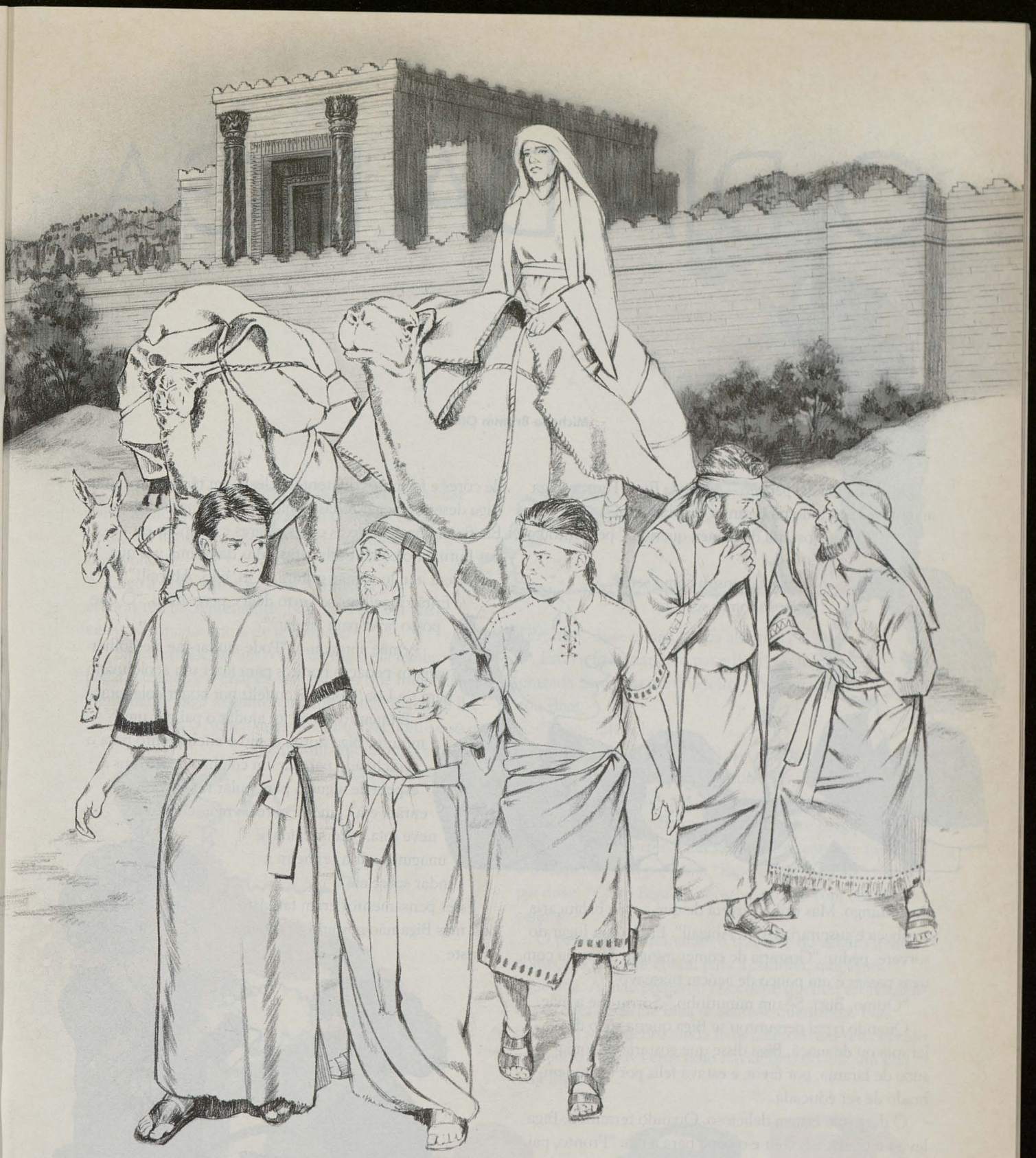
3. Faça com que cada classe represente uma das histórias das escrituras. Deixe as outras crianças adivinharem qual é a história e a mensagem de paz que ela contém.

4. Dentro de um saco de papel, coloque pequenos objetos simbolizando histórias de paz das escrituras que você tenha contado às crianças. Quando uma criança retira um objeto do saco de papel, faça-a identificar ou contar a história relacionada ao objeto.

5. Conte a história do Élder Marion G.Romney e seu filho. (Ver Manual da Garota Feliz B/Luzeiro B/Curso 11 da Escola Dominical, *lição 3, tópico nº 4.) Convide as crianças a falarem sobre suas próprias experiências a respeito da paz que sentiram ao estudar as escrituras.*

6. Convide um membro do bispado / presidência do ramo a contar uma experiência pessoal resultante da leitura das escrituras. □

ILUSTRADO POR ROGER MOTZKUS



SINTO PAZ QUANDO ESTUDO AS ESCRITURAS

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	

ILUSTRADO POR ROGER MOTZKUS

FICÇÃO PARA OS AMIGUINHOS

O DIA DA BIGA

Michelle Brumm Oliver

Hoje seria um dia perfeito—o Dia da Biga! Pensou Biga ao entrar saltitando na cozinha ensolarada.

"O que gostaria de comer, querida?" perguntou a mãe.



Abigail pensou como seria gostoso tomar sorvete de morango. Mas tinha certeza de que a mãe balançaria a cabeça e suspiraria, "Oh, Abigail". Então, em lugar do sorvete, pediu: "Gostaria de comer mingau de aveia com uvas passas e um pouco de açúcar mascavo".

"Ótimo, Biga. Só um minutinho." Sorriu-lhe a mãe.

Quando o pai perguntou se Biga queria suco de laranja ou de maçã, Biga disse que gostaria de tomar suco de laranja, por favor, e estava feliz por ter-se lembrado de ser educada.

O desjejum estava delicioso. Quando terminou, Biga levou a tigela, a colher e o copo para a pia. "Pronto, pai, terminei."

Ele sorriu-lhe ao pegar as coisas que a filha tinha nas mãos. "Obrigado, Biga", disse ele. "Você é de grande ajuda".

Biga foi para a sala. A mãe estava sentada no chão, rodeada de pedaços de tecido. Cada pequena pilha era de cores e formatos diferentes. Eles eram tão bonitos que Biga desejava pegar todas as pilhas e jogá-las para o ar. Ela ficou imaginando as cores alegres e as lindas estampas flutuando como borboletas. Mas da última vez que fizera aquilo, a mãe gritara, "Oh, não, Abigail!".

Então ajoelhou-se perto dela e perguntou, "O que posso fazer para ajudar?"

A mãe abraçou-a. "Pode ajudar-me a escolher alguns pedaços bonitos para fazer um acolchoado para tia Lisa?" Biga ficou feliz por poder colaborar.

Enquanto a mãe foi ajudar o pai por um minuto, Biga notou como o enchimento para o acolchoado parecia um colchão de nuvens à espera de alguém para pular nele. Pensou, então, em como se parecia mais com a neve fofa, recém-caída, e imaginou ser a primeira a andar sobre ela.

Esses pensamentos eram fantásticos, mas Biga não gostaria de ouvir o triste



ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWASAKI



"A-bi-ga-il" que a mãe diria se ela realmente andasse sobre o enchimento. E depois era o Dia da Biga; então ela ficou sentada quietinha, esperando que a mãe voltasse.

Logo a mãe voltou e disse: "Obrigada por esperar tão pacientemente, Biga. Seu pai vai até o celeiro agora. Gostaria de ir com ele?"

"Sim!" Então, por ser o Dia da Biga, ela lembrou-se de pegar o casaco e o chapéu sem esperar que lhe pedissem. Geralmente Biga se contorcia muito quando a mãe lhe vestia o casaco, mas hoje, Biga sacudiu-se só um pouquinho enquanto a mãe lhe abotoava até em cima.



"Pronto", disse a mãe, "toda abotoada".

Estava frio quando o pai e Biga caminharam da entrada de carros até o celeiro. "Pai, vai nevar?", perguntou Biga.

"Logo. Talvez hoje."

A maioria das folhas haviam caído das árvores, e Biga correu para encher os braços com elas. Jogou-as tão alto quanto pôde. "Olhe, pai—está nevando folhas!" Ela começou a correr pelo quintal, aí parou e perguntou, "Pai, podemos correr?" Ela sabia que se corresse muito e o ultrapassasse, o pai diria: "Espere-me, Abigail", mas o pai disse: "Claro Biga", e apostou corrida com ela até o celeiro.

O pai e Biga terminaram o trabalho no celeiro quando começava a nevar. Foram para a cozinha, que estava aquecida. A mãe preparou chocolate quente; estava delicioso, e fez com que Biga se sentisse quentinha. Biga tinha um sentimento ainda mais caloroso em seu coração enquanto pensava em como havia feito do dia, um Dia da Biga. □

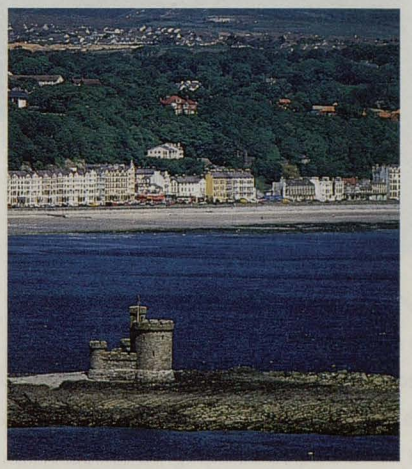


ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWASAKI



FOTOGRAFIA POR RICHARD M. ROMNEY

ILLIAM JONES, DA ILHA DE MAN



Richard M. Romney

Illiam Jones vive em um lugar de mitos e contos de fada. É a Ilha de Man, localizada entre a Inglaterra e a Irlanda. Naturalmente existe uma lenda de como a ilha veio a existir.

"Um gigante da Inglaterra e um gigante da Irlanda estavam discutindo", explica Illiam, de dez anos de idade. "Eles ficaram tão zangados um com o outro que o gigante da Inglaterra pegou uma pedra e a atirou no gigante da Irlanda, mas ele não pôde atirá-la longe o suficiente para atingir a Irlanda. Ela caiu no meio do oceano e tornou-se a Ilha de Man."

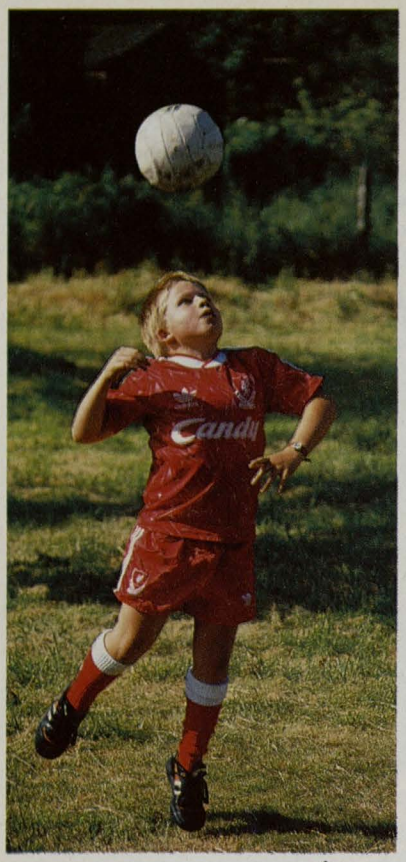
Embora a Ilha de Man seja parte do Reino Unido, ela tem o próprio dinheiro, os próprios selos, uma bandeira e armas, que consistem de um símbolo com três pernas. As pessoas que moram na Ilha de Man falam inglês, mas há algumas que conhecem uma língua mais velha, o manquês.

A Ilha de Man tem muitas coisas que nos fazem lembrar de sua herança cultural: estradas de ferro com trens a vapor e elétricos; a maior roda d'água em funcionamento no mundo; um vilarejo com um museu folclórico; e Tynwald Hill, onde os viquingues costumavam se reunir para estabelecerem suas leis. A cada ano, realizam-se na Ilha de Man corridas de motocicletas, bicicletas e automóveis. A ilha é também conhecida por seus estranhos animais, como o gato da Ilha de Man, que não tem rabo, e o carneiro do tipo Loghton, que tem quatro chifres, dois virados para cima e dois enrolados para baixo.

Para Illiam, a Ilha de Man é simplesmente sua casa. Ele diz que as corridas trazem, basicamente, muito barulho e tumulto para Douglas, a cidade onde ele mora. Ele acha que como todos os turistas param para olhar os carneiros, "parece que os animais são exibicionistas, tentando aparecer, com seus quatro chifres". Ele está mais interessado em jogar futebol, freqüentar a escola e comer batatas fritas.

Além do mais, Illiam adora cantar com sua irmã de sete anos, Voirrey (o nome dado a Maria em

FOTOGRAFIA POR RICHARD M. ROMNEY









manquês). Eles sempre cantam em dueto na ala e algumas vezes são convidados para cantar em outras igrejas.

"Adoro cantar," Illiam diz. "Meu hino favorito é 'Amai-vos Uns aos Outros'. Canto este hino em quase todas as reuniões batismais em nossa ala."

Seu próprio batismo foi uma ocasião memorável. "Foi o melhor dia de toda minha vida!" diz com exuberância.

Os professores da escola, os amigos e os pais dos amigos compareceram, e cada um recebeu uma pequena caderneta de anotações de Illiam e de sua mãe, com poemas, gravuras, fotos e o testemunho de Illiam por escrito.

"Isto os ajudou a conhecerem melhor nossa igreja e seus ensinamentos", Illiam diz.

Ele conta a respeito de seu batismo: "Senti como se o Espírito Santo estivesse comigo todo o tempo, especialmente quando fui imerso na água". Ele sentiu que estava muito perto do Pai Celestial e que Jesus estava muito feliz com ele.

Illiam gosta muito de ir à Primária: "Adoro cantar os hinos da Primária junto com as outras crianças e representar histórias das escrituras, mas, acima de tudo, gosto de aprender sobre o Pai Celestial e Jesus. A coisa mais importante na vida é aprender a respeito deles, de modo que possamos fazer as coisas que Eles desejam que façamos".

Numa ilha em que mitos e contos de fada existem em abundância, Illiam Jones aprendeu claramente o que é conhecer a verdade. □

Na Ilha de Man, as ruínas de um castelo centenário e os estranhos carneiros do tipo Loghton são bastante familiares para Illiam Jones, que gosta de jogar futebol e cantar em dueto com a irmã mais nova, Voirrey.

TRABALHO

"A terra foi amaldiçoada por causa de Adão. O trabalho é a nossa bênção, não a nossa condenação. Deus tem um trabalho a fazer e nós também deveríamos ter. A aposentadoria tem deprimido muitos homens, apressando-lhes a morte. (. . .) Deveríamos trabalhar cuidando das necessidades espirituais, mentais, sociais e físicas de nós mesmos e daqueles que temos a obrigação de ajudar. Na Igreja de Jesus Cristo existe trabalho de sobra para ser feito no sentido de levar avante o reino de Deus." (*A Liahona*, março de 1987, p. 3.)





Acima: Reunido com alguns dos milhões de agricultores dos Estados Unidos que ele representava. Ao tentar resolver certos aspectos incertos da economia agrícola, tornou-se objeto de fortes debates e apareceu na capa de revistas nacionais. *Abaixo:* Dirigindo-se ao país como membro do ministério de Eisenhower, em 1953.

O APOSTOLADO E UMA MISSÃO DE AMOR

No dia 26 de julho de 1943, a verdadeira vocação de Ezra Taft Benson de servir no reino tornou-se uma ocupação de tempo integral, quando o Presidente Heber J. Grant o chamou para ser o mais novo membro do Quórum dos Doze. Foi designado no dia 7 de outubro daquele ano, no mesmo dia que o Presidente Spencer W. Kimball, a quem sucederia como Presidente.



Dois anos mais tarde, em dezembro de 1945, Élder Benson foi designado para presidir a Missão Européia, após o término da II Guerra Mundial. Sua incumbência específica era reabrir as missões por toda a Europa e distribuir alimentos, vestimentas e roupas de cama aos sofridos membros da igreja.

Em uma missão de amor de quase onze meses, Élder Benson viajou mais de noventa e seis mil quilômetros pela Alemanha, Polônia, Checoslováquia e Escandinávia—freqüentemente enfrentando um inverno rigoroso e trens e aviões sem aquecimento. Com seu otimismo característico organizou o "Quarteto K-Ration", cantando com seus companheiros de viagem para amenizar as horas tediosas e desconfortáveis.

Repetidamente, quando parecia impossível obter autorização para entrar nos países devastados pela guerra ou distribuir suprimentos, Élder Benson







No decorrer dos anos, líderes da nação procuraram conversar com o Presidente Benson. *Acima, à esquerda:* Com o Presidente Gerald Ford. *Acima:* Com o Presidente George Bush. *Abaixo:* Com o Presidente Ronald Reagan.

apelava ao Senhor, para que abrisse o caminho. Removeram-se barreiras e milhares de toneladas de suprimentos do programa de bem-estar da Igreja foram enviados aos santos da Europa. Durante essa missão, o Élder Benson também dedicou a Finlândia para a pregação do evangelho.

Élder Benson reuniu-se, em escolas e capelas bombardeadas, com santos que perderam casas, famílias, saúde—tudo, menos a devoção ao evangelho. As cenas de fome e destruição jamais se apagaram da memória do Presidente Benson. Tampouco os rostos e a fé de seus amados irmãos europeus, sobre quem ele falava amiúde. Dezoito anos mais tarde, o Élder Benson novamente presidiu as missões européias, desta vez com sede em Frankfurt, Alemanha. A criação de estacas, missões e templos na Europa era sempre motivo de grande alegria para ele.

A SERVIÇO DE SEU PAÍS

Em 1952, Élder Benson foi surpreendido por um telefonema informando-lhe que o Presidente eleito dos Estados Unidos, Dwight D. Eisenhower, um homem que ele não conhecia pessoalmente, desejava conversar com ele a respeito do cargo de ministro da Agricultura dos Estados Unidos. Ezra Taft Benson fora recomendado pelos líderes da área de agricultura como o melhor homem para ocupar tal posição. Com a bênção do Presidente da Igreja, David O. McKay, e a garantia do Presidente Eisenhower de que ele não precisaria endossar uma norma com a qual não concordasse, Élder Benson tornou-se o Ministro Benson. A família Benson voltou para Washington, D.C., onde permaneceu durante os oito anos da administração de Eisenhower.

Naquele período, havia uma controvérsia sobre como estabilizar a oferta e a procura numa economia agrícola incerta, e enquanto Ezra Taft Benson

PRESERVANDO A LIBERDADE

"O que podemos fazer para manter viva a chama da liberdade? Guardar os mandamentos de Deus. Andar circunspectamente perante Ele. Pagar dízimos e ofertas de jejum. Freqüentar o templo. Permanecer moralmente puro. Participar de eleições locais. (. . .) Ser honesto em todos os empreendimentos.

Realizar fielmente as noites familiares. Orar—orar ao Deus do céu para que Ele intervenha, preservando a nossa preciosa liberdade; para que Seu evangelho seja levado a todas as nações e a todos os povos." [*This Nation Shall Endure* (Esta Nação Resistirá), Cidade do Lago Salgado: Deseret Book Company, 1977, pp. 9–10.]

tratava do problema, seu rosto apareceu nas capas das revistas nacionais. Expressava-se francamente, sem se preocupar com a popularidade. Falando aos políticos e agricultores, ousou sugerir que as soluções para os problemas econômicos e políticos baseavam-se nos princípios espirituais e morais, sem os quais nenhuma nação pode prosperar ou obter paz. Em Washington, Élder Benson instituiu a prática de iniciar as reuniões do gabinete com uma oração e a família Benson convidou os Eisenhower para uma noite familiar.

Na verdade, o tempo que o Élder Benson passou em Washington não foi realmente uma interrupção de seu serviço a Deus. Ele foi um patriota que encontrou no Livro de Mórmon as respostas para as necessidades de seu país. Amava a terra escolhida em que o evangelho foi restaurado, reverenciava sua constituição e levava a sério a responsabilidade de ajudar a preservá-la. Vinte anos mais tarde, uma das designações mais apreciadas da vida do Presidente Benson foi examinar os registros do Templo de St. George, que mostravam as ordenanças ali realizadas em favor dos fundadores dos Estados Unidos.

SEU REFÚGIO E APOIO

Durante os anos que passou no Gabinete, Élder Benson manteve a calma diante de críticas tão violentas que surpreenderam até os que discordavam de suas medidas. Lia-se numa placa em sua escrivaninha: "Ó Deus, dai-nos homens com mandato superior à urna eleitoral". Isso explicava uma das razões de sua serenidade: Ezra Taft Benson simplesmente fazia aquilo que achava ser melhor e não o que pudesse ser politicamente vantajoso. Mais tarde, explicou a outra razão: "Tenho orado—temos orado em família—para evitar qualquer sentimento de ódio ou amargura." (Conference Report, abril de 1961, p. 112.)

A família do Presidente Benson—com suas reuniões musicais, noites familiares e orações uns pelos outros—sempre foi o seu refúgio e apoio. A imprensa em Washington ficou estarrecida ao saber que o Élder e Sister Benson não se sentiam constrangidos em recusar convites sociais, caso coincidissem com a apresentação musical de algum filho ou com um programa de caça ao tesouro para pais e filhas.

Os Bensons sempre consideraram os filhos—Reed, Mark, Barbara (Sra. Robert H. Walker), Beverly (Sra. James M. Parker), Bonnie (Sra. Lowell L. Madsen), e Beth (Sra. David A. Burton)—muito mais valiosos que prestígio ou ganhos materiais. Nos primeiros anos de casamento, Ezra e Flora Benson pagaram as despesas do nascimento de um filho com o dinheiro da venda de sua única vaca. Numa época de materialismo cada vez maior, o Presidente Benson exortou os pais a sacrificarem seus desejos materiais a fim de tratarem mais zelosamente da criação dos filhos.



A FOTOGRAFIA É CORTESIA DO *DESERET NEWS*

Acima: De Chefe de Escoteiro a Presidente da Igreja, Ezra Taft Benson (na foto com a equipe de *softball* da Igreja, em 1962) sempre se interessou vivamente pela juventude. *Página ao lado:* Em julho de 1976, Preston, no estado de Idaho, instituiu o "Dia de Ezra Taft Benson" e realizou um desfile em sua homenagem, com Élder Benson abrindo os festejos.

Flora sempre foi a namorada e protetora de Ezra Taft Benson. Depois de cada discurso proferido pelo marido, ela apertava a mão de "T" e dizia: "Esse foi o melhor discurso que já fez." Por sua vez, o Presidente Benson demonstrava extraordinário respeito pela esposa. Juntos viajaram por todo o mundo. Embora o Presidente Benson recebesse honras e distinções de várias localidades, sempre deu preferência aos doces prazeres de sua vida com Flora—conversar, conviver em harmonia e tomar com ela um sorvete de casquinha.

Ezra Taft Benson tornou-se Presidente do Quórum dos Doze no dia 30 de dezembro de 1973. Doze anos mais tarde, no dia 10 de novembro de 1985, tornou-se Presidente da Igreja. Não esperara esse dia. Ele e Sister Benson haviam orado para que a vida do Presidente Kimball fosse prolongada. Não obstante, ele disse: "Agora que o Senhor se pronunciou, procuraremos fazer o melhor, de acordo com sua orientação, para levar a obra avante aqui na Terra" (*A Liahona*, abril/maio de 1986, p. 45).

Tinha oitenta e seis anos quando envergou o manto de profeta, sendo visivelmente fortalecido e revigorado pelo chamado. Viajou extensivamente por toda a Igreja, dedicando templos e discursando aos santos.

CHEGANDO AOS NOVENTA

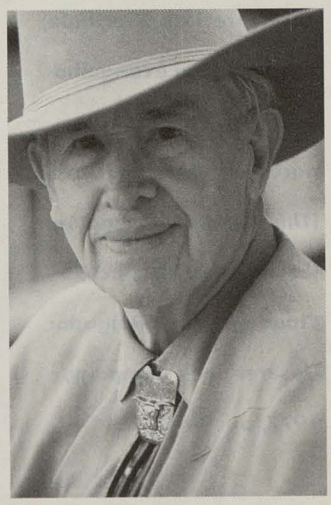
Ao se aproximar do nonagésimo aniversário, o Presidente Benson teve um ataque cardíaco e outros problemas de saúde que lhe debilitaram a força física. Entretanto, sua energia na função de profeta ficou ainda mais forte. No discurso histórico de uma conferência geral, exortou os membros a

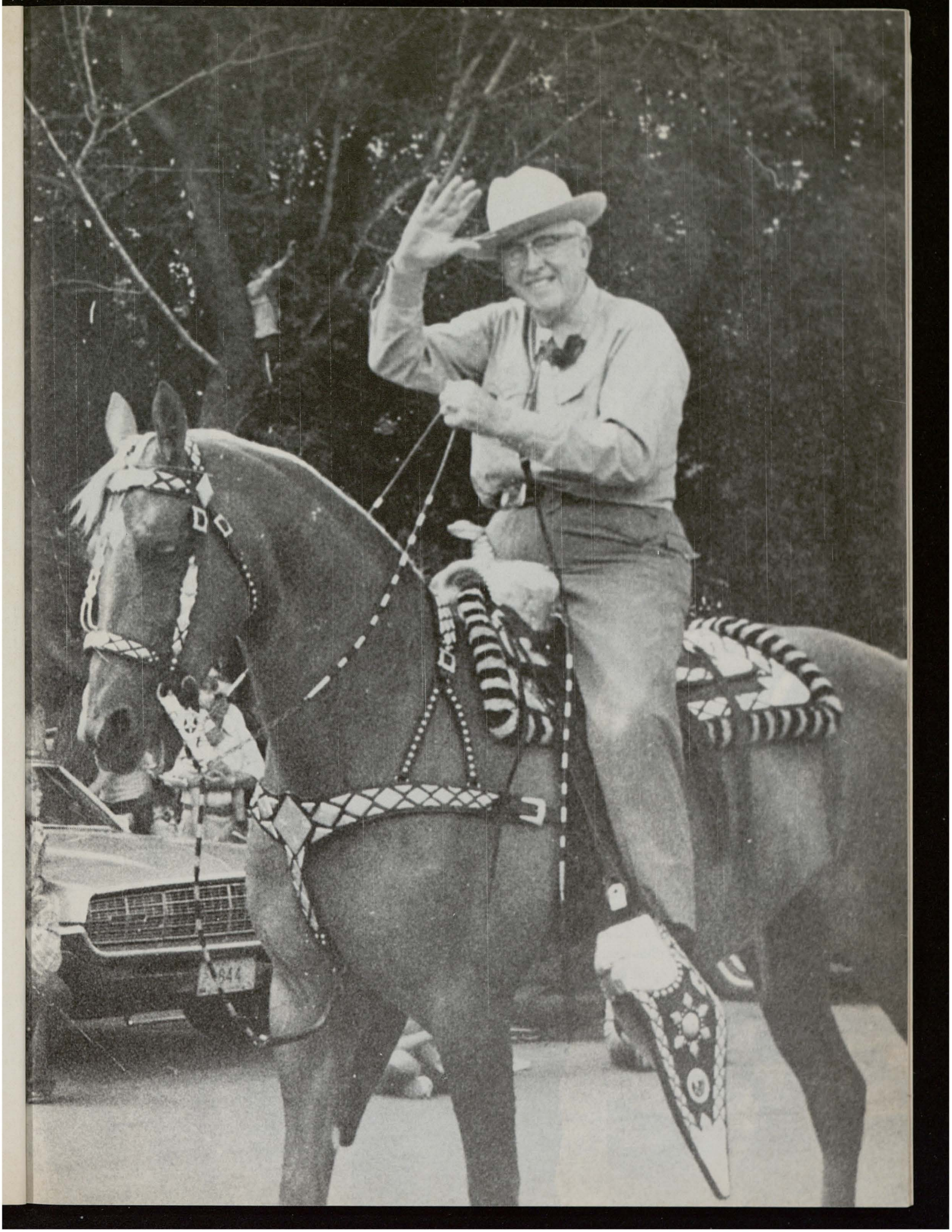
O ESPÍRITO SANTO

"O Espírito Santo faz com que sejamos mais ternos, caridosos e compassivos uns com os outros. Somos mais calmos em nossos relacionamentos. Temos maior capacidade de amar uns aos outros. As pessoas querem ficar perto de nós, porque nosso semblante irradia a influência do Espírito. Temos um caráter divino. Conseqüentemente, somos mais sensíveis ao influxo do Espírito Santo e, assim, mais capazes de compreender as coisas espirituais."

(*A Liahona*, setembro de 1988, p. 5.)

FOTOGRAFIA DE JED CLARK





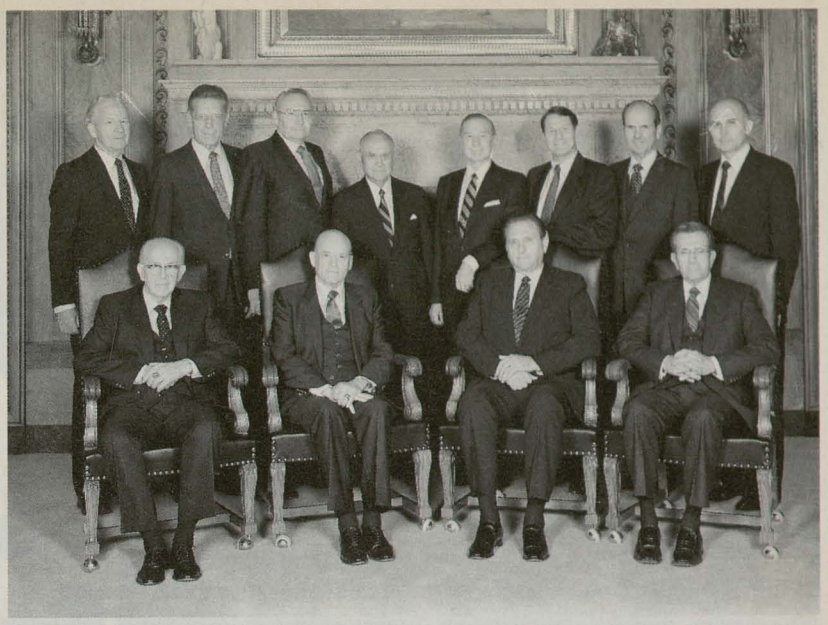


FÉ EM JESUS CRISTO

"Fé em Jesus Cristo consiste em confiar plenamente Nele. Como Deus, Ele tem infinito poder, inteligência e amor. Não existe problema humano que Ele não seja capaz de resolver. Por ter-se sujeitado a todas as coisas (ver D&C 122:8), Ele sabe como nos ajudar a superar nossas dificuldades diárias. (. . .)

Ter fé Nele significa confiar que Ele tem pleno poder sobre todos os homens e todas as nações. Não há mal que Ele não possa coibir. Todas as coisas estão em Suas mãos. A Terra é Sua, é Seu próprio domínio. Contudo, Ele permite o mal, para que possamos escolher entre o bem e o mal."

(*A Liahona*, janeiro de 1984, pp. 11–12.)



Ezra Taft Benson serviu ao Senhor e aos santos como Apóstolo durante cinqüenta anos. *Página ao lado:* Com um grupo de moças, em meados da década de 80. *Acima:* Com o Quórum dos Doze, em 1984. Ele serviu doze anos como Presidente do Quórum.

sobrepujarem o orgulho com o coração quebrantado e o espírito contrito. "Orgulho é o pecado universal, o grande vício", disse ele. "O orgulho é a grande pedra de tropeço no caminho de Sião." (Ver *A Liahona*, julho de 1989, pp. 5–6.) A visão de suas atribuições parecia concentrar-se cada vez mais aguçadamente na divulgação do Livro de Mórmon em todo o mundo. Num discurso, relatou sua visão de um "mundo espiritualmente faminto", sendo alimentado pelo evangelho conforme ensinado no Livro de Mórmon. Depois, de modo tocante e profético, testificou: "Não sei bem por que Deus preservou minha vida até esta idade, mas disto sei: Que para a hora presente, Deus revelou-me a necessidade absoluta de propagar o Livro de Mórmon de maneira maravilhosa". A seguir, declarou que os membros da Igreja deveriam ajudá-lo no encargo e bênção de "inundar a terra com o Livro de Mórmon". (*A Liahona*, janeiro de 1989, pp. 3–5.)

Milhares de membros da Igreja ajudaram na realização desta visão do profeta, estudando o Livro de Mórmon e enviando exemplares do livro com suas fotos e testemunhos por todo o mundo. Estes livros serviram como instrumento na conversão de milhares de pessoas à Igreja, tendo o número de membros, no início de 1990, chegado aos sete milhões.

No final de 1989, a Primeira Presidência fez importante modificação. A partir de 1990, todas as atividades e programas da Igreja—inclusive construções—nos Estados Unidos e Canadá, seriam totalmente custeados pelos fundos gerais da Igreja; aplicou-se mundialmente esta norma em meados de 1991. O Presidente Benson aguardava ansiosamente a época em que os dízimos, ofertas de jejum e contribuições para o fundo missionário fossem a principal fonte dos fundos da Igreja. Agora os membros não precisavam contribuir para os orçamentos da ala e já não seria necessário que os quóruns

e auxiliares angariassem fundos para custear seus programas.

Entretanto, se a modificação desta norma parecia simples, suas implicações traziam amplas conseqüências. Atividades dispendiosas foram substituídas por outras mais simples e voltadas para o evangelho. E com menos tempo e dinheiro sendo requeridos para a execução de programas da Igreja, os membros fiéis podem aplicar seus recursos, assim aumentados, para fazer o bem de acordo com a orientação do Espírito.

Durante sua gestão, o Presidente Benson presenciou uma série de acontecimentos notáveis, envolvendo princípios de liberdade que ele tão francamente defendeu durante toda a vida. A Cortina de Ferro, no Leste Europeu, miraculosamente começou a romper-se, abençoando as pessoas que ele aprendera a amar depois da II Guerra Mundial. Em 1985 foi dedicado o Templo de Freiberg, na República Democrática Alemã—um verdadeiro milagre. Todavia, sem o trabalho missionário naquele país, o crescimento da Igreja era limitado. Então, em 1988, o governo comunista da República Federal Alemã consentiu que os missionários servissem ali e também que seus jovens cidadãos fizessem missão em qualquer lugar.

Por volta de 1990, sinais de mudanças políticas varreram o mundo. As barreiras entre o leste e o oeste dissiparam-se à medida que os povos do Leste Europeu e outras nações adotaram fervorosamente princípios de democracia e religião.

Acontecimentos maravilhosos se sucederam quando o Muro de Berlim caiu e as Alemanhas Ocidental e Oriental se unificaram. Em junho de 1991, o Coro do Tabernáculo fez uma tournée histórica pela Europa Central e Rússia, cantando no Teatro Bolshoi de Moscou e em outros teatros da Checoslováquia, Hungria e Polônia. Nos meses seguintes, a URSS foi desfeita. Logo, em lugar do Bloco Oriental, dominado por um regime autoritário, surgiram repúblicas independentes, a maioria com líderes eleitos pelo povo. Presidente Benson viveu o suficiente para ver uma notável defesa dos princípios que tanto prezava.

O Presidente Benson já se pronunciara a respeito da significativa realidade desta época na história do mundo: "Nós temos o Livro de Mórmon, temos os membros, temos os missionários, temos os meios; e o mundo tem a necessidade. A hora é agora!" (*A Liahona*, janeiro de 1989, p. 4.)

Durante os últimos anos de vida, o corpo do Presidente Benson, outrora

RESPOSTA À ORAÇÃO

"Desde a minha infância, nos joelhos de minha mãe, onde aprendi a orar; como jovem, na minha adolescência; como missionário em terras distantes; como pai; como líder da Igreja; como funcionário do governo; sei, sem sombra de dúvida, que é possível homens e mulheres orarem com humildade e tocarem o Poder Invisível; receberem resposta a suas orações. (. . .) A oração abre portas; a oração remove barreiras; a oração alivia pressões; a oração traz paz interior e consolo durante épocas de tensão e estresse." (Conference Report, outubro de 1956, p. 104.)



FOTOGRAFIA DE ROGER TUTTLE, CORTESIA DE DAVIS COUNTY CLIPPER

Acima: Com a ajuda de vários meninos que ele convidou dentre a multidão, o Presidente Benson tira a primeira pá de terra, na cerimônia de abertura da terra do Templo de Bountiful Utah, em maio de 1992. Esta foi uma das últimas vezes em que ele apareceu em público.

vigoroso, foi enfraquecendo. No início ele se reunia com os santos nas conferências gerais, quando podia, acenando para a congregação de sua cadeira de rodas. Mais tarde, sua saúde impediu-o de comparecer às conferências gerais. Em casa, em seu apartamento do outro lado do Edifício dos Escritórios da Igreja, ainda conversava com as Autoridades Gerais que iam expressar-lhe amor e também consultá-lo em assuntos de interesse. Sua amada Flora faleceu no dia 14 de agosto de 1992, após sessenta e seis anos de amorosa vida em comum.

A personalidade vigorosa do Presidente Benson também se abrandou e atenuou-se com a idade, comentou um amigo íntimo. "Embora muitas pessoas se tornem rabugentas e exigentes por causa de doenças e da idade avançada, o Presidente Benson tornou-se mais meigo e grato pelas coisas que os outros faziam por ele." Até o fim da vida, este profeta exemplificou os doces frutos do evangelho de Cristo.

O Presidente Benson foi um profeta de visão e coragem. Talvez ele próprio tenha melhor explicado os frutos abundantes de sua vida e de seu ministério:

"Homens e mulheres que se voltam para Deus descobrem que Ele pode fazer muito mais por suas vidas do que eles mesmos. Ele aumenta-lhes as alegrias, alarga-lhes a visão, aviva-lhes a mente, fortalece-lhes os músculos, eleva-lhes o espírito, multiplica suas bênçãos, aumenta suas oportunidades, conforta-lhes a alma, dá-lhes amigos e derrama-lhes sua paz." (Devocional de Natal da Primeira Presidência, 7 de dezembro de 1986.) □

EZRA TAFT BENSON ACONTECIMENTOS IMPORTANTES

(1899–1994)

Data	Evento
1899	*4 de agosto:* Nasce em Whitney, Idaho.
1914–18	Cursa a Academia da Estaca Oneida em Preston, Idaho.
1918	Começa a freqüentar a Utah State Agricultural College, em Logan, Utah.
1918–21	Serve no escotismo como chefe de tropa assistente, e depois como chefe de tropa na Ala de Whitney.
1921–23	É ordenado élder por seu pai e serve como missionário na Grã-Bretanha.
1926	*Primavera:* Forma-se na Universidade Brigham Young. *10 de setembro:* Casa-se com Flora Amussen no Templo de Lago Salgado. *Outono:* Começa a freqüentar a Faculdade do Estado de Iowa em Ames, Iowa.
1927	Forma-se na Faculdade Estadual de Iowa, com mestrado em economia agrícola. Volta para Idaho. É ordenado setenta.
1929–30	Trabalha para a divisão de extensão da Universidade de Idaho.
1931	Torna-se diretor do novo Departamento de Economia e Marketing Agrícola da universidade.
1932	Torna-se superintendente da AMM (hoje Mutual) da Estaca de Boise.
1933–38	Serve como secretário executivo do Conselho Cooperativo de Idaho.
1935	É ordenado sumo sacerdote e designado primeiro conselheiro na presidência da Estaca de Boise.
1936	Inicia pós-graduação na Universidade da Califórnia, em Berkeley.
1938	Torna-se presidente de estaca em Boise, Idaho.
1939	Torna-se secretário executivo do Conselho Nacional de Cooperativas Agrícolas em Washington, D.C.
1940	Torna-se presidente da Estaca Washington (D.C.).
1943	*7 de outubro:* É ordenado Apóstolo.
1946	*De fevereiro a dezembro:* Serve como presidente da Missão Européia; coordena a distribuição de alimentos e suprimentos às vítimas da Segunda Guerra Mundial. *Julho:* Dedica a Finlândia à pregação do evangelho.
1949	É eleito membro da Junta Executiva Nacional dos Escoteiros da América, sucedendo ao Presidente George Albert Smith.
1953–61	Serve como Ministro da Agricultura no governo do Presidente Dwight D. Eisenhower.
1964–65	Serve novamente como presidente da Missão Européia.
1966	Dedica a Itália à pregação do evangelho.
1969	Dedica Cingapura e a Indonésia à pregação do evangelho.
1970	Organiza a Estaca Tóquio, primeira estaca asiática.
1973	*30 de dezembro:* É designado Presidente do Quorum dos Doze.
1976	*14 de setembro:* Ele e Sister Benson



A Primeira Presidência: *(a partir da esquerda)* Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro; Presidente Ezra Taft Benson; Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro.

	comemoram o qüinquagésimo aniversário de casamento.
1977	Organiza a Estaca Helsinqui, a primeira da Finlândia.
1978	Recebe o Prêmio da Federação Agrícola Americana por Serviços Prstados; recebe a Medalha George Washington da Freedom Foundation (Fundação da Liberdade) em Valley Forge.
	Participa da dedicação dos Jardins do Memorial Orson Hyde em Jerusalém.
1985	*10 de novembro:* Torna-se Presidente da Igreja.
1986	*Janeiro:* Visita o Presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, em Washington, D. C.
	Participa da dedicação do Templo de Denver Colorado.
1987	*Julho:* Participa do Sesquicentenário das Ilhas Britânicas em Londres.
	Agosto: Participa da dedicação do Templo de Frankfurt Alemanha.
1988	*Fevereiro:* Participa da abertura de terra do Templo de San Diego Califórnia.
	Maio: É agraciado como o ex-aluno mais ilustre da Universidade do Estado de Utah.
1989	*Agosto:* Participa da dedicação do Templo de Portland Oregon.
	Dezembro: Participa da dedicação do Templo de Las Vegas Nevada.
1990	*Janeiro, março:* Comparece às conferências regionais em Utah e Idaho.
1992	*Maio:* Participa da abertura de terra do Templo de Bountiful Utah.
	19 de agosto: Comparece ao funeral de sua esposa, Flora. □



O LIVRO DE MÓRMON

"Tenho uma visão de lares vigilantes, de classes despertas e de púlpitos inflamados pelo espírito das mensagens do Livro de Mórmon.

Tenho uma visão de mestres familiares e professoras visitantes, líderes de alas e ramos, de estacas e missões aconselhando nosso povo de acordo com o livro mais correto da Terra—o Livro de Mórmon.

Tenho uma visão de artistas ilustrando em filmes, peças de teatro, literatura, músicas e quadros grandes temas e grandes personagens do Livro de Mórmon.

Tenho uma visão de milhares de missionários partindo para o campo missionário, tendo decorado centenas de passagens do Livro de Mórmon, a fim de atenderem às necessidades de um mundo espiritualmente faminto.

Tenho uma visão da Igreja inteira achegando-se mais a Deus pela obediência aos preceitos do Livro de Mórmon.

Em verdade, tenho uma visão da Terra inundada com o Livro de Mórmon." (*A Liahona*, janeiro de 1989, p. 5.)

FRONT COVER PHOTOGRAPH BY MERRETT T. SMITH

Freqüentar o Templo: Desafios e Bênçãos

Quando o templo de Salomão foi concluído, praticamente toda a nação israelita se reuniu para comemorar a dedicação. (Ver II Crônicas 5–7.) Da mesma forma, também em nossos dias a dedicação de um templo é motivo de júbilo para a Igreja.

Por que a dedicação de um templo é motivo de tanta alegria? O Élder Boyd K. Packer explicou: "Todos os caminhos conduzem ao templo, pois é nele que somos preparados em todas as coisas para nos qualificarmos a entrar na presença de Deus" (*Lembrai-vos de Mim*, Guia de Estudo Pessoal da Sociedade de Socorro 1, p. 84).

VENCER DESAFIOS PARA IR AO TEMPLO

Assim como construir um templo requer grande esforço e sacrifício da Igreja, freqüentar o templo também exige que nos esforcemos e sacrifiquemo-nos para vencer desafios pessoais.

A Presidente Elaine L. Jack conta de sua visita a uma mãe de oito filhos em uma pequena cabana de nipa nas Filipinas: "[Em] um canto . . . havia uma pequena mesa com uma máquina de costura portátil . . . Por dois anos [essa irmã] costurara para fora naquela simples máquina para ganhar dinheiro e levar a família ao templo, a fim de serem todos selados" (*A Liahona*, janeiro de 1994, p.109).



ILUSTRAÇÃO DE JUDITH MEHR

Mesmo as que moram perto de um templo precisam vencer desafios pessoais. Para uma, o desafio pode ser a saúde deficiente, para outra, uma vida atarefada. Algumas podem achar difícil afastar-se dos filhos pequenos ou de um parente enfermo que necessite de cuidado constante. Para outra o desafio pode ser um marido não-membro da Igreja que a desencoraja. Às vezes, o desafio pode ser fé vacilante ou mesmo uma sensação de indignidade.

Seja qual for a circunstância, podemos, todos os dias, lutar para vivermos dignas de ir ao templo. Mesmo que a oportunidade não chegue logo, nossa vida será mais feliz.

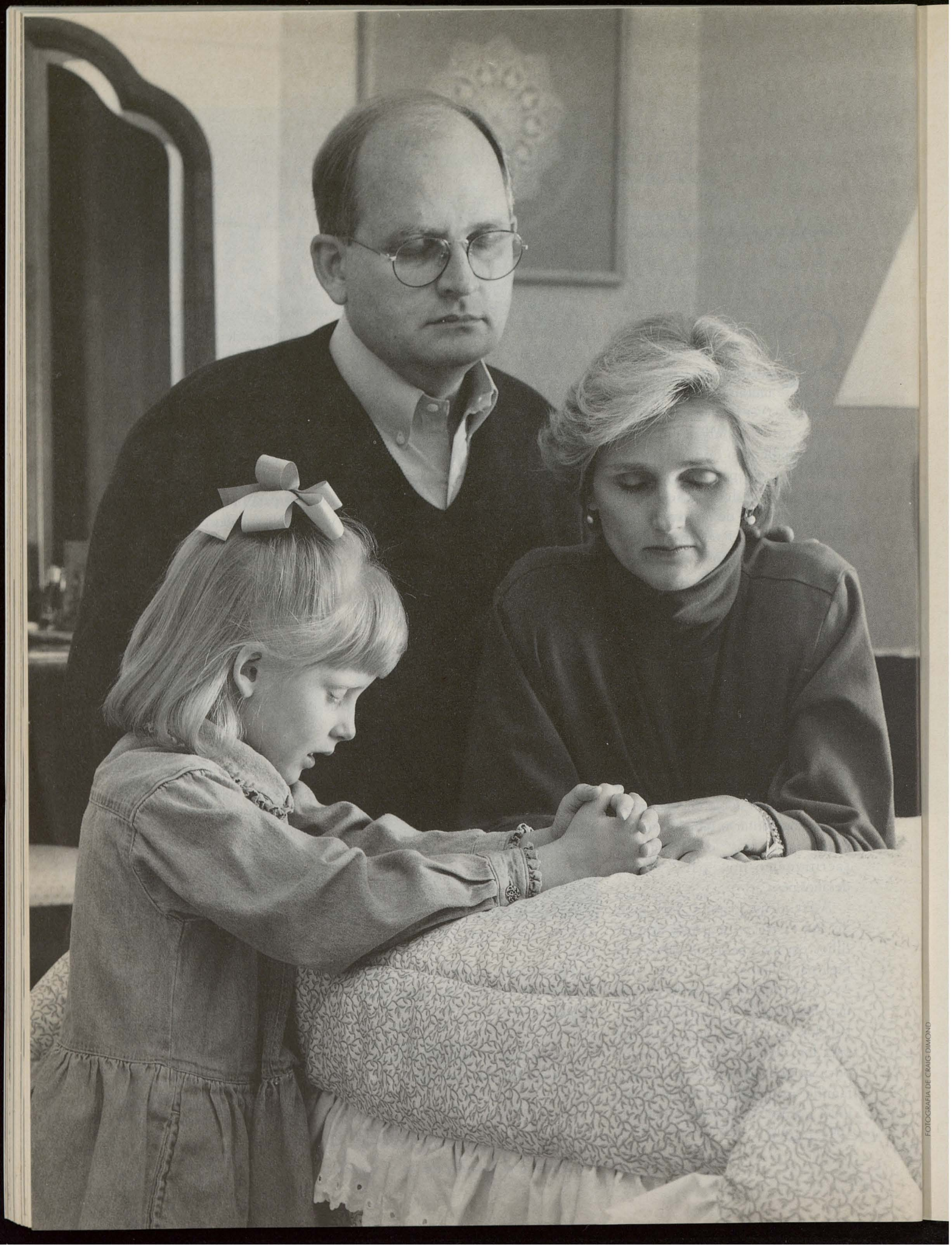
• *Como uma pessoa pode viver dignamente todos os dias para ir ao templo?*

DESFRUTE AS BÊNÇÃOS DA FREQÜÊNCIA AO TEMPLO

Membros dignos da Igreja podem receber e ajudar outros a receberem as sagradas ordenanças do templo, tais como batismo pelos mortos, investidura, casamento eterno e selamento. Ao provermos esses serviços, somos abençoadas individualmente. O Presidente Ezra Taft Benson escreveu: "Na paz desses belos templos, às vezes encontramos soluções para os sérios problemas da vida. Sob a influência do Espírito, às vezes, quando estamos no templo, recebemos um fluxo de conhecimento puro. Eles são locais de revelação pessoal. Quando estou assoberbado com um problema ou uma dificuldade, vou à casa do Senhor, com uma prece no coração, pedindo respostas" (*A Liahona*, junho de 1992, Seção Infantil, p. 2).

A ida ao templo nos abençoa de várias maneiras. Por exemplo, uma irmã que conseguiu ir ao templo regularmente percebeu que sua vida parecia mais organizada e que era mais capaz de resolver seus problemas. Ficou, porém, mais contente ainda quando seu filho adolescente comentou: "Acho que *minha* semana transcorre melhor quando minha mãe e meu pai vão ao templo". O templo permite que nos concentremos em assuntos eternos. Muitas vezes, saímos do templo com maior capacidade de amar, servir, entender as escrituras e progredir para de novo viver com o Pai Celestial.

• O que passa a ser diferente em nossa vida depois de termos estado no templo? □



FOTOGRAFÍA DE CRAIG DIMOND

Ajudar as Crianças a Ouvirem a Voz Mansa e Delicada

C. Terry e Susan L. Warner

Como as crianças descrevem sentimentos espirituais?

"Muito bonito. Sinto como se não houvesse nada com o que me preocupar" (Daniel, doze anos).

"Sinto como se tudo estivesse certo" (Sara, sete anos).

"Sinto que não quero fazer nada de errado. Só quero ser bom o tempo todo" (Bernardo, dezesseis anos).

"Não é somente um sentimento. É como o amor que o Pai Celestial e Jesus têm por nós e como o amor que a gente tem por eles e pela família" (Miguel, dez anos).

"Sinto-me como se tivesse me lavado e estivesse limpa" (Júlia, nove anos).

As crianças têm muitos sentimentos espirituais que transparecem em semblantes alegres, mas, ao contrário das crianças mencionadas acima, algumas talvez nunca tenham sido ensinadas a reconhecer que esse sentimentos são espirituais e vêm de Deus. Até mesmo crianças a quem pais amorosos ensinam o evangelho nem sempre entendem e assimilam as explicações de assuntos do evangelho.

Por exemplo: após uma reunião de testemunho no acampamento, Beatriz, de quinze anos, perguntou à amiga Tânia como é sentir o Espírito. Tânia lhe disse: "É difícil explicar com palavras, mas é como um sentimento transbordando dentro de mim. Fico feliz e sinto vontade de chorar ao mesmo tempo".

Beatriz respondeu com surpresa: "Já me senti assim, mas não sabia que era o Espírito".

De modo geral, ninguém ajuda melhor as crianças a reconhecerem seus sentimentos espirituais do que os pais, e a melhor época para fazê-lo é a infância. Os pais são dotados pelo Senhor de grande amor pelos filhos, da capacidade de discernir suas necessidades e sentimentos e do direito de receber orientação espiritual para eles. Por serem as crianças pequenas muito sensíveis ao amor dos pais, elas são receptivas a sua influência e anseiam por serem ensinadas.

Muitos professores de língua estrangeira acreditam que as crianças aprendem melhor uma língua pelo método de "imersão", quando estão rodeadas de outras pessoas que falam a língua e, assim, são levadas a falar também. Elas aprendem não somente a dizer algumas palavras, mas a falar fluentemente e até mesmo a pensar na nova língua. O lugar adequado para se usar o método de "imersão" espiritual é em casa, onde os princípios espirituais formam a base para a vivência diária. "E [as palavras do Senhor] intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te." (Deuteronômio 6:7.)

A fim de imergir nossos filhos na educação espiritual, nós, como pais, seríamos sábios se começássemos por nós. Alguns de nós talvez tenham dificuldade em ensinar sobre o Espírito, porque achamos difícil reconhecer nossos próprios sentimentos espirituais. Podemos, erradamente, buscar grandes manifestações, mas as experiências espirituais vêm, com mais probabilidade, através de um sentimento de calma, um ardor dentro do peito (ver D&C 9:8) ou uma impressão que, silenciosamente, nos leva a agir ou nos faz recuar.

O Presidente Ezra Taft Benson disse: "Ouvimos as

FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND

As atividades selecionadas cuidadosamente conseguem retirar da família as influências mundanas e conduzi-la a um ciclo de paz e apoio mútuo baseado no amor. O sentimento de pertencer a uma família eterna servirá como um ponto de referência divino para os filhos.

palavras do Senhor mais freqüentemente através de um sentimento. Se formos humildes e sensíveis, o Senhor nos inspirará, na maioria das vezes, por meio de nossos sentimentos. É por isso que os sussurros do Espírito algumas vezes nos levam a experimentar grande alegria e outras vezes nos levam às lágrimas" (*Teachings of Ezra Taft Benson*, Cidade do Lago Salgado: Bookcraft, 1988, p.77). Tal sentimento pode ser a compaixão por alguém necessitado, a disposição de obedecer a pais ou líderes, um estímulo para perdoar, um desejo de fazer as coisas certas quando erramos em relação a alguém ou um sentimento de gratidão. Estes sentimentos espirituais tornam-se mais claros e mais intensos à medida que ouvimos e obedecemos aos sentimentos de certo e errado que o Senhor colocou em nosso coração (ver Mosiah 7:15–17). "Quando se *faz* o que é certo", disse uma vez o Presidente Benson às crianças da Igreja, "*sente*-se bem, e é assim que o Espírito Santo lhe fala" (*A Liahona*, julho de 1989, p. 82).

Quando cultivamos o Espírito no coração, tornamo-nos mais capazes de ensinar, de influenciar outros corações pelo Espírito. (Ver 2 Néfi 33:1.) Se, porém, não tivermos o Espírito, nossos filhos talvez notem a falta de sinceridade, ainda que digamos as coisas certas. Eles podem sentir que estamos tentando forçá-los a obedecer e podem não querer ouvir-nos. Uma criança de seis anos, por exemplo, causou tumulto no supermercado pedindo doces e tirando latas da prateleira quando não foi atendida. Sua mãe desesperada, ao invés de disciplinã-la com mais carinho, agarrou a menina pelos ombros e asperamente lhe disse que se sentasse. "Eu estarei sentada por fora" respondeu a filha, "mas estarei em pé por dentro!"

Quando ensinamos pelo Espírito—"e o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé" (D&C 42:14)—existem diversas coisas que podemos fazer conscientemente para ajudar nossos filhos a aprenderem a reconhecer e buscar seus próprios sentimentos espirituais e ser guiados por eles.

1. *Ajude-os a aprenderem a orar.* Precisamos começar quando os filhos ainda forem muito pequenos, ajoelhando-nos com eles de manhã e à noite. Nesse ambiente, podemos expressar amor uns pelos outros e pelo Pai Celestial. Ao participarem repetidas vezes desta sagrada experiência, as crianças desenvolvem o hábito de voltar freqüentemente à reverência, ao amor, à segurança e à paz associados com a oração.

A oração pessoal pode vir a ser um refúgio espiritual particular, mas a oração em família também propicia oportunidades importantes de experimentarem-se sentimentos espirituais. Mesmo as crianças menores conseguem sentir o caráter reverente e o respeito tranqüilo que advêm da oração em família. É óbvio que, às vezes, as crianças são agitadas e os pais ficam impacientes, mas a repetição da experiência da oração conjunta tranqüiliza e fortalece a todos. Uma de nossas filhas mais velhas disse uma vez a uma de suas irmãs mais novas: "Quando escuto Jenny conversar com o Pai Celestial, consigo vislumbrar o céu". Temos também um filho que, em sua agitação dos três anos, freqüentemente se acalmava ao ouvir seu nome mencionado na oração familiar.

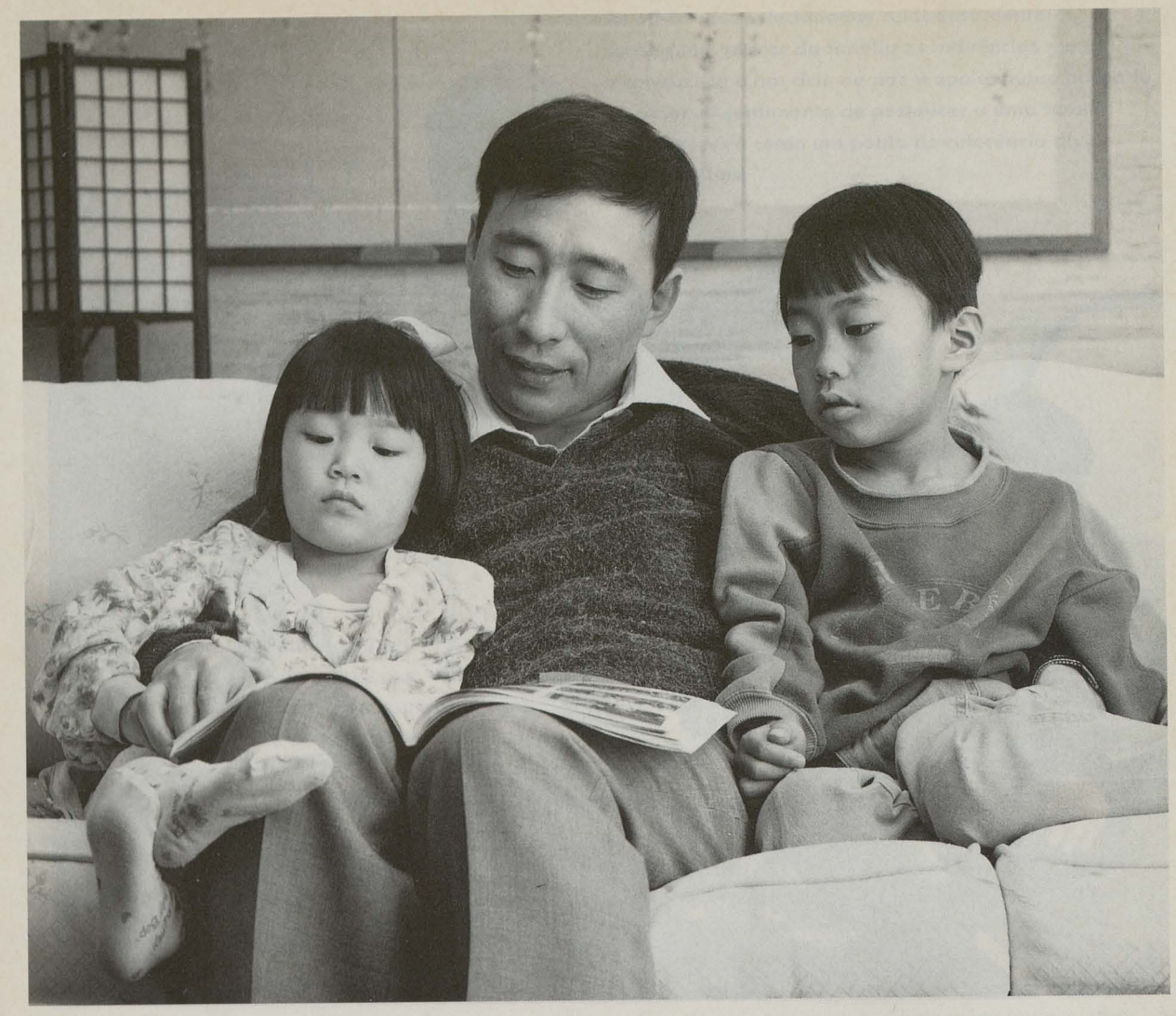
2. *Mantenha a tranqüilidade.* Uma atmosfera continuamente serena é essencial para o ensino das coisas espirituais. Uma vez que o Espírito fala através de uma



"voz mansa e delicada" (1 Néfi 17:45), é difícil discernir sentimentos espirituais em meio a confusão e, especialmente, a contendas. Nós, pais, temos que começar por nós próprios. Por meio do arrependimento e da fé, devemos esforçar-nos para termos paz no lar. Devemos falar baixo e com respeito, demonstrar amor e gratidão, desculpar-nos e perdoar prontamente e estar sempre alegres. Podemos não obter sucesso imediato em tais esforços, mas o lar é o local perfeito para se treinar o melhor modo de agir. O sucesso será alcançado mais facilmente se livrarmos nosso lar de influências mundanas, que incluem programas de televisão, vídeos, música e material de leitura que ofendem o Espírito do Senhor.

3. *Ensine o evangelho ao nível das crianças.* As doutrinas do reino, ensinadas em sua pureza e simplicidade, têm um impacto eterno nas crianças, quando o Espírito confirma o testemunho. Em alguns aspectos, nossos filhos são como pesquisadores do evangelho, perguntando e aprendendo. Quando fazem perguntas e expressam pensamentos que parecem estar totalmente fora do tema de uma noite familiar, devemos levar a sério seus comentários e encorajá-los a refletir, ainda que não consigamos dar a lição conforme planejada. Dar-lhes apoio dessa maneira ensina-os a ter confiança em seus sentimentos.

4. *Conduza-os em atividades familiares salutares.* As atividades selecionadas cuidadosamente conseguem retirar as influências mundanas da família e conduzi-la a um ciclo de paz e apoio mútuo baseado no amor. O sentimento de pertencer a uma família eterna, que é um



sentimento espiritual, servirá como ponto de referência divino para os filhos, por meio do qual medirão outros relacionamentos. Os grupos de amigos com influências negativas passam a oferecer muito menos atrativos se os jovens estiverem ligados de uma maneira espiritual a suas famílias.

Uma de nossas filhas disse-nos que os momentos mais significativos de sua infância e juventude aconteceram "quando a família estava junta sem ninguém estar aborrecido e nos sentávamos, conversando, cantando e sentindo o Espírito do Senhor. Sentia-me completamente feliz".

5. *Converse com eles em todas as oportunidades.* Algumas de nossas melhores lembranças são de conversas abertas com os filhos, quando eles faziam de tudo para deitar-se mais tarde. Escutávamos atentamente, fazendo apenas as perguntas necessárias para encorajá-los a contar-nos as alegrias e desapontamentos do dia. Jamais encontramos melhores oportunidades para conversar sobre sentimentos e para mostrar, com base nas experiências diárias de uma criança, como o Espírito pode ter sido ouvido ou ignorado. As oportunidades de se falar a respeito de sentimentos espirituais com uma criança podem ser encontradas durante atividades diárias comuns como, por exemplo, cuidando do jardim, arrumando a cozinha ou fazendo pequenas tarefas.

6. *Ouça os sussurros do Espírito.* Devemos estar atentos para as oportunidades de ajudar nossos filhos a sentirem a influência do Espírito—oportunidades para que sintam gratidão, reflitam a respeito das bênçãos e recebam inspiração. Certa mãe contou uma história que ilustra a

Nossos filhos são como pesquisadores do evangelho. Devemos levar a sério seus comentários e encorajá-los a refletir, ainda que não consigamos dar a lição conforme planejada.

maneira pela qual os pais podem sutilmente guiar os filhos em situações semelhantes.

Ao voltarem de um parque de diversões aonde haviam ido com a escola, Ricardo e José estavam muito entusiasmados por haverem ganho um aviãozinho de madeira cada um e o filho mais velho, Samuel, estava ainda mais feliz, pois ganhara dois deles. Ao irem dormir, Ricardo ajoelhou-se em seu avião e quebrou-o em pedaços. Ficou inconsolável. A mãe sugeriu a Samuel que desse um dos seus a Ricardo. "Mãe"—disse ele—"como pode pedir-me que faça uma coisa tão difícil?"

Carinhosamente, ela relembrou-o do dom do Espírito Santo que ele recebera após o batismo. "Ouça seu coração e será capaz de decidir o que fazer", respondeu-lhe a mãe.

Alguns instantes mais tarde, Ricardo enxugava as lágrimas e agradecia Samuel pelo presente. E Samuel escreveu em seu diário: "Ao dar meu avião ao Ricardo, senti uma espécie de sorriso e um sentimento muito bom em meu coração. Era tão forte que parecia que eu ia explodir. Quase não consegui dormir aquela noite, por causa da sensação de que meu coração ia explodir". Ele disse a sua mãe que sabia que o Espírito Santo o ajudara a tomar a decisão.

Ensinar a respeito do Espírito parece particularmente difícil quando as coisas não vão bem em casa. Nosso primeiro impulso pode ser o de tomarmos medidas drásticas com nossos filhos, criticando-os, diminuindo-os ou condenando-os. Em momentos assim, é mais importante do que nunca buscarmos o Espírito e restaurarmos a paz por meio de sua influência e orientação. Quando reagimos à desobediência, às contendas e à rebelião desse modo, promovemos a cicatrização através do Espírito e ensinamos nossas famílias a respeito da paz que isso traz.

"Não podemos forçar os nossos filhos nem as nossas filhas para o eterno lar. Podemos conduzi-los ao inferno, se usarmos meios violentos para torná-los bons, quando nós mesmos não somos o que deveríamos ser. (. . .) Podemos corrigir nossos filhos somente com amor—com bondade, com amor não fingido, pela persuasão e pela razão." (Joseph F. Smith, *Doutrina do Evangelho*, p. 288.) Isso pode exigir que escutemos pacientemente as reclamações das crianças ou suas frustrações enquanto resistimos à tentação de forçá-las a se comportarem corretamente. Pode ser que precisemos confessar-lhes nossas falhas e pedir-lhes que nos perdoem. Pode ser que choremos com eles a respeito de algo que tenha saído errado. Pode ser que tenhamos que parar de fazer alguma coisa de importância para nós, a fim de atendermos a suas necessidades.

Quando realizamos o sagrado trabalho de educar nossos filhos, não o fazemos sozinhos. O sacrifício traz as bênçãos do céu e não há empreendimento que mais necessite de bênçãos do que alimentar a sensibilidade espiritual de nossos filhos. O Senhor prometeu ajudar-nos. (Ver D&C 45:57–58.) Os sacrifícios que fazemos, as lágrimas que derramamos e as orações que oferecemos não são desperdiçados. Recebemos ajuda dos céus só por tentarmos ensinar nossos filhos.

"Portanto, não vos canseis de fazer o bem, pois estais construindo o alicerce de um grande trabalho. E de pequenas coisas provêm as grandes" (D&C 64:33). □

Nosso Dia de Semeadura

Netzahualcoyotl Salinas V.

Era domingo e os élderes da Ala Constitución, Estaca Guadalajara Unión México, estavam na reunião do sacerdócio. Os irmãos ouviam a aula que estava sendo dada pelo presidente do quórum, um exímio professor. Entre os presentes estavam um élder recém-ordenado e seu pai, que retornava à Igreja após longo período de inatividade.

A lição do dia focalizava o próprio quórum de élderes. "O que é um quórum do sacerdócio?", o presidente perguntou, e os irmãos deram várias respostas. É como uma família, disseram, e os irmãos do quórum deviam estar sempre sinceramente preocupados com o bem-estar uns dos outros e ajudar-se mutuamente.

Como bispo da ala, juntei-me ao grupo em tempo de ouvir o final da lição. Levantando a mão, pedi permissão para falar. "Acabei de saber que o irmão Noriega, um dos membros do nosso quórum, não está conseguindo a maquinaria de que precisa para plantar", disse eu. "Visto que as chuvas já começaram, é urgente que as sementes sejam plantadas imediatamente. O irmão Noriega corre o risco de não conseguir plantar, pois é idoso e não conta com quem o ajude.

Sugeri que no dia seguinte fôssemos todos ajudar o irmão Noriega a plantar suas sementes. Com certeza, todos juntos poderíamos fazer o trabalho, mesmo sem a maquinaria necessária. Todos se prontificaram a pôr em prática a lição do dia, e o presidente do quórum fez os acertos finais.

No dia seguinte, o irmão Noriega nos esperava com ferramentas e sementes. Não conseguira dormir, contou, sabendo que o quórum iria ajudá-lo. Enquanto alguns irmãos limpavam o terreno, outros preparavam a terra ou depositavam as sementes nos buracos e as cobriam. Dois dos participantes mais ativos eram o membro recentemente reativado e seu filho.

Estava escuro quando terminamos o trabalho. Sujos e cansados, tínhamos bolhas nas mãos e espinhos nas roupas. Todos, porém, estávamos muito satisfeitos por termos ajudado nosso irmão—e sentíamos que realmente aprendêramos o significado da aula da reunião do sacerdócio. Expressando gratidão, o irmão Noriega disse que se julgava jovem e forte novamente enquanto trabalhava lado a lado com os irmãos do quórum. O homem recém-reativado também disse que a atividade lhe dera nova força e coragem. No momento em que estávamos partindo, a chuva começou a cair e todos ficamos molhados. O banho, porém, foi uma bênção. Uma chuva do céu era tudo que precisávamos para completar nosso dia de semeadura. □

ILUSTRAÇÃO DE ROBERT MCKAY

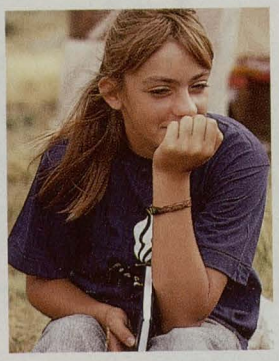


ILUSTRAÇÃO DE ROBERT MCKAY

Lembranças da Luz

A influência duradoura de um acampamento de Moças na Itália





Três curtos assobios: hora de jantar. As três moças hesitam por um momento, mas o jantar pode esperar que elas terminem de compartilhar testemunhos e amizade.

Don e Catherine Thorpe

Ouvem-se vozes distantes através das árvores nas montanhas. Ao olhar para o alto do rochedo, vemos três meninas italianas, de braços dados, cantando e caminhando em nossa direção. Aos poucos reconhecemos a canção, uma das favoritas das moças SUD, "Caminhar pela Fé". Assim que Iris Cartia, Annalisa Brandonisio, e Stefania Ferrazano se aproximam, todas começam a falar de uma só vez: parte em inglês, parte em italiano e parte em francês, gesticulando bastante. Então Stefania começa a cantar uma música popular italiana para nós, acompanhada de dança e risos animados. Logo, as meninas ficam sérias de novo e cantam diversos hinos da Igreja. Estas moças, que têm em média de quinze a dezessete anos, são de áreas diferentes na Itália e condições de vida totalmente diversas, mas é bastante óbvio que elas gostam muito umas das outras.

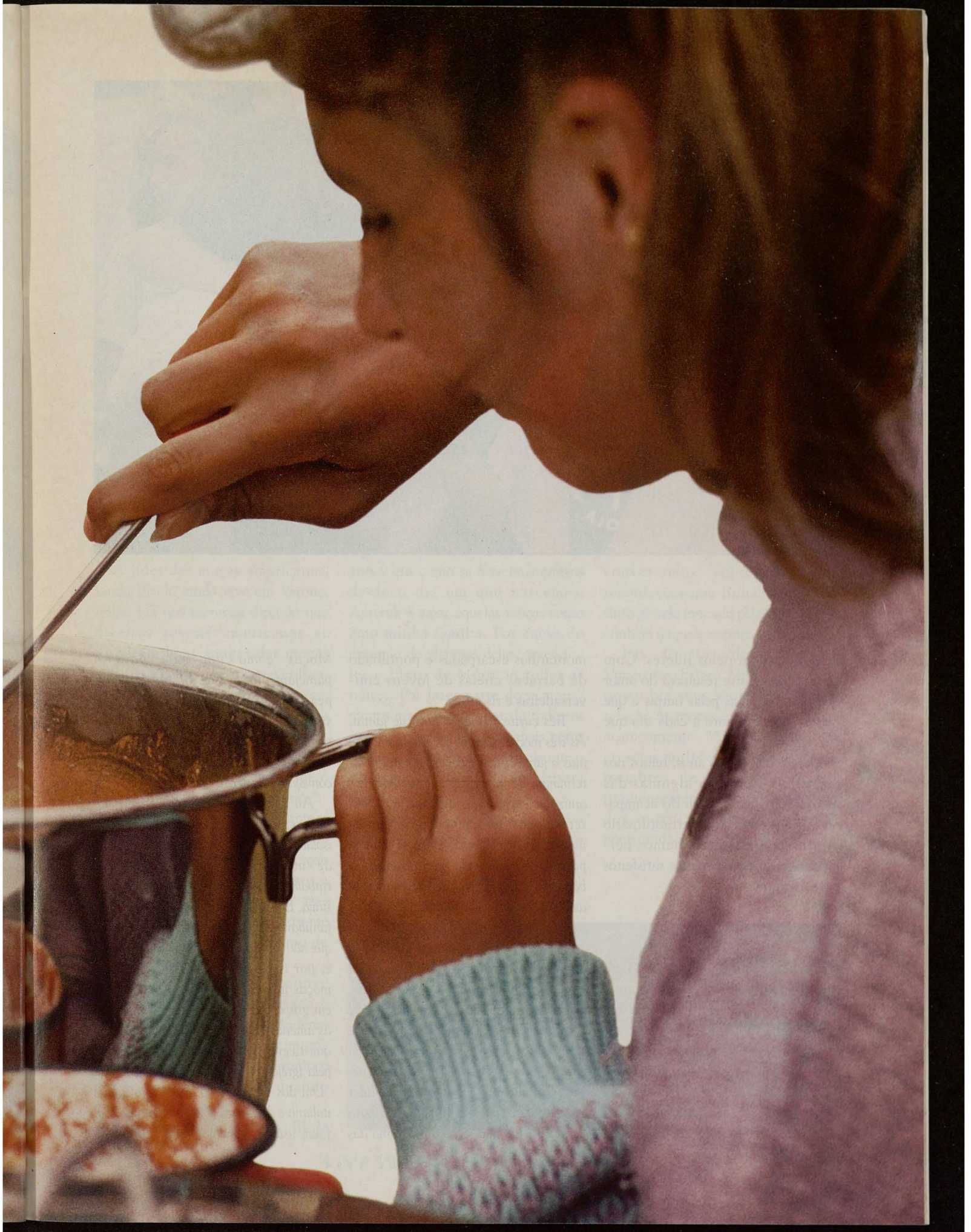
Estávamos no verão de 1990 e era a época de *Torchlight* 90, um acampamento de Moças de âmbito multiestacas na Itália. Mais de 130 moças participaram desse acampamento de uma semana nas escarpadas montanhas perto de L'Aquilla, cerca de 80 quilômetros de Roma.

Por acaso, estávamos em Trieste, Itália, no dia anterior à saída das jovens da ala para o acampamento. Rita Schina, a líder das Moças da Ala Trieste, convidou-nos para acompanhar o grupo. Tínhamos outros planos, mas um sentimento em nosso coração nos disse que devíamos ir, de modo que atendemos ao sussurro. E temos sido muito gratos por tê-lo feito.

Alguma coisa nos tocou espiritualmente com relação às moças que encontramos no acampamento. Talvez tenha sido o espírito que elas irradiavam e a animação que demonstravam em relação a seus ideais, ou até mesmo o respeito que



FOTOGRAFIA DE DON THORPE





demonstravam pelos líderes. Com certeza, uma parte resultava do amor que sentiam umas pelas outras e que crescia imensamente a cada dia que passavam juntas.

Com o correr dos anos, temos nos correspondido com algumas das moças que participaram do acampamento para ver se o extraordinário espírito que testemunhamos permanece com elas. Estamos satisfeitos em saber que sim.

UM COMEÇO

O acampamento foi dividido em sete locais, cada um representando um dos sete valores das Moças. Em cada local, as moças de diversas estacas ou distritos se misturavam para que pudessem fazer amigas de outras áreas da Itália. O acampamento estava localizado no planalto de Rocco di Mezzo, rodeado de montanhas escarpadas e pontilhado de barracas cheias de jovens conversadeiras e risonhas.

Três curtos assobios: hora de jantar. As três moças hesitam por um momento, mas o jantar pode esperar enquanto elas terminam de compartilhar testemunhos e amizade. Após mais algumas canções, retornamos ao acampamento lentamente. A cada manhã, todas se reúnem para a cerimônia de hasteamento da bandeira e logo depois se entretêm com as brincadeiras. Esta manhã, há nuvens no céu e o vento frio sopra nas montanhas. As moças fazem um semicírculo em frente às bandeiras e assim que o sol aparece sobre os picos das montanhas, ficam em silêncio para a oração de abertura. Os sons dos pássaros e grilos se misturam suavemente com o sussurro do vento. Esta é uma manhã importante, pois o irmão Christian Euvrard, líder regional de área, está discursando para as moças. Ele fala sobre o programa das Moças como um guia para o planejamento do futuro. Ao terminar, pega um graveto e quebra-o como símbolo de que a cerimônia está terminada. Agora é hora das brincadeiras e é então que algo incomum começa a acontecer.

Ao se formarem vários grupos de moças, um dos grupos parece ficar isolado dos outros. É um pequeno grupo de moças americanas cujos pais trabalham ou vivem temporariamente na Itália. Elas não falam italiano e não estão familiarizadas com alguns dos costumes que são comuns para as moças italianas e, por isso, sentem-se deslocadas. As moças italianas conversam brevemente em grupo e então caminham em direção às americanas e relatam uma experiência que tiveram numa atividade planejada pela Igreja em Florença, no ano anterior. "Um dos membros do grupo não falava italiano e decidimos passar o dia todo sem falar, usando somente gestos. Quando o

"Apesar de nunca nos termos visto antes, foi como se fôssemos amigas desde o dia em que nascemos. Por causa do exemplo de algumas delas, aprendi a ler o Livro de Mórmon toda noite. Por fazer parte do acampamento e receber o amor de todos os que estavam lá, senti-me mais perto de Deus do que nunca. Parecia que o véu que nos separa dele deixara de existir por um momento."

dia terminou, sentimo-nos muito mais próximas uma das outras". Em pouco tempo, americanas e italianas estão conversando e cantando juntas. Já é um começo.

UMA INFLUÊNCIA DURADOURA

A líder das moças americanas, Linda Black, ainda vive em Verona, Itália. Ela nos escreveu dizendo que diversas jovens americanas se tornaram boas amigas das moças italianas e continuam a escrever-lhes.

Annalisa Brandonisio, de Veneza, escreveu-nos: "Apesar de nossa língua e costumes serem diferentes, senti-me unida ao grupo americano por causa da forte influência que o Espírito do Senhor exercia em nós".

Ao contar-nos sobre o acampamento, disse: "Eu mal conseguia dormir à noite, pois sentia o coração cheio de emoções e sentimentos a respeito daquela semana nas montanhas. *Torchlight 90* ajudou-me a reconhecer que me aproximo de Deus ao ter bons amigos".

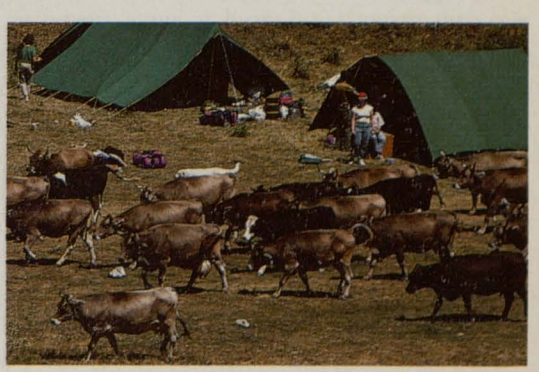
Annalisa tem agora dezenove anos. É missionária de estaca e professora visitante na Ala Modena, Estaca Veneza. Ela planeja cumprir missão de curto prazo neste verão e missão de tempo integral quando tiver a idade necessária.

Sonia Plescovich, do Ramo III de Gênova no distrito de Turim, escreveu: "*Torchlight 90* permanecerá em meu coração pelo resto da vida. Embora fôssemos muitas jovens vindas de diferentes lugares, todas tínhamos os mesmos ideais, os mesmos pensamentos e crenças. Apesar de nunca nos termos visto antes, era como se fôssemos amigas desde o dia em que nascemos. Aprendi a amar aquelas moças como amo minha família. Por causa do exemplo de algumas delas, aprendi a ler o Livro de Mórmon todas as noites. Por fazer parte do acampamento e receber o amor de todos os que estavam lá, senti-me mais perto de Deus do que nunca. Parecia que o véu que nos separa de Deus deixara de existir por um momento".

Sonia, com vinte anos agora, é a primeira conselheira na Sociedade de Socorro do ramo, professora visitante, regente do coral e organista do ramo. Ela planeja começar uma missão de tempo integral ainda este ano. Em sua mais recente carta, comentou: "Em uma das nossas recentes conferências do PAS, encontrei algumas moças que conheci no acampamento e conversamos sobre as boas recordações que tínhamos. Ainda sinto grande amizade pelas moças que conheci naquele acampamento".

Iris Cartia, do ramo de Vimercate, Estaca Milão, escreveu-nos sobre seus sentimentos com relação às moças que conheceu no acampamento: "A Igreja ainda não cresceu muito na Itália e até os membros de um ramo ou ala freqüentemente moram longe uns dos outros. Apreciei muito as oportunidades que tive de conviver





"Na última reunião de testemunho, as moças e líderes formaram um grande círculo e, de mãos dadas, cantaram uma música de despedida. Começaram com voz forte, mas terminaram em lágrimas e choro, seguidos de longo silêncio após a última oração." Uma jovem disse: "O Espírito do Senhor trabalha como mágica em nossos acampamentos de Moças: toca-nos o coração por apenas um segundo, mas pode mudar nossa vida para sempre".

com moças que compartilham minhas crenças e sentimentos. Foram momentos importantes em minha vida e deles adquiri a força necessária para prosseguir e ser diferente do mundo, ser uma luz para aqueles que me rodeiam. Sei que nem o tempo nem a distância pode impedir aqueles que amam o evangelho de se unirem em alegria, não importando de onde venham".

Logo após o acampamento, Iris nos escrevera: "Essa experiência ajudou-me a concentrar-me nas coisas importantes, tais como planejar minha vida de modo que possa cumprir missão e casar-me no templo".

Três anos mais tarde, essas metas ainda são importantes para Iris. Ela agora tem dezenove anos e é a organista do ramo, regente do coro da Sociedade de Socorro e professora visitante. Ela cumpriu uma missão de curto prazo em Turim, Itália, e corresponde-se com uma senhora de setenta e três anos que conheceu quando era missionária lá. Planeja, também, cumprir missão de tempo integral.

Iris continua a sentir a influência do acampamento em sua vida:

"*Torchlight* 90 deu-me um ideal e um exemplo que ainda vivem em meu coração. O exemplo dos líderes, no acampamento, inspirou consideravelmente o meu estilo de liderar".

Stefania Ferrazzano, do Ramo de Foggia, no distrito de Puglia, escreveu-nos sobre o acampamento: "Quando estava nas montanhas, sem o conforto moderno, dei-me conta de quanto o Senhor me tem abençoado. Isto me ajudou a saber que minha vida depende de Deus e que o evangelho é minha âncora e meu guia. No acampamento, aprendi que temos de lutar pelas coisas que desejamos alcançar e que, se fizermos nossa parte, o Senhor fará o resto".

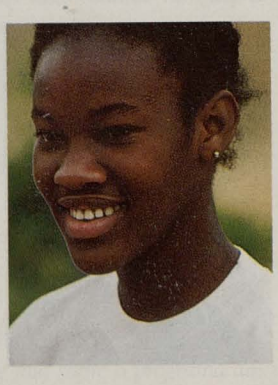
Stefania tem agora vinte anos e está pronta para sair em missão de tempo integral quando fizer vinte e um anos. Sua irmã atualmente cumpre missão em Milão. Stefania é a primeira conselheira na presidência da Sociedade de Socorro do ramo, bibliotecária do ramo e secretária adjunta. Ela também foi professora da Escola Dominical para os jovens de doze a dezoito anos e nos conta: "Mesmo após três anos, a influência de *Torchlight* 90 em meu testemunho ainda está presente".

"NO ALTO E SUBINDO CADA VEZ MAIS"

As moças reúnem-se em um "fogo de conselho" sem fogo — não é permitido fazer fogueiras ao ar livre nessas montanhas. As animadas conversas envolvem a todos e há um agitado levantar de mãos quando uma moça ou outra tenta chamar a atenção para um determinado ponto. Tudo isto se mistura com sorrisos e gargalhadas e uma eventual lágrima de compreensão.

As moças continuam a rir e falar animadamente até que a irmã Adele







Peloni, uma das líderes das Moças da Estaca Veneza e uma das líderes do acampamento, fica em pé, trazendo uma calma que aumenta a leveza do som da brisa das montanhas. Ela diz: "Lembrem-se dos padrões das Moças . . . Sejam fiéis a vocês mesmas". O tema do acampamento, "No alto e subindo cada vez mais", e a música do acampamento, "Caminhar pela Fé", refletem os ideais do programa das Moças em todo o mundo. As moças já ouviram estes conceitos antes, mas de algum modo, neste lugar, com as montanhas tão próximas e novos amigos ao redor, elas sentem uma energia enorme nas palavras que reforçam os sentimentos de amor entre elas e aumentam o desejo de estarem mais próximas do Espírito.

Quando o sol se põe atrás das altas montanhas e começa a escurecer, elas reúnem-se nas barracas e conversam sobre suas experiências no acampamento—armar barracas ao vento, fazer mesas de pedaços de madeira e cordas e cozinhar sem nenhum conforto. Quando a noite chega, tornam-se mais próximas e conversam a respeito de seus sentimentos e esperanças. Freqüentemente estes pensamentos se voltam para o evangelho e o significado que ele tem para elas.

Tivemos que deixar o acampamento antes da última noite, e, por isso, Tiziana Rossato, uma das líderes da Estaca Veneza, escreveu-nos para contar a experiência daquela noite: "Na última reunião de testemunho, as moças e líderes formaram um grande círculo e, de mãos dadas, cantaram uma música de despedida. Começaram com voz forte, mas terminaram em choro e lágrimas, seguidos de longo silêncio após a última oração".

Fomos ao acampamento para ver se tal experiência poderia mudar a vida das moças SUD. Agora percebemos que a experiência também mudou nossa vida. A alegria que as moças sentiram ao viver os padrões do evangelho e o sincero amor e respeito que demonstraram por nós e umas pelas outras têm tido uma influência permanente em nossa vida.

Ainda recebemos cartas das moças e elas freqüentemente nos falam sobre os ternos sentimentos que as ligam ao acampamento e às pessoas que conheceram lá e tornam a afirmar que *Torchlight 90* lhes modificou a vida. Uma das moças resumiu os sentimentos de todas que participaram do acampamento: "O Espírito do Senhor trabalha como mágica em nossos acampamentos de Moças: toca-nos o coração por apenas um segundo, mas pode mudar nossa vida para sempre". □



ILUSTRADO POR DILEEN MARSH

MINHA ROSEIRA

Nome omitido

Em meio às flores carinhosamente cuidadas de meu jardim existe uma roseira, a minha favorita. Seus galhos longos e finos são selvagens e sem finalidade. Por serem muito pesados, rastejam por cima da grama. Meu pai e meu marido, por inúmeras vezes, disseram-me que arrancasse a roseira, mas não o farei. Foi um presente de meu filho, Jon.*

Lembro-me do dia em que a recebi. A princípio pensei que Jon tivesse esquecido que era Dia das Mães, pois saíra de manhã cedinho sem dizer uma palavra. Ficara imaginando onde estaria. Não era normal que ignorasse totalmente um dia festivo. Apesar disto, apreciei as reuniões da igreja, os lindos presentes recebidos de outros familiares e o maravilhoso jantar que prepararam.

Finalmente, já tarde da noite, Jon chegou em casa com uma linda roseira florida, em um pequeno vaso. Ele planejara comprar a roseira e depois ir à igreja comigo, como presente especial de Dia das Mães, mas, assim como muitos de seus projetos sérios e grandiosos, este não havia dado certo. Em sua pesquisa para achar a roseira perfeita, perdera as chaves do carro e ficara preso. Prestei atenção a sua explicação enquanto lia sua nota escrita à mão. Prometeu que iria comigo à igreja na semana seguinte. As lágrimas atrapalharam-me a visão. Suas palavras ansiosas não eram promessas vazias, ele realmente desejava cumpri-las, mas alguma coisa sempre interferia em seus planos.

Cuidei dessa roseira em seu pequeno vaso por mais de um ano, com um cuidado maternal. Segui as instruções detalhadas que a acompanhavam. Colocava-a na garagem durante o inverno; protegia-a quando o sol do Arizona* estava muito quente. E nunca deixei de orar, bem como todos de minha família, pedindo que Jon pudesse prosperar e florescer, assim como desejava que a planta com que me havia presenteado o fizesse.

Quando nos mudamos do Arizona de volta para minha cidade natal no Wyoming, levei a roseira comigo no carro. Jon ficou no Arizona porque desejava ser independente. Visto que o Wyoming seria nosso lar permanente, plantei a roseira de Jon em nosso jardim.

No primeiro ano, apesar de todo meu empenho, de ler livros de jardinagem e de pedir ajuda, ela não se desenvolveu. Molhava as raízes, punha fertilizante e lutava contra os pulgões. Tentei de tudo. Ela ficou viva, mas nunca floriu. Toda vez que cuidava dela pensava em Jon no Arizona e orava por ele, que nos telefonava ocasionalmente e parecia confiante: "Tudo formidável, mãe. Sem problemas". Ficávamos, porém, preocupados. Da mesma forma, ansiosamente cuidava da roseira, e esperava que o próximo ano fosse melhor.

No outono, podei a roseira e coloquei esterco em suas raízes para protegê-la. O inverno naquele ano foi o pior dos últimos quarenta anos. Esperei ansiosamente para ver se minha planta especial sobrevivera. Com o casaco sendo açoitado pelo vento sibilante, ajoelhei-me na neve e olhei para os galhos desfolhados da roseira. Haveria qualquer sinal de vida sob a terra coberta de neve? Impossível dizer.

**Os Nomes e Lugares foram mudados*

ILUSTRADO POR DILEEN MARSH

Naquele inverno senti que a vida de Jon não estava indo tão bem quanto ele esperava. Muitas noites, quando o vento leste soprava e as janelas batiam, eu ficava sem dormir pensando se ele freqüentava a igreja, se comia bem, ou se estava saindo com seus amigos que usavam drogas. Embora Jon nunca nos dissesse em seus telefonemas, sentíamos que ele se debatia com problemas que não podia resolver. Parecia estar sofrendo de intensa depressão. Nós o amávamos, lembrava-lhe eu, sentíamos saudades e ele sempre seria bem-vindo se voltasse. Disse-lhe que estávamos dispostos a pagar para que tivesse tratamento médico se desejasse.

Quando a primavera finalmente chegou, as outras roseiras do jardim começaram a brotar com pequeninas folhas vermelhas, mas a minha roseira favorita estava sem folhas e parecia sem vida. Com a esperança de que de alguma forma pudesse reavivá-la, regava-a à mão e tirava as folhas mortas que lhe cobriam as raízes.

Certa tarde, meu pai, um jardineiro experiente, inspecionou minha roseira e declarou que estava morta. Com sua bengala ele bateu no caule marrom e curtido pelo tempo e disse que era hora de desistir e plantar outra roseira em seu lugar. Eu, porém, não segui seu conselho.

Naquela primavera fiz mais jejuns e orei mais fervorosamente por Jon. Fui ao templo mais vezes e sempre deixava seu nome na lista de oração. Então recebemos um telefonema no meio da noite. Jon havia decidido voltar para casa. Não nos disse o motivo, mas não tinha importância; estávamos felizes simplesmente porque voltaria para junto de nossa família.

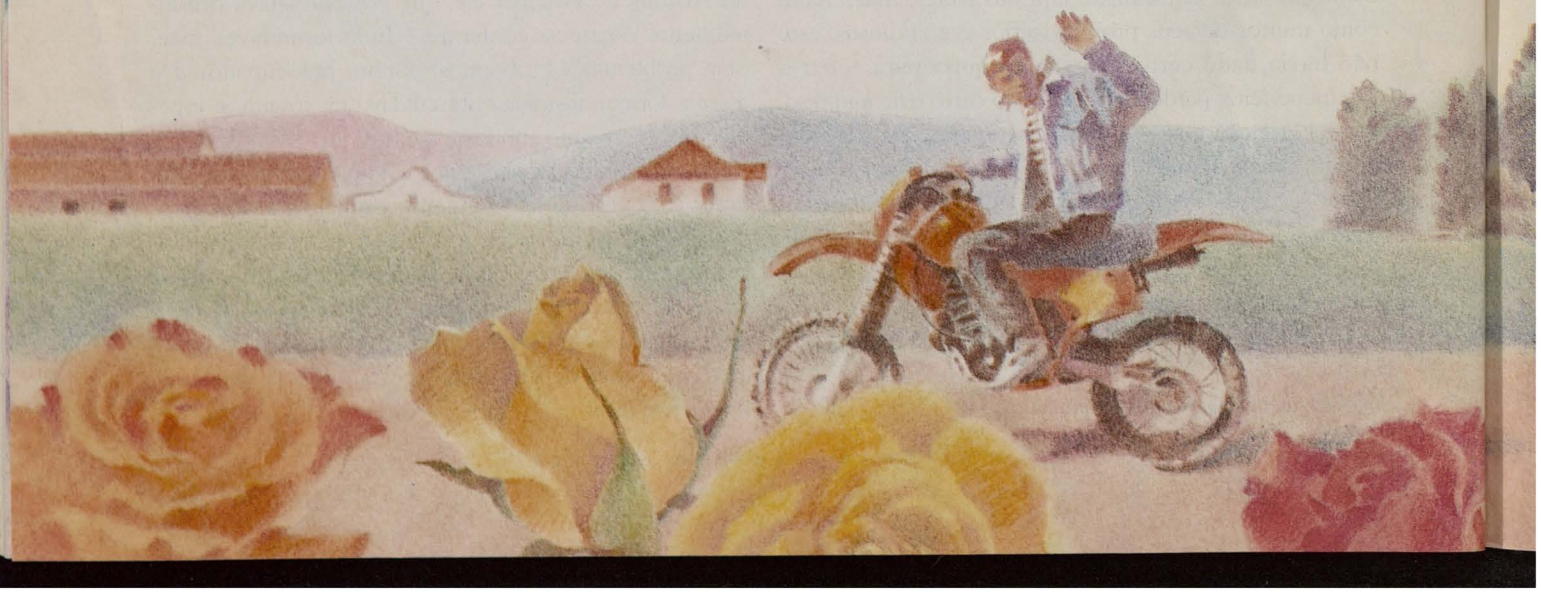
Pouco tempo depois, trabalhando nas roseiras, percebi um rebento pequenino que tentava brotar das raízes de minha roseira especial. Apesar de tudo, ela havia sobrevivido! Estava tão animada, que insisti com meu pai para que viesse a nossa casa e presenciasse aquele broto milagroso.

"Será uma roseira selvagem", meu pai disse. Pacientemente, ele remexeu no broto coberto de esterco com sua bengala. "Este broto é um rebentão, brotando debaixo do enxerto, jamais dará flores. É melhor arrancá-la agora e plantar outra roseira".

"Nunca", disse eu. Lágrimas rolavam em meu rosto. Ela havia suportado o inverno, embora tivéssemos pensado que havia secado. Não poderia desistir agora.

Então, continuei a cuidar de minha roseira. Muitas vezes trabalhava em meu jardim bem cedo. Valorizo muito o sentimento tranqüilo que me vem quando ajoelho na grama, cuido de minhas rosas e oro por Jon. Sou grata por ele estar em casa. Nossas orações em família por Jon continuam. Estamos todos felizes por tê-lo de volta. Pelo menos não temos que nos preocupar se ele está comendo ou não. Minha intuição materna me diz que ele ainda não está bem. Meu pai e meu marido me dizem que Jon ainda é jovem e que irá amadurecer e saberá pôr sua vida em ordem. Guardo para mim os momentos preciosos da manhã. Logo o calor, as frustrações e desafios do dia os perturbarão. Mas ainda não.

Descanso um pouco e observo o céu cor-de-rosa ficar mais claro. O amanhecer é tão especial que me espanto de tê-lo detestado quando criança. Passei meu décimo terceiro verão na casa de vovó em Preston, Idaho. Queria comer framboesas, nadar no canal e ler livros, mas minha rigorosa avó insistia em que eu cuidasse das rosas, colhesse morangos e aprendesse a costurar. Eu costumava esconder-me debaixo dos cobertores e fingia que



estava dormindo enquanto ouvia vovó preparar o desjejum. Ela me chamava para que saísse e trabalhasse em seu jardim, mas eu a ignorava quando podia e adormecia com os estalidos de sua tesoura de podar e o farfalhar das folhas nos arbustos.

Quando tinha que trabalhar no jardim, reclamava. Ainda assim, ao conversar com vovó enquanto o sol começava a subir no céu, aprendi a querer-lhe bem, a amá-la. No jardim, ela não parecia ser tão austera e proibitiva como normalmente era. Ela me contou de seu amor por vovô, e como nunca havia perdido a esperança nele, embora por muitos anos não fosse membro da igreja. Com lágrimas nos olhos e um sorriso contou-me que o dia mais feliz de sua vida foi quando vovô levou a família ao templo para ser selada.

Trabalhar em meu jardim faz-me lembrar de vovó e de sua fé em vovô. A tesoura de podar provoca cãibras na mão enquanto podo minha roseira selvagem e com os galhos crescidos. Cuidadosamente arrumo os galhos em uma pilha. Um som de música repentino, do rádio no quarto de Jon no porão, me assusta, mas rapidamente é silenciado e a tranqüilidade volta a reinar. Jon logo estará levantando.

Ao terminar a poda o sol já está alto, quente no meu rosto. A pilha de galhos está mais alta do que esperava. Minhas mãos e braços foram arranhados e feridos ao forçar os galhos espinhosos no saco de lixo. Vários espinhos fortes furaram-me a mão, e ela está sangrando. Ouço um pássaro cantar ao ajoelhar-me na grama, e fico a pensar se os pássaros sentem alguma coisa quando observam seus filhotes voarem pela primeira vez. Meu coração está tão dolorido quanto minhas mãos, e sei que o calor logo será tão intenso que terei de entrar em casa.

Escuto a motocicleta de Jon roncar ao sair para o trabalho, e descanso um pouco. Minhas lágrimas caem como a chuva enquanto meu coração o acompanha. Então, recordo-me de vovó. Lembro-me de observá-la enquanto enxertava um galho de sua roseira mais bonita em uma roseira velha e meio morta. Sua voz ecoa em minha mente vinda do passado. "Não desistirei desta planta sem lutar", disse-me ela naquela manhã muito tempo atrás. "É preciosa demais para não tentar recuperá-la".

O sol estende-se por trás das montanhas e derrama seus raios sobre mim enquanto estou ajoelhada ao lado de minha roseira especial. Fico curiosa sobre a possibilidade de enxertar alguns galhos das roseiras de meu pai na roseira estéril que Jon me deu. Talvez então se tornasse produtiva. Talvez o jardim de meu pai tenha roseiras que descendam das roseiras do jardim de vovó. Fecho os olhos e vejo vovó trabalhando industriosamente ao raiar do dia, cuidando de suas rosas perfumadas. Fico a pensar se teriam tentado convencê-la de que as rosas jamais cresceriam na terra árida de Idaho. Será que teriam alguma vez sugerido, durante os anos em que não era membro da Igreja, que vovô nunca mudaria? Será que vovó teria dado ouvidos a tais comentários? Ou será que continuou a trabalhar, a orar e a esperar?

Não me importo se não sou prática. Não me importo se oramos por milagres que possam parecer improváveis a alguns. Irei ao jardim de meu pai e farei alguns enxertos de suas roseiras. Não desistirei de minha roseira querida. □



De Todo o Coração

Seth H. Boyle

Cresci como qualquer outra criança da Igreja, indo à escola, praticando esportes e tendo outros interesses. Quando tinha dezoito anos, comecei a pensar em cumprir missão. Meu irmão mais velho cumpriu missão no Brasil e minha irmã estava em missão na Inglaterra. A missão sempre me parecera a coisa certa a fazer.

Ao me aproximar do último ano colegial, porém, comecei a ficar preocupado. Não estava certo de que podia testificar de todas as partes do evangelho —particularmente da história de Joseph Smith. Um de meus melhores amigos disse-me: "Por que vai sair em missão? Só porque seu pai mandou e tem medo de não ir?" Pensei nisso várias vezes até decidir que era melhor descobrir por que ia para a missão.

Nessa época, já havia enviado os documentos exigidos. Procurei meu pai para que me ajudasse na preparação. Todo domingo passávamos uma hora ou duas em meu quarto conversando sobre algum tema do evangelho ou simplesmente lendo as escrituras. Meu pai incentivou-me a ler *Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro*, que terminei antes de entrar no Centro de Treinamento Missionário. Eu sentia nitidamente que estava fazendo o que devia ser feito.

Após várias semanas no CTM, porém, fiquei desanimado. Meu testemunho de Joseph Smith ainda não era tão forte quanto eu achava que devia ser. Comecei a orar de todo o coração. Nenhuma resposta. Pensei que talvez estivesse fazendo algo errado, então li as escrituras, conversei com pessoas, fiz tudo o que podia. Ainda assim, nada.

Então, uma semana mais tarde, meu professor predileto do CTM fez-nos representar o ensinamento do quarto princípio da primeira palestra, que era justamente sobre Joseph Smith. Quando meu companheiro, Élder Brockbank, começou a ensinar sobre o Profeta, recebi a resposta de minhas orações. Quando ele terminou, eu estava chorando. Nunca esquecerei aquela noite. Serei eternamente grato por Élder Brockbank e a maneira como deu a mensagem de Joseph Smith. Seu testemunho ajudou-me a receber o meu.

Meu testemunho nunca foi tão forte como agora, e prestá-lo ao povo alemão todos os dias é maravilhoso. Sei, hoje, de todo o coração, que Joseph Smith foi chamado por Deus para liderar esta dispensação. □

FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE



FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE



ILUSTRADO POR PAUL MANN

ERGA-SE E DEFENDA SUA CRENÇA

Élder James E. Faust
Do Quórum dos Doze

Meus queridos amiguinhos, a Igreja a que pertencemos representa muitas coisas, incluindo integridade, honestidade e altos objetivos.

Como membros individuais da Igreja, temos também nossa própria identidade. Cada um de nós representa alguma coisa, quer seja forte ou não, boa ou não.

É importante que cada um de nós defenda, apóie e viva integral e abertamente aquilo que a Igreja representa em nossa vida.

Sinto-me inclinado a contar uma história a respeito de uma experiência própria. Talvez a lição que tenha aprendido na ocasião seja de alguma ajuda para vocês.

No terrível ano de 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, fui incorporado ao Corpo de Aviação do Exército como soldado. Numa noite fria no campo de Chanute, no estado de Illinois, foi-me dada a responsabilidade da guarda da noite. Caminhando em volta de meu posto, tremendo de frio e, ao mesmo tempo, tentando manter-me acordado, meditei sobre meus problemas durante toda aquela longa e horrível noite. Pela manhã, tinha chegado a algumas conclusões.

Estava noivo e sabia que não poderia sustentar minha esposa com o salário de soldado. Senti que precisava me tornar um oficial. Um ou dois dias após a noite que passei de guarda, preenchi os papéis para a Escola de Candidatos a Oficial. Logo depois, no dia marcado, fui convocado, juntamente com outros, a comparecer diante de uma junta que tinha como objetivo avaliar minhas qualificações e aptidões. Estas eram poucas, mas havia cursado dois anos de faculdade, servira missão para a Igreja na América do Sul, tinha vinte e dois anos e boa saúde. Com tão poucas qualificações, fiquei grato de poder incluir o fato de que havia sido missionário da Igreja.

As perguntas que me foram feitas pela junta de oficiais muito me surpreenderam. Praticamente, todas as perguntas centralizavam-se no meu trabalho missionário e no que acreditava. "Fuma?" "Bebe?" "O que pensa dos outros que fumam ou bebem?" Não tive nenhum problema para responder a estas perguntas.

"Ora?" "Acha que um oficial deve orar?" O oficial que

ILUSTRADO POR PAUL MANN

me fez estas últimas perguntas era um militar de carreira bastante experiente. Ele não parecia ter o hábito de orar freqüentemente. Ponderei: *Iria ofendê-lo se respondesse de acordo com minha crença? Deveria dar-lhe uma resposta menos controvertida e dizer-lhe simplesmente que a oração é um assunto pessoal?* Queria muito ser oficial, pois assim não precisaria fazer a guarda da noite nem trabalhar na cozinha, mas, principalmente, porque teria condições de me casar com minha querida noiva.

Decidi não mentir e respondi que eu orava e achava que os oficiais deviam buscar orientação divina, assim como alguns grandes generais já o haviam feito. Acrescentei que os oficiais, em determinados momentos, deveriam estar preparados para liderar seus homens em todas as atividades, incluindo a oração, se necessário.

Meus examinadores fizeram perguntas ainda mais interessantes: "Em tempos de guerra, não deveria o código moral ser mais flexível?" perguntou um oficial de alta patente. "O estresse da batalha não justifica os homens fazerem coisas que não fariam em casa, em situações normais?"

Aí estava uma chance de mentir um pouco para dar uma boa impressão e mostrar-me uma pessoa bem flexível. Sabia perfeitamente que os homens que me faziam estas perguntas não viviam os padrões que eu havia sido ensinado a viver, que tentava viver e que havia ensinado a outros. Pensei comigo mesmo: *lá se vão minhas esperanças de tornar-me oficial.* Veio-me à mente o pensamento de que talvez eu ainda pudesse ser fiel a meus princípios e responder que tinha meus conceitos com relação a moralidade, mas que não desejava impor minha opinião aos outros. Parecia-me, contudo, ver os rostos das muitas pessoas a quem ensinara a lei da castidade como missionário e sabia perfeitamente o que as escrituras dizem sobre fornicação e adultério.

Não podendo retardar minha resposta por mais tempo, disse simplesmente: "Não acredito que exista mais que um padrão de moralidade".

Houve mais algumas perguntas para descobrir, acredito, se eu estava tentando ou não viver e comportar-me diante do mundo de acordo com a fé que tinha. Deixei a entrevista lamentando que os oficiais que me haviam questionado a respeito de nossas crenças não iriam gostar das respostas que dera e iriam com certeza dar-me notas muito baixas. Poucos dias depois, as notas foram afixadas e, para minha surpresa, a nota ao lado de meu nome era "95 por cento". Fiquei espantado. Fiz parte do primeiro grupo chamado para a Escola de Candidatos a Oficial e fui promovido ao posto de cabo para entrar na escola. Formei-me, tornei-me segundo tenente, casei-me com minha namorada e "vivemos felizes para sempre".

Esta foi uma das mais difíceis decisões da minha vida, uma das muitas vezes que tive de erguer-me, examinar minha alma, e, como todos vocês, ser identificado. Nem todas as experiências de minha vida nas quais tive que defender minha crença terminaram do modo que eu gostaria, mas sempre fortaleceram minha fé e ajudaram-me a adaptar-me a outras ocasiões em que o resultado foi diferente.

Por mais que tentemos, não podemos esconder o que somos. Aquilo que somos se irradia de dentro de nós. Somos transparentes. Quando tentamos enganar, enganamos a nós mesmos.

Aqueles que permanecem firmes, constantes e imutáveis recebem grande poder interior e força invisível e serão investidos de plenos e vigorosos recursos espirituais.

Presto meu testemunho do sagrado trabalho em que estamos envolvidos. O cabeça que dirige esta igreja é nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Ele lidera e dirige o trabalho através de um profeta vivo, que, por sua vez, dirige os trabalhos do reino sobre a Terra. □



Orson Hyde Dedica a Palestina para a Volta dos Judeus, de Clark Kelley Price

Élder Orson Hyde, do Quórum dos Doze Apóstolos, registrou sua experiência ao dedicar a Terra Santa: "Domingo, 24 de outubro [1841], bem antes de amanhecer, levantei-me e, assim que os portões foram abertos, saí da cidade, atravessei o ribeiro Cedrom, subi ao cume do Monte das Oliveiras e lá, em silêncio reverente, . . . proferi a oração [dedicatória] a Ele, que vive para todo o sempre" (*History of the Church*, 4:456).



Armar barracas ao vento, fazer mesas de pedaços de madeira e cordas e cozinhar sem nenhum conforto tornaram-se alegres lembranças de um acampamento das Moças, na Itália. E o que dizer das influências duradouras?

Ver "Lembranças da Luz", página 34.



